

Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna



**João Miguel Ramalho Luzio**

Aspirante a Oficial de Polícia

**Dissertação de Mestrado Integrado em Ciências Policiais**

XXXIV Curso de Formação de Oficiais de Polícia

***Soft targets* e a ameaça dos atacantes ativos: O caso  
dos estabelecimentos de ensino universitário em  
Lisboa**

Orientadora:

**Prof.<sup>a</sup> Doutora Raquel dos Santos Duque**

Lisboa, 13 de maio, 2022



Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna



**João Miguel Ramalho Luzio**

Aspirante a Oficial de Polícia

**Dissertação de Mestrado Integrado em Ciências Policiais**

XXXIV Curso de Formação de Oficiais de Polícia

***Soft targets* e a ameaça dos atacantes ativos: O caso  
dos estabelecimentos de ensino universitário em  
Lisboa**

Orientadora:

**Prof.<sup>a</sup> Doutora Raquel dos Santos Duque**

Lisboa, 13 de maio, 2022





**Estabelecimento de Ensino:** Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna

**Curso:** XXXIV CFOP

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Doutora Raquel dos Santos Duque

**Título:** *Soft targets* e a ameaça dos atacantes ativos: O caso dos estabelecimentos de ensino universitário em Lisboa

**Autor:** João Miguel Ramalho Luzio

**Local de Edição:** Lisboa

**Data de Edição:** 13 de maio de 2022

Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências Policiais, elaborada sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Raquel dos Santos Duque.

## **Dedicatória**

*Aos meus pais e irmãos.*

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Raquel Duque, por ter aceitado o desafio de orientação, por toda a ajuda e por ter mostrado interesse e entusiasmo no caminho que eu desejava seguir.

Aos dirigentes dos estabelecimentos de ensino universitário que se disponibilizaram para participar nas entrevistas da investigação, oferecendo um valioso contributo.

À Polícia de Segurança Pública, em especial ao Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, pela oportunidade de formação, de conhecer novas pessoas e de encontrar um espírito de missão para o resto da minha vida.

À minha família, que é a coisa mais preciosa que tenho na vida. Sempre presentes, sempre apoiantes, sempre entusiasmados por mim. O facto de vos orgulhar deu-me motivação ao longo do curso, bem como a segurança de que estava a seguir o caminho certo.

Aos meus melhores amigos em Tomar, que já somam muitos anos ao meu lado e me acompanharam durante estes cinco anos. Ao Daniel, pela contínua amizade, pelo constante contacto, pelos *memes* e palhaçada. Ao Litos, pela contínua amizade, por me continuar a acompanhar no esforço analítico da NBA, e ainda pela ajuda na realização deste trabalho. Ao Pinheiro, pela contínua amizade e pelos convites para sair à noite! Sempre tirei bastante conforto da nossa amizade nos momentos mais difíceis longe de casa.

À Família 3/25, com a qual sempre pude contar quando precisava de ajuda, ou simplesmente uma conversa. Tive muita sorte na família que me calhou, e pelas amizades que fiz. Sei que posso contar convosco, e vós comigo.

Ao XXXIV CFOP, pela camaradagem e por todos os bons e maus momentos. Sinto que somos um curso especial. Fazer parte de um grupo de pessoas que partilharam o mesmo objetivo, frustrações e preocupações foi uma experiência única. Sinto que todos crescemos juntos e que ao longo da nossa vida vamos ter sempre uma ligação especial. Um agradecimento mais forte aos mais próximos por todo o apoio, vivências, piadas, mas sobretudo por fechar esta etapa e saber que tenho vários amigos para a vida.

Chegou a altura de encerrar esta jornada. Finalmente. Sinto que cresci, mudei e aprendi como académico, amigo, filho, irmão e pessoa. Após cinco anos de muitas experiências, obstáculos, noitadas, bons e maus momentos, chegou o fim. Um fim que é apenas o início.

## **Epígrafe**

*“Remember, if you fail to prepare, you are preparing to fail.”*

Harper, 1919, p. 81

## **Resumo**

Os ataques em espaços públicos europeus têm sido predominantemente levados a cabo por indivíduos isolados, denominados atacantes ativos, que podem agir sob uma determinada ideologia política, religiosa, económica ou social, ou simplesmente por motivações pessoais provenientes de frustrações e sentimentos levados ao limite. Desta forma, é imperativo refletir sobre como garantir a segurança e tranquilidade nestes espaços vulneráveis e de elevada afluência de pessoas, quando as medidas de segurança existentes tendem a ser pouco rigorosas. Esta investigação analisa os estabelecimentos de ensino universitário (EEU) em Lisboa, de forma a perceber se estes estabelecimentos e os seus utilizadores estão preparados para prevenir e reagir na eventualidade de um ataque. Para tal, é feita uma pesquisa qualitativa e exploratória de modo a possibilitar uma compreensão ampla dos contextos e fenómenos em estudo. São realizadas entrevistas a vários dirigentes destes estabelecimentos, de modo a caracterizar o quadro securitário e a cultura de segurança existentes nestes locais. Os resultados apontam para uma notória fraca preparação destes estabelecimentos. Enquanto o quadro securitário demonstra ser suficientemente adequado ao nível da prevenção para o nível de risco existente em Portugal, pode ser melhorado no que toca à reação, com a implementação de novas medidas e a instalação de certos equipamentos, estando os dirigentes cientes dessas possibilidades. No entanto, no que concerne a cultura de segurança associada a estes estabelecimentos, esta não se revela adequada nem para a prevenção, nem para a reação a um ataque, tornando-se necessário mudar a perceção da comunidade do ensino universitário acerca desta ameaça. Isto pode ser feito através da formação, capacitando as pessoas para que possam adotar as atitudes e comportamentos apropriados, sejam estes de carácter preventivo ou reativo.

**Palavras-chave:** *Soft targets*; atacantes ativos; atacantes escolares; estabelecimentos de ensino universitário

## **Abstract**

Attacks in European public spaces have predominantly been carried out by single individuals, called active attackers, who may act under a particular political, religious, economic or social ideology, or simply due to personal motivations stemming from frustrations and feelings pushed to the limit. In this way, it is imperative to reflect on how to guarantee security and tranquillity in these vulnerable spaces with a high affluence of people, when existing security measures tend to be lax. This research analyses the university teaching establishments (UTE) in Lisbon, in order to understand if these establishments and their users are prepared to prevent and react in the event of an attack. To this end, qualitative and exploratory research is carried out in order to enable a broad understanding of the contexts and phenomena under study. Interviews are conducted with several managers of these establishments, in order to characterise the security framework and culture existing in these places. The results point to a notorious weak preparedness of these establishments. While the security framework is adequate enough in terms of prevention for the risk level existing in Portugal, it can be improved in terms of reaction, with the implementation of new measures and the installation of certain equipment, being the managers aware of those possibilities. However, regarding the security culture associated to these establishments, it is not adequate neither for prevention, nor for reaction to an attack, making it necessary to change the perception of the university education community about this threat. This can be done through training, enabling people to adopt the appropriate attitudes and behaviours, whether preventive or reactive.

**Keywords:** *Soft targets*; active attackers; school attackers; university education establishments

## Índice

<b>Dedicatória .....</b>	<b>iii</b>
<b>Agradecimentos .....</b>	<b>iv</b>
<b>Epígrafe .....</b>	<b>v</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>vi</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>vii</b>
<b>Índice .....</b>	<b>viii</b>
<b>Índice de Figuras .....</b>	<b>xi</b>
<b>Índice de Tabelas .....</b>	<b>xii</b>
<b>Lista de abreviaturas, acrónimos e siglas.....</b>	<b>xiii</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I – Enquadramento temático e conceptual.....</b>	<b>4</b>
1. A proteção de <i>soft targets</i> .....	4
1.1. Conceito de <i>soft targets</i> .....	4
1.2. Risco e vulnerabilidade .....	5
1.3. <i>Soft target hardening</i> (fortalecimento de alvos vulneráveis) .....	7
1.4. Fortalecimento dos alvos vulneráveis europeus.....	10
2. A ameaça dos atacantes ativos.....	13
2.1. Conceito de atacante ativo.....	13
2.2. Tipologias de atacantes ativos.....	14
2.2.1. Lobo solitário.....	14
2.2.2. Assassino ativo .....	18
2.2.3. Comparação entre lobos solitários e assassinos ativos.....	19
2.2.4. Atacantes escolares.....	25
<b>Capítulo II – Os estabelecimentos de ensino como alvos vulneráveis.....</b>	<b>29</b>
1. Caracterização dos estabelecimentos de ensino.....	29

2. A influência de famosos ataques a estabelecimentos de ensino na inspiração de novos atacantes escolares .....	30
3. Ataques a estabelecimentos de ensino – Estados Unidos vs Europa .....	33
4. Problema da investigação .....	36
4.1. Descrição da problemática .....	36
4.2. Objetivos do estudo .....	37
<b>Capítulo III – Método .....</b>	<b>38</b>
1. Participantes .....	39
2. <i>Corpus</i> .....	39
3. Instrumentos .....	39
3.1 Instrumento de recolha de dados: Entrevistas .....	39
3.2 Instrumento de análise de dados: Análise de conteúdo .....	40
4. Procedimento .....	41
<b>Capítulo IV – Apresentação e discussão dos resultados .....</b>	<b>45</b>
1. Gestão global da segurança .....	45
2. Reação a ataque por atacante ativo .....	47
3. Corresponsabilização .....	50
4. Problemas identificados .....	53
5. Fortalecimento da comunidade do ensino universitário .....	54
<b>Conclusão .....</b>	<b>59</b>
<b>Referências .....</b>	<b>62</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>80</b>
<b>Apêndices .....</b>	<b>82</b>
Apêndice A - Casos de análise de lobos solitários .....	82
Apêndice B - Casos de análise de assassinos ativos .....	83
Apêndice C - Ataques a estabelecimentos de ensino europeus nos últimos 40 anos .....	84
Apêndice D – Guião de entrevista .....	95

Apêndice E – Termo de consentimento informado .....	97
Apêndice F – Grelha categorial .....	98
Apêndice G – Codificação .....	99

## **Índice de Figuras**

Figura 1. Número de vítimas por tipo de atacante ativo.....	20
Figura 2. Localização dos alvos dos lobos solitários e respetivas vítimas .....	20
Figura 3. Localização dos alvos dos assassinos ativos e respetivas vítimas .....	21
Figura 4. Meio mais usado por tipo de atacante ativo e respetivas vítimas .....	22
Figura 5. Outros meios usados por tipo de atacante ativo e respetivas vítimas .....	23
Figura 6. Regiões mais afetadas pelos ataques considerados.....	24
Figura 7. A influência de atacantes escolares.....	32

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1. Evolução do fenómeno de atacantes escolares na Europa.....	35
Tabela 2. Evolução do fenómeno de atacantes escolares em estabelecimentos de ensino universitário europeus.....	35

## **Lista de abreviaturas, acrónimos e siglas**

AA	Assassino ativo
AE	Atacante escolar
CE	Comissão Europeia
EE	Estabelecimentos de ensino
EEU	Estabelecimentos de ensino universitário
EUA	Estados Unidos da América
FCUL	Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
FSS	Forças e Serviços de Segurança
LS	Lobo solitário
PSP	Polícia de Segurança Pública
PUS	Programa Universidade Segura
UE	União Europeia

## **Introdução**

Na Europa, o aumento dos ataques terroristas levados a cabo por indivíduos isolados é preocupante. O relativo isolamento destes indivíduos em comparação com grupos organizados, o “carácter quase espontâneo dos seus ataques” (Lloyd & Pauwels, 2021, p. 4) e o facto de estarem “inseridos culturalmente na sociedade anfitriã que pretendem atacar” (Duarte, 2013, p. 48) tornaram mais difícil para as autoridades policiais detetar e impedir os seus planos. Em 2020, todos os 11 ataques terroristas perpetrados na Europa (10 deles jihadistas e um de extrema-direita) foram levados a cabo por atores isolados (Europol, 2021). No entanto, ataques concretizados por indivíduos isolados não se cingem a ataques de natureza terrorista. Existem também indivíduos que atuam da mesma forma, mas segundo motivações pessoais e desprovidos de ideologias, como sucedeu com o estudante que realizou o ataque na Faculdade de Kerch, na Ucrânia, em 2018, movido por frustrações pessoais (Smith, 2019).

Estes ataques ocorrem, maioritariamente, em *soft targets* (alvos vulneráveis), que podemos definir como espaços públicos, ou privados e abertos ao público, cujas medidas de segurança são pouco rígidas e onde se reúnem muitas pessoas. Dadas estas características, constituem-se como os alvos ideais para atacantes ativos, isto é, indivíduos que têm como objetivo matar de forma ativa e contínua o maior número de pessoas numa determinada área. Os estabelecimentos de ensino (EE) constituem alvos vulneráveis. Além disso, estes estabelecimentos são uma parte integrante e fulcral de qualquer sociedade, e em Portugal isso não é exceção. Em 2020, existiam 1 997 891 alunos matriculados no sistema de ensino nacional (da educação pré-escolar até ao ensino superior) (PORDATA, 2022a). Deste modo, garantir a segurança dos alunos, professores e funcionários é extremamente importante. De forma a limitar o objeto de estudo, optámos por concentrar a análise em estabelecimentos de ensino superior, especificamente em EEU (públicos e privados). Em 2021, Portugal possuía 411 995 alunos matriculados no ensino superior, 261 299 dos quais no ensino universitário (um máximo histórico), número que tem vindo a aumentar constantemente desde 2015 (PORDATA, 2022b).

A escolha dos EE dentro da extensa lista de *soft targets* existentes não foi aleatória. Com efeito, a realidade experienciada nos EUA quanto a ataques em EE é de difícil comparação com a realidade europeia, uma vez que as leis e costumes são muito diferentes, especialmente no que toca ao acesso a armas de fogo. Contudo, não será correto pensar que

o problema dos ataques em EE seja algo exclusivo à realidade norte-americana. Aliás, não só também têm ocorrido em território europeu, como em fevereiro deste ano Portugal foi surpreendido por um plano de ataque contra um EE que veio a ser impedido.

Os ataques em EE não são apenas um problema dos estabelecimentos, ou um problema das Forças e Serviços de Segurança (FSS); envolvem os estabelecimentos, as famílias e as comunidades. Um jovem chega à sua escola com uma experiência de vida coletiva, tanto positiva como negativa, moldada pelos ambientes familiares, escolares, sociais e culturais. Dessa experiência coletiva resultam valores, preconceitos, emoções e as reações do jovem à formação, *stress* e autoridade. O seu comportamento na escola é afetado por toda uma série de experiências e influências sem nenhum fator se tornar decisivo *per se*. Da mesma forma, nenhum fator é completamente desprovido de efeito, o que significa que quando um estudante mostra sinais de comportamento potencialmente violento, as instituições educativas e outros atores sociais têm a capacidade, e a responsabilidade, de impedir que esse potencial se torne real (O'Toole, 1999).

O propósito desta investigação será explorar a temática dos *soft targets* e atacantes ativos em Portugal, analisando em concreto o caso dos EEU em Lisboa, de modo a aferir se estes locais se encontram preparados para fazer face a este tipo de ameaça. O objetivo é caracterizar o modo como é feita e pensada a segurança nestes espaços, bem como explorar se esse processo pode ser melhorado. Esta investigação pretende ser um contributo para a literatura portuguesa, não só porque o fenómeno dos atacantes ativos é atualmente relevante e pode ter um significativo impacto na sociedade, como também se trata de uma linha de investigação que deve ser potencializada especificamente para incidentes deste tipo na Europa, a fim de desenvolver políticas e legislação eficazes e ajustadas à nossa realidade.

Deste modo, no primeiro capítulo foi realizado um enquadramento teórico e conceptual, de forma a introduzir e clarificar vários conceitos que serão utilizados ao longo do trabalho. São explorados o conceito de *soft target*, os riscos e vulnerabilidades que lhes estão associados, a implementação de medidas de segurança nestes locais e o modo como estas são consideradas na Europa. De igual modo, é explorado o conceito de atacante ativo, fazendo a distinção e comparação entre várias tipologias. No segundo capítulo, os EE são caracterizados como alvos vulneráveis, demonstra-se o efeito e influência que os ataques a estes estabelecimentos têm na reprodução destes incidentes, e é ainda feito o enquadramento dos ataques em EE europeus nos últimos 40 anos. No terceiro capítulo, é apresentado o

método escolhido para atingir os nossos objetivos, tendo sido feita uma pesquisa exploratória e realizadas entrevistas a vários dirigentes de EEU (no total de 7), de forma a conseguirmos obter informações relativas à segurança destes locais. Por fim, no quarto capítulo são apresentados e discutidos os resultados, fazendo-se também uma reflexão do que pode ser melhorado no futuro.

Esta investigação baseou-se na seguinte questão central: Estarão os estabelecimentos de ensino universitário em Lisboa preparados para prevenir e responder a um ataque por atacante ativo?

Desta questão derivam duas perguntas que importam esclarecer:

- 1) Como se caracteriza o atual quadro securitário dos estabelecimentos de ensino universitário em Lisboa?
- 2) Como se caracteriza a atual cultura de segurança associada aos estabelecimentos de ensino universitário em Lisboa?

## **Capítulo I – Enquadramento temático e conceptual**

### **1. A proteção de *soft targets***

#### **1.1. Conceito de *soft targets***

Não existe uma definição cabal para o termo ‘alvos vulneráveis’. Contudo, no setor da segurança, o termo é utilizado para designar espaços públicos (ou privados e abertos ao público) com uma alta concentração de pessoas e um baixo grau de segurança contra eventuais ataques (Kalvach, 2016), o que os torna espaços atrativos para atacantes ativos, isto é, pessoas que pretendem causar o maior número de vítimas mortais antes de serem neutralizadas ou de se suicidarem, não pretendendo negociar com as autoridades. Alguns alvos vulneráveis incluem escolas, bibliotecas, locais religiosos e locais de culto, centros comerciais e mercados, bares, discotecas, restaurantes, hotéis, desfiles, reuniões públicas, parques e praças, monumentos turísticos e locais de interesse, museus, arenas e estádios desportivos, cinemas, teatros, concertos, feiras, eventos culturais, desportivos, religiosos e outros. Em contraste, os chamados *hard targets* são locais bem protegidos e vigiados, por exemplo, alguns edifícios governamentais e instalações militares e policiais (Kalvach, 2016).

A maioria da literatura sobre *soft targets* diz respeito a locais cujas vulnerabilidades podem ser exploradas por terroristas, no seu esforço de maximizar as baixas, infligir medo à população e alcançar cobertura mediática (Kalvach, 2016; Karlos et al., 2018; Williams et al., 2020). É fácil perceber o porquê deste tipo de agressores escolherem os cidadãos como alvo principal, em vez de *hard targets*, pois estes últimos exigem um melhor planeamento, maior apoio e financiamento, e as hipóteses de sucesso são menores. Em resposta a esta ameaça, muitos países têm vindo a prestar mais atenção a medidas e técnicas de reforço da segurança que possam implementar nestes locais, bem como tem sido feito um maior esforço de proteção a locais que, de outro modo, permaneceriam totalmente desprotegidos. Isto resultou num número considerável de documentos de orientação e de boas práticas, que, por não assumirem a forma de normas vinculativas, podem nem sempre ser conhecidos por todos os agentes de segurança, proprietários de instalações, engenheiros ou outros profissionais interessados (Karlos et al., 2018).

A introdução de medidas de proteção eficazes para salvaguardar alvos vulneráveis pode revelar-se uma tarefa desafiante. Tendo em consideração os diferentes exemplos de alvos vulneráveis já enunciados, percebe-se que as características destes locais variam muito

dependendo da sua categoria e podem variar desde espaços públicos sem proteção a áreas e/ou estruturas onde algum grau básico de proteção tenha sido introduzido. Como cada local tem as suas especificidades, podem não existir soluções padronizadas, ou estas podem não ser suficientes, devido à natureza incerta e de constante mudança da ameaça. Assim poderá ser necessário procurar soluções técnicas que possam ajudar a tornar estes espaços mais seguros, preservando ao mesmo tempo a sua natureza aberta e pública. Além disso, também o conceito de “*security by design*” (relativo à integração de elementos de segurança na génese das infraestruturas) precisa de ser integrado desde uma fase inicial no desenvolvimento destes locais (Karlos et al., 2018, p. 3). Por exemplo, os conceitos de *design* à entrada de edifícios podem ajudar a evitar intrusões por parte de atacantes ativos (tal como zonas de controlo de acesso para mitigar o risco) e assegurar a proteção do perímetro dos edifícios contra a invasão de veículos não autorizados.

## **1.2. Risco e vulnerabilidade**

Atualmente, para que um atentado violento de dimensão significativa ocorra, não é necessária a existência de um grupo de pessoas com capacidade de planeamento, obtenção e mobilização de recursos. Um ator isolado consegue levar a cabo um ataque deste tipo, pois é relativamente fácil obter recursos para tal e a execução não exige grandes complexidades. Invocando a Teoria da Atividade Rotineira de Cohen e Felson (1979), que procurava explicar a ocorrência de crimes, podemos dizer que, para a ocorrência de uma ataque basta que se reúna no tempo e no espaço um agressor motivado, uma vítima ou alvo adequado, e a ausência de um guardião capaz de impedir que o ataque aconteça (*as cited in* Schaefer, 2021). Face ao exposto, o risco associado aos *soft targets* tem vindo a aumentar. Não só o terrorismo e o extremismo continuam a ser uma ameaça presente e preocupante, como têm surgido novas tendências de ataque que, embora se assemelhem ao terrorismo por atingirem os mesmos alvos e matarem aleatoriamente, carecem de motivos ideológicos. A lição que se retira destes ataques é que os atacantes ativos são cada vez mais suscetíveis de atingir locais desprotegidos onde as pessoas se reúnem, independentemente de existir ou não um pretexto político, religioso ou simbólico (Kalvach, 2016).

Na Europa, quando se discutem as vulnerabilidades e riscos associados a *soft targets*, é recorrente a análise ser desenvolvida no contexto da ameaça terrorista. No entanto, estes tipos de alvos não são única e exclusivamente escolhidos por terroristas. Se olharmos para

os Estados Unidos da América (EUA), os tiroteios em massa de cariz não terrorista têm-se tornado mais comuns (atualmente tão comuns como o terrorismo), com um aumento drástico da frequência a partir dos anos 80. No início da década de 80, existiam cerca de 450 dias entre incidentes, enquanto no início da década de 90 este número rondava os 140 dias. Mais recentemente, em 2010, o número de dias entre incidentes era cerca de 50 (Faber, 2019). Assim sendo, é tão importante discutir, estudar e prevenir os ataques de cariz terrorista, como os de natureza diversa.

Uma das formas mais imprevisíveis de terrorismo é a prossecução de atos cometidos por um único indivíduo. Estes terroristas solitários, apelidados de ‘lobos solitários’ (LS), são particularmente difíceis de detetar e de combater, apresentando um desafio de elevado nível e dificuldade às Polícias e serviços de informações. Em comparação com grupos terroristas ou terroristas apoiados por redes, os atores isolados têm uma vantagem significativa em evitar a identificação e a deteção antes dos seus ataques, devido ao facto de a maioria deles não ter qualquer tipo de comunicação com terceiros sobre as suas intenções e planos de ataque (Borum et al., 2012; Spaaij, 2012). O mesmo acontece com os atacantes ativos que não atuam sob uma causa terrorista. A razão por detrás dos atos cometidos por estes indivíduos nem sempre é clara e pode estar no ódio, na vingança ou em alguma doença mental, mas por vezes, nem razão aparente existe. A combinação única da “biologia, sociologia e psicologia pessoal de um indivíduo é responsável pela personalidade e, portanto, pelo comportamento de um indivíduo” (Holmes & Holmes, 1992, p. 55).

Os *soft targets*, ao serem locais que não possuem mecanismos de segurança especialmente rigorosos leva a que, habitualmente, sejam escolhidos como alvo de ataque por parte de atacantes ativos – seja qual for a motivação ou natureza associada. Estes alvos permitem a estes indivíduos maximizar os efeitos dos seus ataques, infligir o medo na população e atingir a cobertura dos média (Petkova et al., 2017), tudo isto sem a necessidade de uma logística e planeamento demasiado exigentes, mas sobretudo, porque é possível levar a cabo o ataque enquanto atuam de forma isolada e sem apoio de terceiros. Como afirma Duarte (2017), “a aparente aleatoriedade do ataque dá uma consciência total de vulnerabilidade aos cidadãos” (p. 19).

Nos últimos anos, os ataques terroristas em solo europeu têm sido contra alvos que são caracterizados por medidas de proteção limitadas. Surgiu uma tendência para ataques em locais desprotegidos e de congregação de pessoas, independentemente do objetivo dessa

congregação (recreativa, política, religiosa, comercial, etc.). Os ataques terroristas de 2015 em Paris (em cafés, restaurantes e numa sala de espetáculos), de 2016 em Bruxelas (num aeroporto e numa estação de metro), de 2017 em Manchester (numa arena de espetáculos) e de 2017 em Barcelona (numa zona pedonal), levaram à constatação de que áreas com elevada concentração de pessoas estão a tornar-se em alvos preferenciais para atentados à bomba e/ou ataques armados de grupos terroristas (Karlos et al., 2018).

### **1.3. *Soft target hardening* (fortalecimento de alvos vulneráveis)**

Como já foi referido, os chamados *'hard targets'* são locais com medidas de proteção e vigilância significativas, muitas vezes não acessíveis ao público em geral, como por exemplo, uma instalação militar ou um edifício governamental. Deste modo, a expressão *'soft target hardening'* diz respeito à identificação das vulnerabilidades de determinado espaço e à redução do risco de ataque, através da implementação de medidas de segurança e proteção, que visam a prevenção e resposta a uma eventual agressão (Hesterman, 2018). Evidentemente, há que reconhecer que é impossível proteger um alvo vulnerável contra todos os tipos de ameaças, contudo, o aspeto positivo das diversas práticas de fortalecimento é que podem ser extraídas de diferentes países e sectores de atividade, e posteriormente aplicadas de forma conjunta e adequada a cada situação.

Importa conhecer o que pode ser feito, de um modo geral, para se fortalecer determinado alvo vulnerável. Segundo Kalvach (2016), aquando da criação de um sistema de segurança para um determinado alvo vulnerável, o primeiro passo é clarificar o que deve ser protegido. Assim sendo, começa-se por definir os bens que se valorizam e não se querem perder, bem como os danos que podem ser feitos. Estes bens incluem, normalmente, a segurança e a vida das pessoas, propriedade ou informação. Em seguida, é necessário definir potenciais fontes de perigo/ameaça contra os bens a proteger, como grupos inimigos ou categorias de indivíduos com um motivo concebível para atacar. Uma maneira de fazer isto é analisar a natureza de antigos ataques a espaços com características semelhantes. Com efeito, ao possuir as fontes de ameaça rigorosamente definidas, torna-se possível prever as eventuais formas de ataque. Na opinião deste autor, estes dois aspetos são a base sobre a qual se deve construir um sistema de segurança para determinado alvo vulnerável. Nas palavras de Kalvach (2016), “a falta de uma profunda análise de eventuais interesses hostis

e potenciais perigos, farão com que o sistema de segurança seja ineficiente e que possa existir um desperdício de recursos” (p. 13).

A fase seguinte é a implementação. É nesta fase em que o equipamento técnico é instalado e são criados planos de segurança personalizados. Estes planos devem definir medidas preventivas, assim como procedimentos e respostas rotineiras. No caso de um ataque não poder ser evitado, os atacantes devem ser travados o mais cedo possível e o impacto deve ser minimizado (Kalvach, 2016). Relativamente aos ataques em si, estes precisam de ser enfrentados em três fases: o que pode ser feito antecipadamente para reduzir a probabilidade de um ataque, para minimizar um possível impacto ou para o impedir completamente (“prevenção e dissuasão”); o que pode ser feito durante o ataque (“deteção e resposta imediata”); e finalmente, o que pode ser feito uma vez que o ataque tenha ocorrido (“mitigação do impacto”) (Kalvach, 2016, p. 13).

De um modo geral, os componentes de segurança que se podem implementar em alvos vulneráveis podem-se dividir em três categorias: pessoal de segurança; dispositivos eletrónicos; e dispositivos mecânicos. O pessoal de segurança pode efetuar controlos de acessos e patrulhamento, pode também supervisionar uma sala de controlo e a tecnologia de segurança instalada no seu interior. Uma equipa de segurança bem treinada é das ferramentas de segurança mais eficientes para a dissuasão, deteção precoce e resposta imediata, bem como para a atenuação do impacto. Os seguranças podem ser empregues pela entidade responsável pelo local em questão ou por uma agência de segurança privada contratada pela entidade. Os funcionários que não são diretamente responsáveis pela segurança, mas que participam na estrutura organizacional do local (tais como rececionistas, porteiros, organizadores, professores, assistentes operacionais e pessoal de limpeza), podem desempenhar um papel importante, pelo que também devem ser alvo de formação para serem capazes de coordenar as atividades de evacuação ou socorro (Kalvach, 2016; Karlos & Larcher, 2020).

Quanto aos dispositivos eletrónicos, existem diversas opções das quais se podem escolher as mais adequadas para cada local a proteger, como os sistemas de videovigilância, utilizados para monitorizar espaços interiores e exteriores, pessoas e atividades em curso, assim como: sistemas de alarme de segurança, que servem principalmente para a deteção de intrusão em determinado perímetro ou entrada não autorizada num edifício ou área. Um sistema de altifalantes é um instrumento de comunicação extremamente eficiente em caso

de emergência. Recomenda-se a existência de dois anúncios pré-gravados: um para a evacuação do edifício e outro para que as pessoas encontrem abrigo. Os *scanners* de raios-x podem ser utilizados para detetar armas e explosivos nas bagagens no controlo de entrada. Este controlo por raios-x deve ser efetuado em simultâneo com um controlo de detetores de metais. Estes estão disponíveis em duas formas: como estruturas de passagem e como *scanners* de mão. Os sistemas de controlo de entrada e presença que os funcionários usam podem ser utilizados para tornar mais difícil a entrada de pessoas não autorizadas ou para dificultar o acesso não autorizado dentro do edifício. Por exemplo, portas que operam com *chips*, cartões ou reconhecimento biométrico podem prevenir eficazmente a intrusão de atacantes. Existem ainda *scanners* de identificação, que são utilizados para a verificação dos documentos de identidade apresentados aquando do controlo de entrada. Por fim, alertas públicos de emergência (através de aplicações móveis ou portais SMS) representam um meio de alerta precoce útil para pessoas dentro de uma área ameaçada, pois podem reduzir a confusão e impedir a entrada de pessoas em zonas perigosas (Kalvach, 2016; Karlos & Larcher, 2020).

Quanto aos dispositivos mecânicos, portas de diferentes graus de segurança proporcionam uma proteção reforçada contra a entrada forçada e uma maior resiliência geral da infraestrutura. Estas portas de segurança podem ser resistentes a bombas, a projéteis e a tentativas de arrombamento. Da mesma forma, janelas com um maior grau de segurança à prova de bala, resistentes a explosões ou a arrombamento também representam uma melhoria eficaz da infraestrutura em si. A colocação de vedação a cercar determinado perímetro é um meio de restringir o acesso de pessoas não autorizadas a instalações protegidas. A instalação de torniquetes é bastante útil para manter a ordem e para controlar o acesso nas entradas e saídas. Por fim, pilaretes, barreiras de betão e outras barreiras físicas podem ser utilizadas para impedir o estacionamento não autorizado ou o eventual acesso de um veículo armadilhado (Kalvach, 2016; Karlos & Larcher, 2020).

É importante implementar vários componentes de segurança de categorias diferentes em conjunto, pois existe uma relação de complementaridade entre estes, o que eleva bastante a eficácia de cada componente individual. A título de exemplo: os torniquetes podem ter um *scanner* de identidade integrado; a vedação poderá ser mais eficaz se reforçada por alarmes de segurança e sistemas de videovigilância; e para se fazer um uso eficiente dos equipamentos de raios-x é necessário pessoal de segurança com formação adequada.

Embora haja uma panóplia de opções para fortalecer determinado espaço, a realidade é que todos estes recursos têm um custo, e simplesmente não é possível implementar estas medidas em todos os espaços que possam ser considerados como alvos vulneráveis. Por vezes, nem é desejável, uma vez que se pretende manter o espaço o mais natural possível, como em praças públicas, parques naturais e monumentos. Neste tipo de espaços deve-se recorrer a uma abordagem CPTED (*Crime Prevention Through Environmental Design*), isto é, deve ser fomentada a prevenção do crime através do desenho urbano. A CPTED sugere que a conceção de edifícios, paisagismo e espaços exteriores pode encorajar ou desencorajar a criminalidade. Esta abordagem tenta minimizar a criminalidade e o medo do crime ao reduzir as oportunidades para tal e promovendo uma interação social positiva entre os utilizadores do espaço (Cozens & Love, 2015). A título de exemplo, se considerarmos zonas pedonais e praças públicas, podem ser colocadas barreiras físicas, não só nos acessos de entrada e saída, como também no meio e ao longo do espaço, isto com o intuito de impedir ataques via atropelamento, como aconteceu em cidades como Barcelona, Berlim, Londres, Nice e Estocolmo entre 2015 e 2017 (Comissão Europeia, 2017). Estas barreiras podem ser permanentes ou temporárias, e de proteção ativa (pilaretes retráteis, cancelas de segurança e portões) ou passiva (pilaretes, barreiras de betão, bancos e até árvores) (Karlos & Larcher, 2020).

#### **1.4. Fortalecimento dos alvos vulneráveis europeus**

Os recentes ataques terroristas na Europa têm mostrado os espaços públicos como alvos recorrentes, explorando as vulnerabilidades intrínsecas destes *soft targets*, que resultam da sua natureza aberta e carácter público. Também tem havido um número crescente de ataques de baixa tecnologia e complexidade contra espaços públicos realizados com objetos do quotidiano, tais como veículos para atropelamentos, ou facas para esfaqueamentos. Relativamente à União Europeia (UE), os Estados-Membros são os principais responsáveis pela proteção dos espaços públicos, porém a UE tem-se mostrado ativa no apoio a estes esforços.

Em abril de 2015, a Comissão Europeia (CE) publicou a *The European Agenda on Security*, onde estabeleceu três grandes prioridades da segurança europeia, sendo uma delas a “luta contra o terrorismo e prevenção da radicalização” (Comissão Europeia, 2015, p. 15). Dentro desta prioridade, estavam previstas ações como o reforço das funções de apoio da

Europol, o lançamento de um fórum conjunto entre a UE e empresas do setor da tecnologia da informação para fomentar o combate a propaganda terrorista, entre outros.

Em outubro de 2017, o *Action Plan to Support the Protection of Public Spaces* estabeleceu medidas para fornecer orientação e apoio aos Estados-Membros a nível nacional, regional e local quanto à proteção dos espaços públicos. Neste documento, a CE comprometeu-se a fornecer financiamento específico e direcionado, a intensificar o intercâmbio das melhores práticas, a emitir material de orientação aos Estados-Membros e a promover a cooperação entre atores locais e o sector privado (Comissão Europeia, 2017). Em dezembro de 2017, a CE lançou um Fórum de Operadores Público-Privados, reunindo decisores políticos dos Estados-Membros e operadores de diferentes sectores, tais como: hotelaria, espetáculos ao vivo, música e entretenimento, parques de diversões, aviação, transportes ferroviários, centros comerciais, telecomunicações, eventos desportivos, bem como os serviços de segurança privada e os fabricantes de equipamento de segurança. Desde então, realizaram-se mais duas reuniões em 2018 e 2019 (Comissão Europeia, 2019). Como resultado do esforço para proteger os espaços públicos, a CE desenvolveu diferentes materiais de orientação e compilou as diretrizes disponíveis nesta área. A operacionalização das boas práticas recolhidas resultou no *Good practices to support the protection of public spaces*, publicado em 2019 (Comissão Europeia, 2019).

Em julho de 2020, e continuando o esforço dos anos anteriores relativamente à segurança do espaço europeu, a CE (2020a) publicou uma comunicação sobre a “Estratégia da UE para a União da Segurança” (p. 1). Foi reconhecido nesta comunicação que “a grande maioria dos recentes ataques terroristas foram ataques de baixa tecnologia, cometidos por elementos isolados visando pessoas em espaços públicos” (p. 4). Nesta comunicação, estão previstas quatro prioridades estratégicas interdependentes, sendo uma delas “um ambiente de segurança a longo prazo” (p. 10), que pressupõe a proteção de espaços públicos e o compromisso por parte da CE em reforçar a cooperação entre os setores público e privado para a proteção destes locais, bem como mais financiamento e oportunidades para a troca de boas práticas e orientações. Como o uso de engenhos explosivos tem sido dos *modi operandi* mais utilizados em ataques terroristas, tanto na Europa, como no mundo (Kalvach, 2016; Karlos & Larcher, 2020), a CE apelou ainda nesta comunicação à necessidade de se prestar uma atenção especial a uma eventualidade deste tipo. Baseando-se “na abordagem utilizada para regulamentar o acesso a precursores de explosivos”, a CE propôs analisar “a possibilidade de restringir o acesso a determinados produtos químicos perigosos, suscetíveis

de serem utilizados para realizar atentados” (Comissão Europeia, 2020a, p. 17). Já em 2019, tinha sido feito um esforço neste sentido, com a criação do Regulamento (UE) 2019/1148, que veio regulamentar a comercialização e utilização de precursores de explosivos (Comissão Europeia, 2020a).

Em dezembro de 2020, foi publicada pela CE a *Counter-Terrorism Agenda for the EU: Anticipate, Prevent, Protect, Respond*. Neste documento, é novamente reconhecido que “a grande maioria dos atentados recentes foi perpetrada por indivíduos que agiram sozinhos – por norma, com pouca preparação e armas facilmente disponíveis – tendo como alvo espaços com muita gente ou de grande simbolismo.” (Comissão Europeia, 2020b, p. 1). Dentro do pilar ‘Antecipar’, é destacado o papel das novas tecnologias, nomeadamente, tecnologias de deteção de ameaças, que “conseguem detetar objetos e substâncias com potencial perigo, por exemplo, bombas ou materiais para o fabrico de bombas” (Comissão Europeia, 2020b, p. 5). De igual modo, as tecnologias de identificação facial, identificação de certas categorias de objetos (por exemplo, bagagens abandonadas) e identificação de comportamentos suspeitos podem ser bastante úteis na deteção de ameaças. É levantada a hipótese destas tecnologias poderem contribuir para a proteção dos espaços públicos, caso a sua utilização seja feita de modo bem definido, seletivo e proporcional. Dentro do pilar ‘Proteger’, é explorada de modo mais detalhado a proteção das pessoas nos espaços públicos. Embora seja reconhecida a necessidade de “salvaguardar a natureza aberta destes espaços”, apela-se que os mesmos se tornem “mais seguros através de medidas de proteção física que não se traduzam na criação de fortalezas e permitam às pessoas circular em liberdade e segurança” (Comissão Europeia, 2020b, p. 11).

Para além da CE se mostrar empenhada em dinamizar o Fórum sobre a proteção dos espaços públicos já existente, foi avançado neste documento a possibilidade de “estabelecer obrigações mínimas aplicáveis aos responsáveis por garantir a segurança dos espaços públicos, a fim de clarificar as exigências que devem incumbir aos operadores de espaços públicos” (Comissão Europeia, 2020b, p. 12), sendo incluídos aqui não apenas os operadores privados, mas também as autoridades locais e regionais, que possuem um papel basilar tanto na proteção destes espaços, como na prevenção da radicalização.

## **2. A ameaça dos atacantes ativos**

### **2.1. Conceito de atacante ativo**

Com cerca de 121 armas de fogo em circulação por cada 100 residentes, os EUA são, de longe, a sociedade mais fortemente armada do mundo (Sullivan, 2021). Considerando este cenário, não é surpreendente que só em 2020 tenha havido 19 384 homicídios por armas de fogo (Gramlich, 2022). Devido à facilidade de acesso a armas de fogo nos EUA, não é difícil para um indivíduo isolado causar o caos numa comunidade. Entre 2000 e 2019, ocorreram 333 incidentes com *active shooters* (atiradores ativos) nos EUA. O *Federal Bureau of Investigation* (FBI) define como atirador ativo um indivíduo ativamente empenhado em matar ou tentar matar pessoas numa área com multidões. Implícito nesta definição está o uso de uma arma de fogo por parte do agressor. Ao contrário de um crime em concreto, como o homicídio, o aspeto ativo da definição implica inerentemente a natureza contínua de um incidente, que tanto a Polícia, como os cidadãos, têm o potencial de afetar o resultado com base nas suas respostas (FBI, 2021). No entanto, como será exposto posteriormente, também há inúmeros registos de indivíduos que, embora atuem sem armas de fogo – por exemplo, com facas ou veículos – possuem os mesmos objetivos. Assim sendo, de modo a incluir numa só definição todos os indivíduos cuja ação se resume a atacar de forma ativa e contínua várias pessoas numa determinada área populosa, iremos usar o termo ‘atacante ativo’.

Existem várias características comuns neste tipo de agressor. Os atacantes ativos são suscetíveis de atacar mais do que um alvo. Podem procurar atacar determinados indivíduos, ou podem ter a intenção de matar o maior número possível de pessoas de forma aleatória. Escolhem, normalmente, locais onde as potenciais vítimas são numerosas e facilmente acessíveis, tais como escolas, teatros, centros comerciais e bibliotecas. Não é raro estes indivíduos elaborarem planos detalhados para o ataque. Em muitos casos, acabam por estar mais bem equipados do que a Polícia. Habitualmente, têm algum grau de familiaridade com o local que escolhem para o ataque. Historicamente, os atacantes ativos não têm tentado esconder a sua identidade ou ocultar o cometimento dos seus ataques. A fuga à Polícia não costuma ser uma prioridade, pois muitos são suicidas, decidindo morrer no decurso das suas ações, quer às mãos da Polícia, quer de uma forma autoinfligida (Kleinveld, 2016; Lankford, 2015).

## **2.2. Tipologias de atacantes ativos**

### **2.2.1. Lobo solitário**

É possível identificar atacantes solitários nos primeiros exemplos de terrorismo não estatal, e seguindo a ideia de vagas de Rapoport (2004), têm estado ativos em todas as quatro vagas. Para este autor, o terrorismo tem ocorrido em vagas, sendo cada uma delas caracterizada por uma ideologia ou objetivo comum, e com atividades semelhantes levadas a cabo por grupos autónomos e de diferentes países. Podemos identificá-las da seguinte forma: a primeira foi protagonizada pelos anarquistas que tiveram origem na Rússia após 1880; a segunda foi dinamizada pelos terroristas anticoloniais que surgiram após a Primeira Guerra Mundial; a terceira está atribuída à nova esquerda que surgiu na década de 1960; e a quarta, a vaga religiosa, que domina o atual cenário de ameaças. Apesar de os atacantes solitários não se constituírem como um fenómeno novo, têm vindo a ganhar nova força nos últimos anos.

Um desafio com o qual nos confrontamos é a ausência de uma definição cabal de terrorista solitário. Spaaij (2012) sugere que os LS são pessoas que "operam individualmente, não pertencem a um grupo ou rede organizada e cujo *modus operandi* é concebido e dirigido pelo indivíduo sem qualquer comando ou hierarquia externa direta" (p. 16). Kaplan (1997) define-o como um indivíduo que se envolve em atos de violência antiestatal independente de qualquer movimento, líder ou apoio em rede. Em contrapartida, Stern (2003) utiliza uma caracterização relativamente ampla que engloba "pequenos grupos que cometem crimes terroristas, inspirados por uma ideologia terrorista, mas que não pertencem a grupos estabelecidos" (p. 181). De igual modo, Hoffman (1998) defende que para se qualificar um ato como terrorismo, a violência deve ser cometida por alguma entidade organizacional com pelo menos alguma "estrutura conspiratória e cadeia de comando identificável para além de um único indivíduo que age por conta própria" (pp. 42-43). O Serviço Dinamarquês de Segurança e Informação (2011) exclui desta tipologia quaisquer indivíduos que estabeleçam contacto com um grupo terrorista ou outros indivíduos radicalizados, mesmo que estes não tenham qualquer ligação com o ataque. Em contraste, outros autores aceitam que tais ligações podem existir, insistindo, em vez disso, que a ausência de direção/hierarquia é o elemento-chave (Duarte, 2013; Pantucci et al., 2015).

Existe ainda desacordo em relação à inclusão de díades ou tríades (pequenas células de dois ou três indivíduos que não aparentam fazer parte de um quadro de ameaça mais

amplo, mas que atuam como células isoladas que lançam ataques terroristas sob a sua própria direção). Autores como Borum et al. (2012) e Spaaij (2012) concentram-se especificamente em indivíduos, excluindo assim ataques cometidos por casais ou pequenas células mesmo quando atuam isolados de uma rede terrorista mais vasta. Em contraste, os trabalhos de Gill et al. (2014) incluem díades, e Teich (2013) ainda incorpora tríades nas suas definições. Pantucci (2011) vai mais longe ao sugerir que tais pequenos grupos formam o seu próprio subconjunto, nomeando esta tipologia de “alcateia solitária” (p. 24).

Esta pluralidade de conceitos pode dificultar o desenvolvimento de uma literatura comum e abrangente, uma vez que "as definições divergentes de terrorismo por lobo solitário complicam as comparações entre estudos" (Pantucci et al., 2015, p. 4). Estes autores afirmam que, por sua vez, esta situação acaba por aumentar o desafio de compreender o fenómeno e a identificação de características-chave para uma análise mais aprofundada.

Existem, no entanto, alguns elementos consistentes. A maioria das definições refere-se a uma falta de direção/hierarquia por parte de um grupo terrorista mais vasto e essa ausência de comando e controlo claros separa os LS de parcelas terroristas em rede. Deste modo, Pantucci et al. (2015) defende poder ser feita uma distinção clara dos “terroristas a solo” (p. 4), que atuam sozinhos por razões estratégicas e táticas, mas fazem-no sob instruções diretas de uma hierarquia. É também geralmente aceite que o LS pode ser inspirado pela ideologia de um grupo terrorista.

A fim de caracterizar os LS podemos fazer uso de alguns resultados obtidos de um estudo de Gill et al. (2014), cuja elaboração partiu de uma amostra de 119 indivíduos que se envolveram, ou planejaram envolver-se, nesta forma de terrorismo solitário nos EUA e na Europa, tendo sido condenados pelos seus atos ou morrido durante o ato. A amostra recolhida diz respeito a incidentes ocorridos entre 1990 e 2014, inclui indivíduos isolados, pequenas células isoladas e admite a possibilidade de ligações com outros indivíduos facilitadores. Os autores deste estudo, numa tentativa de criar um perfil para os LS, tomaram em consideração algumas características gerais, como os comportamentos, a idade da primeira atividade terrorista, o estado civil e características familiares, o grau de educação, o emprego, a experiência militar, a saúde mental, as atividades criminosas e outras atividades ilícitas.

Relativamente aos resultados, não se verificou um perfil uniforme de LS. De facto, estes atos são predominantemente levados a cabo por homens (97%), todavia, não existem

variáveis uniformes que caracterizem todos ou mesmo a maioria dos LS. De acordo com a amostra, as idades variavam entre os 15 e os 69 anos; metade eram solteiros, 24% eram casados, 22% eram separados ou divorciados e 27% tinham filhos. O desempenho escolar variava bastante, com aproximadamente 25% a frequentar ou a terminar o ensino secundário, cerca de 33% da amostra a frequentar, mas não a terminar um curso superior, 22% a terminar uma licenciatura, e 21% a frequentar ou terminar alguma forma de pós-graduação. No total, 8% da amostra possuía um doutoramento. Enquanto 40% da amostra estava desempregada na altura dos seus ataques terroristas ou detenções, 50% ocupavam postos de trabalho e 10% eram estudantes. Cerca de 26% tinham servido nas forças armadas (Gill et al., 2014).

Segundo Leenaars e Reed (2016), embora seja um “mito que a maioria dos terroristas sofra de qualquer psicopatologia identificável, a taxa de perturbação psicológica e de inépcia social entre os lobos solitários é relativamente elevada” (p. 4). Com efeito, 32% dos casos pertencentes ao estudo supramencionado possuíam antecedentes de problemas de saúde mental. Também se verificou que 41% dos indivíduos possuíam condenações penais anteriores e 22% antecedentes de abuso de substâncias. Mediante o exposto, os dados não permitem traçar um perfil claro. Mesmo que tal perfil fosse evidente, seria perigoso depender excessivamente deste, visto que muitas pessoas que não se envolvem em terrorismo solitário partilhariam dessas características, enquanto outras poderiam não o fazer, mas levariam a cabo tais atos (Gill et al., 2014).

Os autores deste estudo também analisaram aspetos importantes como as justificações ideológicas, o conhecimento das intenções terroristas por parte de outras pessoas, os comportamentos pré-ataque e potenciais ligações a uma rede mais ampla. Os LS considerados possuíam diversas ideologias e afinidades. Os LS de inspiração religiosa constituíam o maior conjunto com 43%; seguidos pelos LS de ideologias de direita, representando 34% do total da amostra; o terceiro maior grupo era composto por indivíduos movidos por causas pessoais, como o antiaborto ou campanhas ambientais, representando 18%. De destacar o facto de, historicamente, haver poucos incidentes de LS envolvendo indivíduos de esquerda ou de inspiração nacionalista (Gill et al., 2014).

No tempo que antecedeu a maioria destes ataques, os dados sugerem que outras pessoas conheciam, de um modo geral, os desgostos ou rancores do indivíduo, a sua ideologia extremista, os seus pontos de vista e até a sua intenção de se envolver em violência. Para uma grande maioria (83%) dos LS, outros estavam cientes das suas indignações que

mais tarde estimularam as suas conspirações ou ações terroristas. De modo semelhante, em 79% dos casos havia terceiros cientes do compromisso do indivíduo para com uma ideologia extremista específica. Em 64% dos casos, a família e os amigos estavam conscientes da intenção do indivíduo de se envolver numa atividade relacionada com o terrorismo, devido ao infrator lhes ter dito verbalmente. Em 58% dos casos, outros indivíduos possuíam informações específicas sobre a investigação, planeamento e preparação do LS antes do evento em si (Gill et al., 2014).

Os LS são conhecidos por distribuírem os seus manifestos e ideias, por vezes mesmo antes do ataque (Leenaars & Reed, 2016). Com efeito, na maioria (59%) dos casos, o LS escreveu cartas ou fez declarações públicas antes do ataque para expressar as suas crenças (mas não as suas intenções violentas). Estas declarações incluem cartas enviadas a jornais, folhetos impressos e difundidos, bem como declarações em fóruns virtuais (Gill et al., 2014).

Estes resultados sugerem que os amigos, a família e os colegas de trabalho podem desempenhar papéis importantes nos esforços que visam prevenir ou até mesmo dificultar as conspirações do LS. Numa grande parte dos casos, as pessoas conscientes da intenção do indivíduo de se envolver em atos de violência não comunicaram tal informação às autoridades competentes. Por conseguinte, é importante disseminar pelo público em geral informação relativa aos indicadores comportamentais da radicalização, bem como sobre os canais adequados de denúncia para que estas informações sejam comunicadas e posteriormente investigadas (Gill et al., 2014). A descoberta pode ter num determinado caso implicações significativas para o desenvolvimento de investigações, visto que destas variáveis relacionadas com o conhecimento por parte de terceiros das opiniões e intenções do LS são muito mais comuns do que todas as outras características sociodemográficas analisadas. Isto sugere que os LS devem ser, em grande parte, caracterizados pelo que fazem e não por quem são.

Os atos dos LS raramente são repentinos e impulsivos. O treino para o ataque ocorre de várias maneiras, cerca de 21% dos LS recebeu alguma forma de treino prático, enquanto 46% aprendeu através de fontes virtuais. Em 50% dos casos, os investigadores encontraram manuais de fabrico de bombas dentro da propriedade do atacante. O facto de bastante planeamento estratégico e tático ser dedicado a ataques deste cariz é demonstrado pelo facto de que 29% dos indivíduos realizaram simulações das suas ações previstas. De um modo geral, os atos dos LS resultam de uma sequência de comportamentos. Esta sequência inclui

as etapas de adoção de uma ideologia extremista, a reflexão sobre o envolvimento na violência, a aquisição dos materiais e treino necessários e, finalmente, a prática da ofensa (Gill et al., 2014).

Estes comportamentos podem ser observáveis antes da realização dos ataques. Embora a sua eficácia varie bastante, existe uma perceção comum de que o planeamento de um LS é praticamente indetetável. A imagem tradicional de um LS é a de um indivíduo que assume uma ideologia e planeia e executa ataques sem a ajuda de outros. Os resultados do estudo de Gill et al. (2014) apontam para que muitos LS interagem regularmente com grupos e movimentos mais vastos, presencial ou virtualmente. Isto sugere que as medidas antiterroristas tradicionais (tais como a contrainformação, as informações recolhidas e fornecidas por fontes humanas, a interceção de comunicações, a vigilância de pessoas, etc.) podem ser aplicáveis à deteção antecipada de certos LS em momentos específicos do seu percurso rumo à violência.

### **2.2.2. Assassino ativo**

Alguns indivíduos são incorretamente classificados como LS quando, na realidade, os seus ataques consistem em atos violentos concretizados por indivíduos isolados, fundados em motivos pessoais (ódio, raiva ou vingança), ou simplesmente com intenções criminosas (Spaaij, 2012). Bakker e Graaf (2010), no que diz respeito à motivação do atacante, argumentam que os ataques de LS só devem incluir atos que tenham "motivação política ou religiosa e visem influenciar a opinião pública ou a tomada de decisões políticas. Isto exclui atos violentos por indivíduos isolados que são motivados por outras razões" (p. 2), tais como ataques em escolas ou violência no local de trabalho. Deste modo, para caracterizar estes indivíduos com motivações pessoais e desprovidas de uma ideologia maior, iremos fazer uso do termo *active killer* – em português, assassino ativo (AA) – usado no programa de treino ALICE<sup>1</sup>.

Outra distinção a ter em conta é que existem diferenças significativas entre assassinos em série e AA. Os AA morrem frequentemente no local dos múltiplos assassínios, seja por suicídio ou devido à ação policial; apenas ocasionalmente se entregam à polícia após os

---

<sup>1</sup> *Alert, Lockdown, Inform, Counter & Evacuate (ALICE) Training* é um programa de treino estadunidense para a resposta a incidentes com atacantes ativos. Este programa é amplamente administrado em setores como o da educação, hospitalar, religioso, empresarial, governamental e até policial (Navigate, 2021).

ataques. Os assassinos em série, por outro lado, fazem grandes esforços para evitar serem descobertos e detidos. A razão por detrás de atos cometidos por AA nem sempre é clara. De acordo com Holmes e Holmes (1992), ao contrário dos assassinos em série, que frequentemente possuem um tipo de alvo específico, as características das vítimas dos AA não são um elemento crucial no ato em si. Segundo estes autores, podemos identificar certos tipos de AA: "o discípulo", que mata em resposta às orientações e desejos de um líder carismático; o "aniquilador de família", que mata todos ou a maioria dos membros da sua própria família; o "pseudo-comando" que é obcecado por armamento e é levado por algo dentro de si mesmo a usar o armamento para massacrar vítimas de forma aleatória; o "empregado descontente/atirador escolar", que comete um assassinio em massa de um grupo de pessoas específico com as quais se associava no trabalho/escola; e o "*set-and-run*", que se destaca de todos os outros tipos devido ao uso de táticas que permitam a fuga antes do ato em si, geralmente com um temporizador numa bomba ou através da adulteração anónima de alimentos (pp. 57-60).

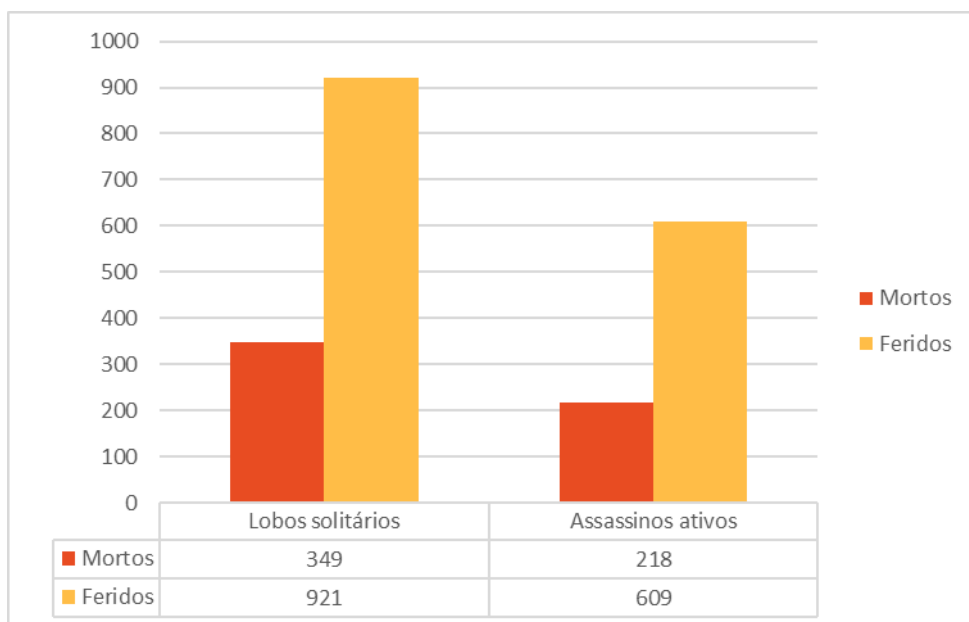
### **2.2.3. Comparação entre lobos solitários e assassinos ativos**

De forma a comparar e tentar perceber melhor estes dois tipos de atacantes ativos, será benéfico conhecer efetivamente o seu impacto no que toca a vítimas, bem como os meios que utilizam. Nesta senda, reuniu-se uma amostra de 16 atentados contra *soft targets* levados a cabo por LS e AA (Apêndices A e B). Esta amostra é reduzida, tendo apenas como objetivo oferecer ao leitor um conhecimento mais profundo destes fenómenos, de modo a constituir uma ideia mais sólida da realidade. Foram recolhidos oito ataques de LS e oito ataques de AA. Os critérios de escolha dos atentados foram os seguintes: o espaço temporal dos últimos 10 anos (2011-2021), de forma a ter uma amostra mais atual; e os ataques em que resultaram mais vítimas mortais, de modo a perceber o verdadeiro potencial destes incidentes, em que um só indivíduo conseguirá, à partida, causar um elevado número de mortes devido ao tipo de local que define como alvo.

Num universo de estudo de 16 ataques, foram afetadas 2097 pessoas, tendo o alcance dos ataques de LS sido claramente superior (61%) ao dos ataques realizados por AA (39%). No primeiro caso, 1270 pessoas foram afetadas, tendo 349 sido mortas e 921 feridas, enquanto no segundo caso foram afetadas 827, das quais 218 foram vítimas mortais e 609 feridos (Figura 1).

**Figura 1**

*Número de vítimas por tipo de atacante ativo*

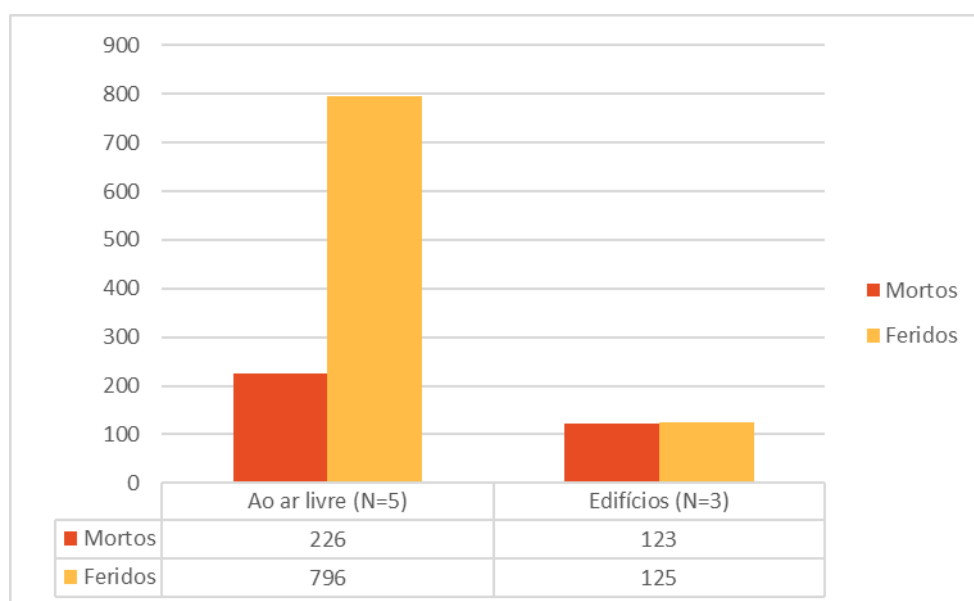


*Nota.* Elaboração própria com base em informação compilada de fontes abertas (Apêndices A e B).

No que toca à localização dos alvos escolhidos por LS, 63% foram espaços ao ar livre (Figura 2).

**Figura 2**

*Localização dos alvos dos lobos solitários e respetivas vítimas*

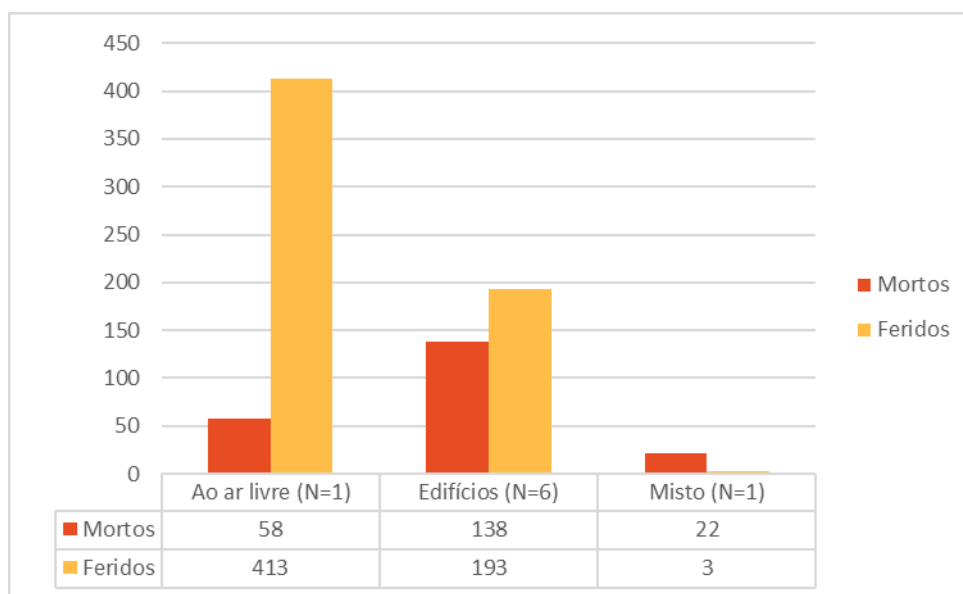


*Nota.* Elaboração própria com base em informação compilada de fontes abertas (Apêndices A e B).

Os LS são indivíduos efetivamente preparados para o ataque, visto que elaboram e estudam um plano mais detalhado do que os AA, tendo como um dos objetivos prolongar o ataque por o maior tempo possível, sendo para tal menos propício um local fechado. Por outro lado, os AA são pessoas menos preparadas, que agem de forma mais impulsiva e orientada por estímulos pessoais. Verificou-se que 88% dos seus ataques considerados passaram-se, parcialmente, ou na sua íntegra, dentro de um edifício (Figura 3), porventura, por ser mais vantajosa a presença de muita gente a pouca distância e com poucas rotas de fuga para facilitar o ato, como por exemplo, o local de trabalho, como se verificou em 38% dos casos de AA.

**Figura 3**

*Localização dos alvos dos assassinos ativos e respectivas vítimas*

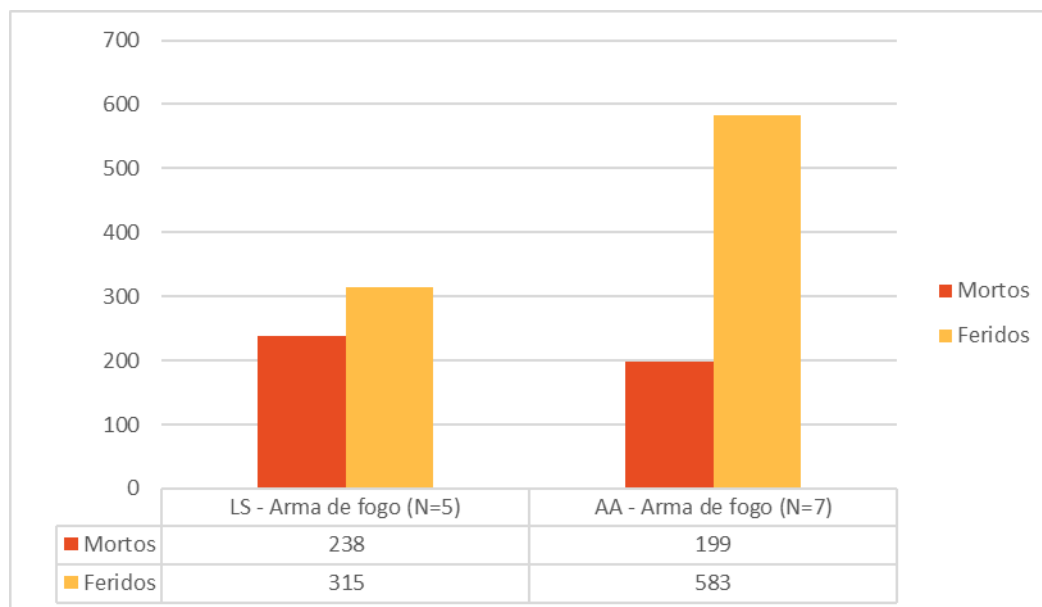


*Nota.* Elaboração própria com base em informação compilada de fontes abertas (Apêndices A e B).

Relativamente aos meios mais utilizados pelos atacantes, destaca-se claramente o recurso a arma de fogo, que totalizou 12 ataques, e considerando as 567 vítimas mortais do universo de estudo, 437 (77%) devem-se ao uso de armas de fogo. Destes 12 casos, cinco dizem respeito a LS e sete a AA, mas mesmo em menor número, os LS causaram mais vítimas mortais (Figura 4).

#### Figura 4

Meio mais usado por tipo de atacante ativo e respetivas vítimas

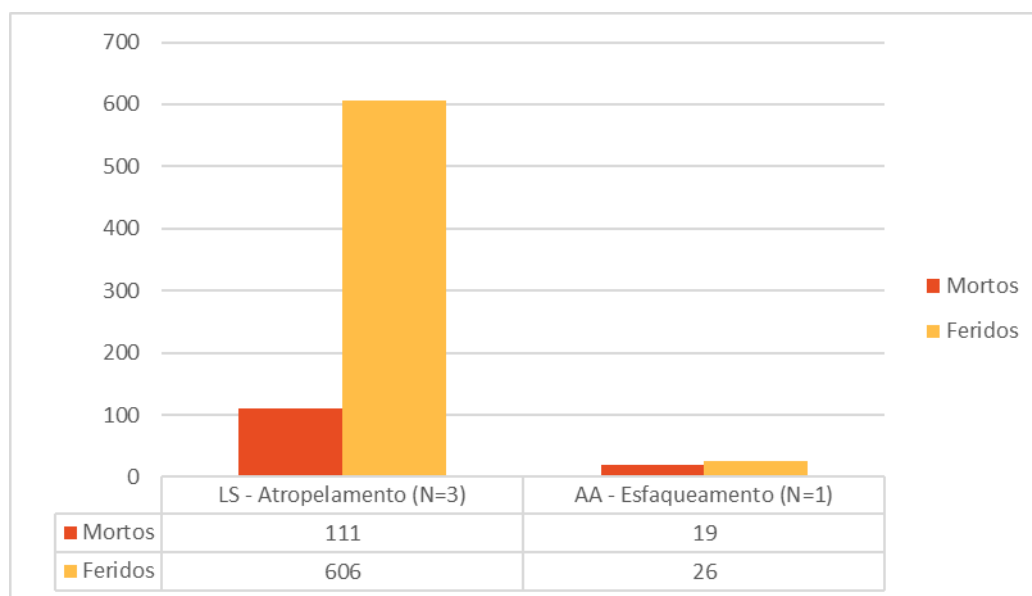


Nota. Elaboração própria com base em informação compilada de fontes abertas (Apêndices A e B).

Face ao exposto, surge a questão de saber qual é o fenómeno mais alarmante entre os LS e os AA. Tendo sido considerados os oito casos mais graves de cada tipo de atacante ativo, temos uma ideia razoável do potencial destes ataques, constatando-se a partir dos números de vítimas e feridos superiores, que os LS são mais fatais. Estes também são mais variados nos métodos de ataque: dentro de todo o universo de estudo, dos únicos quatro ataques que não envolveram armas de fogo, três deles foram levados a cabo por LS através do atropelamento de multidões. Nestes ataques morreram 111 pessoas e ficaram feridas outras 606 (Figura 5), o que em cada caso causou um enorme alarme social não só dada a sua imprevisibilidade, mas também ao facto de serem testemunhados por centenas de pessoas e ainda por causarem no cidadão comum o medo de circular entre grandes ajuntamentos de pessoas. Isto levou vários países europeus a tomarem medidas preventivas, como a colocação de barreiras físicas nos acessos de ruas de grande afluência (The New York Times, 2017).

**Figura 5**

*Outros meios usados por tipo de atacante ativo e respectivas vítimas*



*Nota.* Elaboração própria com base em informação compilada de fontes abertas (Apêndices A e B).

De um modo geral, e pelas razões assinaladas anteriormente, será legítimo dizer que o fenómeno dos LS é tão ou mais alarmante que o dos AA. Contudo, as políticas de segurança em vigor em praticamente todo o mundo não são fundamentadas nem orientadas em situações e dados gerais. Cada país adota e implementa uma política de segurança adequada à sua realidade. Assim, embora se possa dizer que o fenómeno dos LS aparentemente seja mais alarmante ao nível das vítimas e impactos que pode provocar, será mais prudente responder à pergunta de outra forma, uma vez que realidades diferentes exigem olhares diferentes.

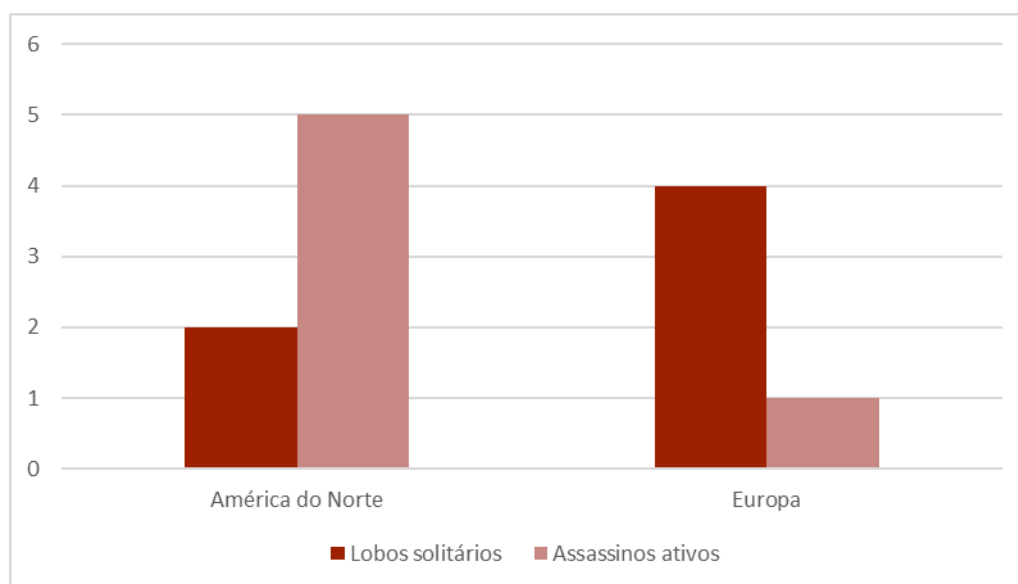
Tendo em conta este pequeno universo de estudo, constata-se que 12 dos ataques considerados foram levados a cabo na Europa e na América do Norte (75%), logo iremos considerar estas duas regiões para uma análise final (Figura 6). Na América do Norte, apenas se verificaram dois dos oito casos mais graves de LS, em contraste com o fenómeno dos AA, pois dos oito casos considerados, cinco tiveram lugar nesta região. Embora a amostra seja demasiado reduzida para efetuar inferências de relevo, aparentemente o fenómeno de AA parece ter um impacto mais significativo nesta região. Isto serve apenas para mostrar que o alarmismo causado por estes fenómenos não é igual em todo mundo, algo que o Capítulo II irá suportar em parte.

Relativamente à Europa, verifica-se uma realidade oposta. Dos oito ataques isolados de âmbito terrorista, metade tiveram lugar em território europeu, em contraste com um único caso de AA. Considerando o grande esforço de fortalecimento dos espaços públicos europeus previamente referido (Ponto 1.4 do presente Capítulo), este é fundamentado na ameaça terrorista, logo não é de estranhar que muitos dos incidentes de LS desta amostra se tenham verificado na Europa. De igual modo, o reduzido número de incidentes de AA no continente europeu também é algo que o Capítulo II virá a suportar em parte.

Posto isto, fica-se com a perceção de que ambos os fenómenos suportam um nível de alarmismo que varia consoante a região do mundo em questão. Assim, enquanto para os cidadãos da América do Norte os ataques por AA poderão causar mais alarme social, para a população europeia serão os episódios de terrorismo isolado que fará aumentar o alarmismo sentido nas sociedades. Por conseguinte, independentemente do tipo ou classificação, ao atuarem de forma isolada, sem orientação, comunicações ou potencialmente qualquer interação com um grupo mais amplo, os atacantes ativos apresentam dificuldades acentuadas de prevenção, deteção e combate, quando tomam como alvo um *soft target*.

## **Figura 6**

*Regiões mais afetadas pelos ataques considerados*



*Nota.* Elaboração própria com base em informação compilada de fontes abertas (Apêndices A e B).

#### **2.2.4. Atacantes escolares**

Dentro dos AA, existe um tipo de atacante que iremos destacar e explorar mais detalhadamente ao longo deste trabalho: o atacante escolar (AE). Este tipo de atacante é em grande parte idêntico ao AA, uma vez que atua sob motivações pessoais e tem como objetivo o assassinio de terceiros, porém a sua ação limita-se a recintos escolares. Com efeito, existe o termo *school shooter* (atirador em escola), que foi popularizado nos EUA onde este fenómeno é mais prevalente (Kleinveld, 2016). No entanto, optámos por esta nova terminologia, pois nem todos os ataques em escolas são levados a cabo com recurso a armas de fogo. Podemos tomar como exemplo o caso do ataque no *Franklin Regional High School*, Pensilvânia, EUA, em 2014, onde um aluno esfaqueou 21 pessoas antes de ser imobilizado (Fitzsimmons & Williams, 2014).

De modo semelhante ao termo ‘lobo solitário’, na literatura sobre ataques a escolas existe uma falta de consenso quanto à definição destes incidentes. Têm sido classificados como “violência escolar direcionada” (*targeted school violence*), “tiroteios escolares desenfreados” (*rampage school shootings*), “vingadores de salas de aula” (*classroom avengers*), “assassinios em massa escolares” (*school mass murders*) e “ataques terroristas” (Kleinveld, 2016, p. 17).

Em 1992, a agência federal *United States Secret Service* iniciou um estudo, o *Exceptional Case Study Project*, onde surgiu o termo “violência direcionada” (Fein & Vossekuil, 1997, p. 3). Este estudo examinou o comportamento de indivíduos que realizaram, ou tentaram realizar, assassinatos contra funcionários públicos ou indivíduos proeminentes, definindo violência direcionada como “qualquer incidente de violência em que um agressor conhecido escolhe um determinado alvo antes do seu ataque violento” (Fein et al., 1995, p. 1). Depois do ataque no *Columbine High School* em 1999, foi iniciado um novo estudo, o *Safe School Initiative*, desta vez focado na violência escolar direcionada. Este tipo de violência foi definido como “qualquer incidente em que: (i) um atual estudante, ou recente ex-estudante, ataca alguém na sua escola com meios letais (...); e (ii) onde o estudante atacante escolhe propositadamente a sua escola como o local do ataque” (Vossekuil et al., 2004, p. 7). Um incidente que se enquadra nesta categoria é o tiroteio de 2003 em Red Lion, Pensilvânia, onde um estudante disparou fatalmente contra o diretor da escola, e de seguida se suicidou, disparando sobre si mesmo (Muschert, 2007).

Quanto ao termo “tiroteios escolares desenfreados” (Newman, 2004, p. 231), estes são ataques não direcionados e expressivos a uma instituição escolar. Segundo a autora, trata-se de ataques institucionais que ocorrem num “palco público perante uma audiência, é cometido por um atual ou antigo membro da instituição, e envolve múltiplas vítimas, algumas escolhidas pelo seu significado simbólico ou aleatoriamente. Isto significa que é a instituição, não os indivíduos, que é importante” (Newman, 2004, p. 231). O tiroteio de *Columbine High School*, no Estado do Colorado, em 1999, é o caso arquetípico que tem vindo a servir de inspiração para muitos incidentes deste tipo, principalmente nos EUA, mas também no resto do mundo. Dois estudantes tentaram detonar explosivos na escola e acabaram por matar 13 pessoas a tiro. Embora a maior parte deste tipo de tiroteios tenha ocorrido em escolas secundárias, alguns tiroteios ocorridos em universidades também se enquadram nesta categoria. O tiroteio de 2007 na *Virginia Tech*, no Estado da Virgínia, é também um exemplo bem conhecido de um tiroteio escolar desenfreado que ocorreu numa universidade (Muschert, 2007). Importa notar que os incidentes de violência escolar direcionada, embora semelhantes, podem ser distinguidos dos tiroteios escolares desenfreados, uma vez que não se trata de ataques simbólicos a toda uma instituição.

Temos também McGee e DeBernardo (1999), que usam o termo “vingador de sala de aula” (p. 16), que está intimamente ligado ao tiroteio escolar desenfreado. Segundo os autores, na maioria dos incidentes a causa do ataque passa por uma repreensão por parte dos pais ou das autoridades, ou pela rejeição por parte dos colegas ou de algum interesse amoroso. O motivo é a vingança e a ação é um ataque premeditado contra pais, colegas ou funcionários da escola. O típico vingador de sala de aula é um estudante do ensino básico ou secundário, de aparência caucasiana, fisicamente saudável e de uma família frequentemente disfuncional, o que leva a que os pais corram o risco de se tornarem as primeiras vítimas. O vingador não tem amigos, é imaturo e socialmente inadequado. Embora “não seja psicologicamente paranóico, antecipa a rejeição e é desconfiado dos motivos dos outros” (p. 17), a quem culpa pelos seus fracassos e contratempos pessoais, não estando disposto a aceitar a responsabilidade pelo seu próprio comportamento e defeitos.

Os assassínios em massa escolares são tipicamente perpetrados por um indivíduo que visa categorias de pessoas ou a instituição escolar em geral e são um subconjunto dos incidentes de assassinio em massa, em que um agressor, que não seja atual, nem antigo, estudante ou empregado, visa uma instituição escolar ou grupo de estudantes selecionados pela sua importância simbólica. Tal como nos casos de tiroteios escolares desenfreados, estes

incidentes são tipicamente realizados por indivíduos motivados por desejos de poder, vingança, ou um “sentido perverso de lealdade” (Muschert, 2007, p. 64). Um dos piores incidentes de violência escolar da história dos EUA enquadra-se nesta categoria. Em 1927, um agricultor matou a sua mulher, explodiu todos os edifícios da sua quinta, e depois detonou explosivos colocados sob o edifício da escola de Bath, Michigan, matando um total de 45 pessoas. O ataque parece ter sido motivado pelo desejo de vingança por um novo imposto escolar estar a ser cobrado (Ellsworth, 1927, *as cited in* Muschert, 2007).

Por último, quanto aos ataques terroristas, estes incidentes são excluídos do que consideramos um AE nesta investigação, uma vez que se tratam de casos nos quais uma instituição escolar, ou estudantes, são selecionados como alvo simbólico num ataque inspirado por alguma ideologia política, religiosa, económica ou social. Com efeito, visto que os jovens e as escolas são instituições importantes nas comunidades, tal ataque é particularmente atroz, e pode ser eficaz para atrair a atenção para os grupos terroristas (Petkova et al., 2017). De modo a tentar perceber porque alguns países sofrem mais ataques terroristas em EE, Fahey e Asal (2019) analisaram a literatura existente sobre estes incidentes e cruzaram essa informação com os ataques ocorridos em EE de 75 países entre 1981 e 2010, através da *Global Terrorism Database*<sup>2</sup>. Verificaram que a opressão da expressão religiosa por parte dos governos estava associada ao aumento dos ataques terroristas contra instituições educativas, e que os níveis de violência governamental contra os cidadãos estavam associados, tanto ao aumento dos ataques terroristas contra instituições educativas, como, em menor grau, a todo o tipo de alvos.

Exemplos dignos de referir incluem o ataque em Beslan, Rússia, em 2004, quando o grupo de terroristas *Riyad-us Saliheen* tomou 1 200 pessoas como reféns numa escola de ensino básico. Após três dias, as autoridades russas invadiram o edifício e 344 pessoas morreram, incluindo 186 crianças (Muschert, 2007). Em 2014, terroristas do grupo *Tehrik-i-Taliban Pakistan* realizaram um massacre numa escola em Peshawar, no Paquistão, deixando pelo menos 150 mortos (Petkova et al., 2017). A 8 de maio de 2021, o grupo *Islamic State – Khorasan Province* levou a cabo um atentado bomba com um carro armadilhado, seguido de mais dois explosivos improvisados, em frente a uma escola em Cabul, Afeganistão. O resultado do ataque foram 90 pessoas mortas e 240 feridas (Neff & Rahim, 2021).

---

<sup>2</sup> Base de dados que contém informações sobre ataques terroristas em todo o mundo, entre 1970 e 2019.

Ao analisar diversos estudos sobre ataques a escolas é possível reconhecer várias características dos AE, que são comuns entre várias investigações. Embora não seja possível criar um perfil ideal de AE, não deixa de ser importante ter em conta as semelhanças registadas, para que se possam identificar e prevenir potenciais ataques. Desde logo, o primeiro aspeto que se destaca em todos os estudos referidos de seguida é o facto de que a grande maioria dos AE eram alunos, ou antigos alunos, da escola que atacaram. Os AE são predominantemente do sexo masculino e de etnia caucasiana (FBI, 2021; Kleinveld, 2016; McCauley et al., 2013; McGee & DeBernardo 1999; Newman, 2004; Vossekuil et al., 2004). A maioria dos AE encontram-se na sua adolescência, com idades compreendidas entre os 13 e 19 anos (Böckler et al., 2013; FBI, 2021; McCauley et al., 2013; Vossekuil et al., 2004). Relativamente às capacidades de socialização dos AE, é notório em muitos casos o isolamento social, a inabilidade de se conectarem com os outros, ou nos casos em que estão inseridos num grupo de amigos, este não é numeroso (Kleinveld, 2016; McCauley et al., 2013; McGee & DeBernardo, 1999). No que concerne a saúde mental destes indivíduos, a maioria mostrava sofrer de depressão, desespero, pensamentos suicidas, ou dificuldades em lidar com acontecimentos relevantes. No entanto, é importante distinguir saúde mental de doença mental, uma vez que a maioria dos AE não sofria de qualquer doença mental diagnosticada antes do ataque (McCauley et al., 2013; McGee & DeBernardo, 1999; Newman, 2004; Vossekuil et al., 2004).

As motivações da maioria dos AE aparentam ter como origem ressentimentos e insatisfações pessoais, a perceção de injustiças contra a sua pessoa, o facto de se sentirem marginalizados, ou serem vítimas de *bullying* (Malkki, 2013; McCauley et al., 2013; Newman, 2004; Vossekuil et al., 2004). Estes indivíduos possuem um interesse particular em violência, exibindo-o através de filmes, textos e trabalhos da escola. É frequente se identificarem e serem inspirados por antigos AE. Em muitos casos, os AE demonstram mudanças comportamentais notórias antes do ataque, tanto no trato com os colegas, como parecendo mais ocupados em atividades extracurriculares, isto porque estes atos raramente são repentinos ou impulsivos. A maioria dos AE contemplados nestes estudos possuíam algum grau de pesquisa e planeamento, sendo estes atos o resultado de todo um processo de reflexão (McCauley et al., 2013; McGee & DeBernardo, 1999; Newman, 2004; Vossekuil et al., 2004).

## **Capítulo II – Os estabelecimentos de ensino como alvos vulneráveis**

### **1. Caracterização dos estabelecimentos de ensino**

Em regra, é expectável que os EE sejam dos lugares mais seguros que as crianças e jovens possam frequentar. Nesta senda, os ataques a instituições educativas, e especialmente contra crianças e jovens, são eventos altamente emocionais e de grande relevo. Assim, importa perceber o que pode levar um EE a ser escolhido como alvo de ataque.

Há várias razões pelas quais um atacante ativo pode escolher atacar instituições de ensino em detrimento de outras instituições civis. Desde logo, os EE representam alvos vulneráveis. São locais relativamente desprotegidos onde as pessoas se reúnem em grande número, oferecendo assim o potencial para vítimas em massa. São locais com períodos de utilização bem definidos, pontos de acesso específicos e várias vias de penetração e fuga para os atacantes (Department of Homeland Security, 2012). Esta relativa falta de segurança física em comparação com outros potenciais alvos (por exemplo, aeroportos, instalações militares, embaixadas) torna as instituições educativas difíceis de proteger contra atos de agressão. Outros tipos semelhantes de alvos vulneráveis (por exemplo, hotéis, restaurantes, discotecas) sempre atraíram atacantes ativos, uma vez que o impacto pode ser devastador em termos de danos e intimidação. É de notar que os danos causados por estes tipos de ataques não se limitam a danos materiais, danos físicos e/ou mortes. A exposição a tais incidentes traumáticos pode ter efeitos psicológicos adversos sobre todos aqueles que os testemunham, especialmente crianças e jovens (Browne, 2003; Petkova et al., 2017).

Outra razão pela qual as instituições educativas podem constituir um alvo é devido ao facto dos EE e seus alunos representarem alvos simbólicos, visto que qualquer ataque a estes alvos evoca uma forte resposta emocional por parte das pessoas (Petkova et al., 2017). A título de exemplo, se um LS desejar retratar um governo como sendo incapaz de proteger os seus cidadãos dos efeitos danosos do terrorismo, ao visar deliberadamente as crianças e jovens (o estrato mais vulnerável da sociedade), pode transmitir uma “poderosa demonstração de incompetência governamental” (Bradford & Wilson, 2013, p. 128). No caso de um AE, uma das diversas razões pelas quais este pode optar por atacar um EE é devido à intensiva cobertura mediática que tal ato atrai. Tem sido registado em várias investigações, que alguns AE anseiam pela atenção dos meios de comunicação social. Desta forma, a extensa cobertura mediática que ataques em EE recebem acabam por oferecer ao AE uma plataforma a partir da qual este pode ganhar a atenção desejada, servir de inspiração

para outros reproduzirem o mesmo ato, e ainda inspirar o medo na sociedade (Langman, 2017; Pew et al., 2019).

## **2. A influência de famosos ataques a estabelecimentos de ensino na inspiração de novos atacantes escolares**

Um dos ataques em EE mais divulgados na história aconteceu no *Columbine High School*, Colorado, EUA. Embora certamente não tenha sido o primeiro, foi um dos primeiros a ser acompanhado na televisão nacional durante horas. A 20 de abril de 1999, dois estudantes (Eric Harris e Dylan Klebold) abriram fogo na escola, matando 13 pessoas (12 estudantes e um professor) e ferindo outras 23 antes de cometerem suicídio. Na altura, e no que diz respeito a ataques em EE, este incidente era o mais mortífero da história dos EUA. Desde então, já foi superado várias vezes. Para se ter ideia da intensidade da cobertura mediática, foi registado pela CNN (um dos maiores canais noticiosos dos EUA), que este evento teve uma cobertura superior à morte da Princesa Diana. No mês que se seguiu, foram comunicados, em todo o país, 400 incidentes relacionados com Columbine. Muitos estudantes reportaram falsas ameaças de bomba e elogiaram as ações dos atacantes. Algumas escolas, ao temerem novos ataques, acabaram mesmo por fechar temporariamente (Pew et al., 2019).

Graças à intensa publicidade e escrutínio público do ataque em Columbine, os atos de Eric Harris e Dylan Klebold deixaram para trás um legado que ainda hoje se faz sentir. A 26 de abril de 2002, na Alemanha, Robert Steinhäuser assassinou 17 pessoas e feriu outras seis na Escola Secundária *Johann Gutenberg*, antes de se suicidar (Malkki, 2013). Terá pesquisado na internet o incidente de Columbine e discutido o ataque com os seus amigos. Steinhäuser terá ainda ficado impressionado com a execução do ataque, ficando tanto chocado, como fascinado com as fotografias das vítimas (Langman, 2018). A 16 de abril de 2007, na Universidade *Virginia Tech*, em Virginia, EUA, Seung Hui Cho matou 32 pessoas (27 estudantes e cinco membros do corpo docente), tendo-se suicidado no fim (Malkki, 2013). Atualmente, este incidente é o ataque escolar mais mortífero da história dos EUA. Antes de levar a cabo o seu plano, este AE manifestou por escrito o desejo de repetir o ataque de Columbine. Desde então, muitos AE apontaram Cho como uma inspiração (Pew et al., 2019).

A 7 de novembro de 2007, Pekka-Eric Auvinen assassinou oito pessoas, ferindo outras 13, na Escola Secundária de Jokela, na Finlândia. Na investigação que sucedeu o ataque, descobriu-se que Auvinen tinha expressado a sua alegria pelas mortes no ataque à *Virginia Tech* no próprio dia do atentado. Apenas alguns dias mais tarde, a 20 de abril de 2007, soube-se que celebrou no seu diário o aniversário dos assassinios em Columbine. Foi também revelado que Auvinen participava ativamente em fóruns na internet centrados no ataque de Columbine (Petäjaniemi, 2009). A 23 de setembro de 2008, novamente na Finlândia, Matt Saari assassinou 10 pessoas, tendo também ferido outras 11, na Universidade de Ciências Aplicadas de Seinäjoki. De acordo com a investigação do ataque, concluiu-se que Saari foi influenciado pelos autores do ataque em Columbine e na *Virginia Tech*, bem como por Auvinen, o compatriota que tinha levado a cabo um ataque escolar no ano anterior (Langman, 2018; Sauri, 2010).

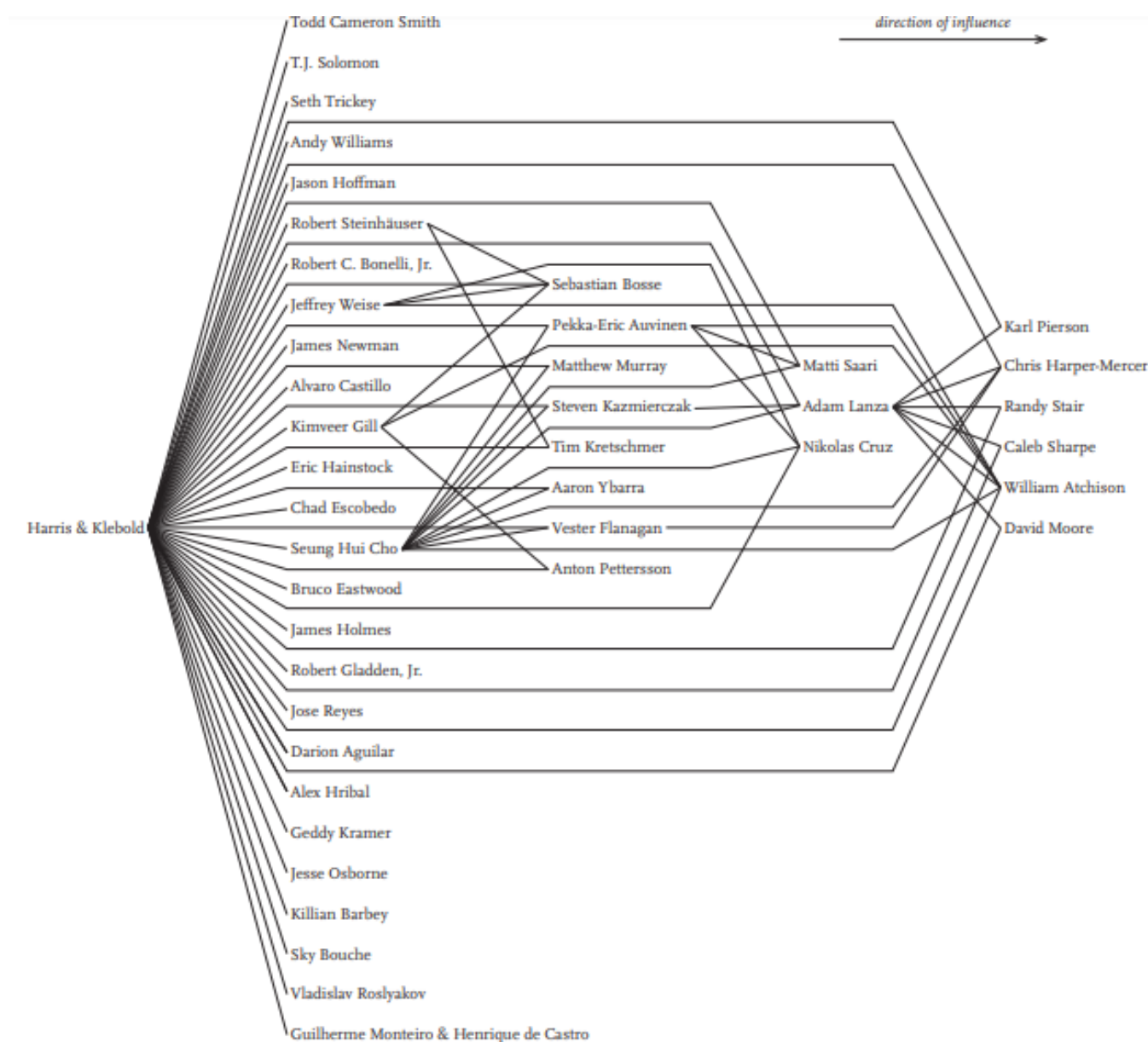
A 11 de março de 2009, na Escola Secundária *Albertville-Realschule*, na Alemanha, Tim Kretschmer assassinou 12 pessoas e feriu nove, tendo ainda matado mais três pessoas durante a fuga, até pôr termo à própria vida. Kretschmer terá pesquisado o ataque de Columbine, bem como escrito um texto para um trabalho da escola sobre o ataque de Steinhäuser, também na Alemanha, em 2002 (Langman, 2018). A 14 de dezembro de 2012, na Escola Primária de Sandy Hook, Connecticut, EUA, Adam Lanza assassinou 20 crianças e seis adultos, cometendo suicídio no fim. Os investigadores descobriram que Lanza possuía um fascínio por assassinios em massa, tais como o massacre em Columbine e na *Virginia Tech* (Winter & Seville, 2013). A 14 de fevereiro de 2018, na *Marjory Stoneman Douglas High School*, Flórida, EUA, Nikolas Cruz matou 17 pessoas, tendo também ferido outras 17. Nas duas semanas que seguiram o ataque, foram registadas 638 ameaças que visaram escolas por todo o país. Estas ameaças são frequentemente piadas ou farsas que se espalham através das redes sociais, contudo, podem ser prejudiciais para as comunidades escolares (Pew et al., 2019).

A 17 de outubro de 2018, na Faculdade de Kerch, na Ucrânia, Vladislav Roslyakov assassinou 20 pessoas, ferindo outras 70. Roslyakov conhecia o ataque de Columbine e parecia ser obcecado pelo mesmo, uma vez que a roupa que levava vestida no dia do ataque era em tudo idêntica à roupa de Harris (um dos atacantes de Columbine), utilizou as mesmas armas que ele (espingarda e explosivos improvisados), colocou um engenho explosivo no refeitório e escolheu a biblioteca como local do suicídio, tal e qual como os atacantes de Columbine (Smith, 2019). Recentemente, em Portugal, pudemos testemunhar este mesmo

efeito de influência. A 10 de fevereiro de 2022, a Polícia Judiciária deteve um jovem português de 18 anos, que se preparava para levar a cabo um atentado na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL). Este jovem “absorvia de forma maciça informação sobre tiroteios como os que têm ocorrido de forma regular em várias escolas dos Estados Unidos ao longo dos últimos anos, como Columbine (1999), Sandy Hook (2012) e Parkland (2018)” (Bruno, 2022). Estes são apenas alguns exemplos da influência e consequente inspiração de novos AE, como se pode verificar na Figura 7.

**Figura 7**

*A influência de atacantes escolares*



Nota. Este diagrama retrata as linhas de influência de Columbine através de ataques subsequentes (Langman, 2018).

### **3. Ataques a estabelecimentos de ensino – Estados Unidos vs Europa**

De um modo geral, os ataques em EE são reconhecidos como um fenómeno prevalente nos EUA. Com efeito, a realidade vivenciada neste país é única comparativamente ao resto do mundo, isto devido, em grande parte, à facilidade de acesso a armas de fogo, como pistolas e carabinas semiautomáticas (Sullivan, 2021). Existem várias organizações que tentam quantificar este fenómeno, no entanto, cada uma tem a sua própria metodologia, o que cria várias dificuldades quando se tenta perceber objetivamente o volume de ataques em EE. Segundo a base de dados da *Everytown for Gun Safety* (2022) – uma organização sem fins lucrativos – desde 2013 até abril de 2022, foram registados pelo menos 875 incidentes de disparos com armas de fogo em recintos escolares, resultando em 285 mortos e 594 feridos a nível nacional. Esta amostra inclui todo o tipo de disparos, como suicídios, disparos fortuitos e disparos de polícias, o que acaba por inflacionar os números e não ser viável para caracterizar este fenómeno.

Segundo a base de dados da *Education Week* (2022) – uma organização de notícias independente que cobre o setor da educação – desde 2018 até abril de 2022, houve 114 tiroteios em EE onde pelo menos uma pessoa foi morta ou ferida, resultando em 67 mortos e 205 feridos. Esta amostra não inclui suicídios, nem incidentes que envolvam disparos de polícias, contudo, apenas contabiliza casos desde o ensino pré-escolar até ao ensino secundário, excluindo o ensino superior. De acordo com um relatório do FBI (2021), entre 2001 e 2019, foram registados 62 episódios de atiradores ativos em EE, que resultaram em 179 vítimas mortais e 240 feridos. Esta amostra, embora inclua todos os níveis de ensino, também contabiliza apenas casos em que foram usadas armas de fogo. Nesta senda, enquanto não for definida uma metodologia comum, ou com menos variáveis, e não se incluírem os ataques com armas brancas, será difícil quantificar este fenómeno nos EUA.

Embora a realidade europeia, aparentemente, não se pareça em nada com a dos EUA importa demonstrar que na Europa este fenómeno também se faz sentir, e Portugal, como país europeu, tem de considerar essa realidade, sobretudo após um ataque ter sido impedido no limite em fevereiro deste ano, em Lisboa. De modo a tentar caracterizar o cenário europeu relativamente ao fenómeno dos AE, foi feita uma recolha de ataques em EE nos últimos 40 anos (1983 – abril de 2022) através de fontes abertas (Apêndice C). Os critérios de seleção foram os seguintes: o ataque ser executado por dois indivíduos no máximo; o ataque ser direcionado contra a instituição educativa, ou ter como objetivo o assassinio de terceiros; o

ataque ter como fundamento motivações pessoais; o ataque não ser derivado de outros crimes (neste sentido, foram excluídos um caso de violência derivada do tráfico de droga e dois casos de terrorismo). Foram recolhidos 81 incidentes ocorridos em 25 países diferentes. Os países com uma maior incidência de ataques foram a Rússia (N=14), a Alemanha (N=12), a Finlândia (N=6), a Áustria (N=6), os Países Baixos (N=5) e a Inglaterra (N=5). A Suécia (N=4), a França (N=3), a Hungria (N=3) e a Polónia (N=3) também se destacaram. Quanto aos restantes países, apenas a Letónia, a Espanha, a República Checa, a Escócia e Portugal registaram mais que um ataque (N=2), tendo a Estónia, a Itália, a Bélgica, a Grécia, a Dinamarca, a Irlanda do Norte, a Noruega, a Bielorrússia, a Bósnia e Herzegovina e a Ucrânia registado apenas um (N=1).

Dos 81 ataques registados resultaram 159 vítimas mortais e 418 feridos. Foram identificados 82 AE, tendo 22 deles morrido durante o ataque, ou durante a fuga, todos por suicídio. Quanto ao sexo dos AE, 76 são do sexo masculino e seis do sexo feminino. A média de idades dos AE é de 22 anos. Cerca de 71% dos AE pertenciam, ou tinham sido recentemente expulsos (N=2), ao EE que definiram como alvo. Quanto aos *modi operandi*, foram usadas armas brancas em 39 casos, armas de fogo em 38 casos e engenhos explosivos/material inflamável em 13 casos. No que concerne o motivo mais comum para os ataques, em 33 casos foi possível aferir que a motivação estaria baseada no ódio ou na procura de vingança, sendo isto fruto de *bullying*, conflitos pessoais, ou frustrações com a vida em geral. Não foi relatado qualquer motivo, ou possível motivo, em 28 dos casos.

Dentro desta amostra foram identificados 11 incidentes de *mass murder* (assassínio em massa), que segundo o FBI (2005), é um incidente em que quatro ou mais vítimas, não incluindo o suspeito, são mortas. O ataque em Columbine constitui um assassínio em massa, e como referido anteriormente, é tido como um dos ataques a EE mais influentes da história. Desde Columbine (abril de 1999), registaram-se nos EUA 11 ataques em EE que se inserem na categoria de assassínio em massa, causando 126 vítimas mortais, o que resulta numa média de 11,5 mortos por ataque (Keneally, 2019; Ripka & Kasakove, 2021). Relativamente à Europa, e no mesmo período de tempo, registaram-se sete ataques em EE que se inserem na mesma categoria, causando 82 vítimas mortais, o que resulta numa média de 11,7 mortos por ataque. Embora tenham ocorrido menos quatro ataques desta categoria em EE europeus, a média de mortes por ataque chega a ser ligeiramente superior, o que indica que, nas últimas duas décadas, este tipo de incidente em específico tem sido mais letal na Europa.

Ao dividir a amostra recolhida em períodos de 10 anos, conseguimos ter uma ideia da evolução deste fenómeno na Europa nos últimos 40 anos (Tabela 1). São notórios os aumentos do número de ataques, do número de feridos e do número de ataques com recurso a armas brancas. Algo igualmente preocupante é a diminuição da idade média dos AE.

**Tabela 1**

*Evolução do fenómeno de atacantes escolares na Europa*

	Ataques	Mortos	Feridos	Idade média AE	Arma de fogo	Arma branca
1983 - 1992	3	7	18	21	3	0
1993 - 2002	19	55	62	27	12	6
2003 - 2012	22	44	121	24	10	11
2013 - abril 2022	37	53	217	18	13	22
Total	81	159	418	22	38	39

*Nota.* Elaboração própria com base em informação compilada de fontes abertas (Apêndice C).

Uma vez que esta investigação se vai centrar em EEU, importa analisar a evolução dos ataques neste nível de ensino (Tabela 2). Verifica-se um aparente aumento da frequência dos ataques, visto que nos primeiros 30 anos da amostra se registaram oito casos, e apenas nos últimos 10 anos se registaram sete. Tanto o número de mortos como o de feridos têm vindo a aumentar. A idade média dos AE neste nível de ensino tem vindo a diminuir, notando-se uma preferência pelo uso de armas de fogo em detrimento a armas brancas.

**Tabela 2**

*Evolução do fenómeno de atacantes escolares em estabelecimentos de ensino universitário europeus*

	Ataques	Mortos	Feridos	Idade média AE	Arma de fogo	Arma branca
1983 - 1992	0	-	-	-	-	-
1993 - 2002	4	10	4	29	3	1
2003 - 2012	4	12	20	23	3	1
2013 - abril 2022	7	29	117	19	6	1
Total	15	51	141	23	12	3

*Nota.* Elaboração própria com base em informação compilada de fontes abertas (Apêndice C).

As universidades abrangem frequentemente grandes áreas geográficas, muitas tendo localizações adicionais noutras partes de uma cidade ou do país. É comum possuírem serviços complementares para além dos seus programas académicos, incluindo hospitais, instalações de investigação e desenvolvimento, locais de artes performativas, complexos desportivos, centros agrícolas e complexos residenciais. Têm frequentemente *campus* abertos que estão integrados na comunidade envolvente, com visitantes regulares a passear, a participar em eventos, ou a usufruir de algum serviço. Os EEU servem, principalmente, estudantes adultos, capazes de tomar decisões autónomas. A população do *campus* está em constante mutação, mudando de dia para dia, de semestre para semestre, e de ano para ano. Alguns estudantes deslocam-se para o *campus*, enquanto outros vivem em instalações de alojamento localizadas perto deste, o que resulta numa população dispersa (Navigate, 2021). Todas estas características constituem desafios e condicionantes no modo como é pensada e feita a segurança destes espaços, como iremos observar de seguida.

#### **4. Problema da investigação**

##### **4.1. Descrição da problemática**

Dunblane, Escócia; Erfurt, Alemanha; Jokela, Finlândia; Kerch, Ucrânia. Estas localidades ficaram conhecidas para muitos dos cidadãos destes países como locais onde ocorreram massacres em escolas. Este tipo de incidente é raro, e evidentemente existem outros tipos de problemas mais recorrentes cuja consideração é mais urgente. No entanto, cada um destes ataques teve um efeito tremendo e duradouro na escola em que ocorreu, na comunidade envolvente, e até nas correspondentes nações como um todo. No rescaldo destes trágicos acontecimentos, é inevitável que os órgãos de polícia criminal, profissionais de saúde mental, professores, pais e alunos se deparem com perguntas como: “Poderíamos saber que estes ataques estavam a ser planeados?”; “O que pode ser feito para evitar a ocorrência ou efeitos de futuros ataques?”.

Este raciocínio conduz à problemática desta investigação. A problemática constitui “o princípio de orientação teórica da investigação e permite estruturar as análises sem as encerrar num ponto de vista rígido” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 100). Desta forma, devido ao aumento de ataques em EE na Europa, é imperativo explorar e desenvolver conhecimentos sobre a ameaça dos atacantes ativos relativamente aos EE portugueses, procurando perceber se a cultura de segurança e o quadro securitário em vigor nestes

estabelecimentos são adequados para prevenir e responder a esta ameaça. Entenda-se por cultura de segurança o conjunto de regras, crenças, valores e comportamentos intrínsecos e partilhados por todos os membros da comunidade de ensino, que determinam a forma como se espera que essas pessoas pensem e abordem a segurança no desempenho diário das suas respetivas funções. Por sua vez, entenda-se por quadro securitário o conjunto de meios humanos e materiais presentes nestes estabelecimentos, que estejam atribuídos à prevenção e resposta de emergências.

#### **4.2. Objetivos do estudo**

Com efeito, o desenvolvimento deste tema em Portugal é importante em todos os níveis de ensino. Todavia, devido a constrangimentos de tempo e oportunidade, a realização de um estudo transversal que cobrisse todos os tipos de EE portugueses não seria viável. Neste sentido, foram estabelecidos como objeto de estudo apenas os EEU em Lisboa (públicos e privados), procurando-se analisar a cultura de segurança e o quadro securitário destes estabelecimentos, de forma a perceber se são adequados para a prevenção e resposta a ataques por atacantes ativos.

Nesta senda, propomo-nos a alcançar os seguintes objetivos:

- Caracterizar o atual quadro securitário dos EEU enquanto alvos vulneráveis suscetíveis de sofrer ataques por parte de atacantes ativos;
- Caracterizar a cultura de segurança associada aos EEU relativamente ao fenómeno dos atacantes ativos;
- Explorar a oportunidade e a necessidade de existir uma corresponsabilização pela segurança partilhada entre as forças de segurança, os dirigentes dos EEU e o resto da comunidade de ensino (professores, alunos e funcionários);
- Promover uma nova de linha de investigação que contribua para o aumento do conhecimento dos diversos atores responsáveis pela segurança de alvos vulneráveis, particularmente de EEU.

### **Capítulo III – Método**

Para que se possa chegar a conhecimento considerado científico, é preciso identificar as “operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação” (Gil, 2008, p. 8). Por outras palavras, há que definir o método que permitiu chegar a determinado conhecimento. Pode-se então definir método como o “conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo de produzir conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido” (Marconi & Lakatos, 2017, p. 70), e método científico como o “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para atingirmos o conhecimento” (Gil, 2008, p. 8).

Quanto à forma de abordagem ao problema, foi realizada uma pesquisa qualitativa. Esta abordagem corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também “mais maleável e mais adaptável” (Bardin, 2020, p. 141), permitindo uma maior flexibilidade em todo o processo, pois o foco está mais no conteúdo do que no procedimento. Esta abordagem possibilita uma compreensão ampla do fenómeno em estudo, tratando de “investigar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspetiva dos atores intervenientes no processo” (Coutinho, 2014, p. 28), intervenientes estes que são pessoas que possuem experiência pertinente para o estudo em causa.

O método de abordagem escolhido foi o indutivo, pois uma das características da abordagem qualitativa é que esta se apoia no raciocínio indutivo (Bryman, 2012; Coutinho, 2014; Fortin, 1999). Desta forma, ao analisarmos a realidade de um determinado número de EEU, pretendemos generalizar essa mesma realidade. Este método permite chegar a conclusões cujo conteúdo é mais amplo do que o das premissas que serviram de base. Tal é possível, pois ao partir de dados específicos, suficientemente atestados, infere-se uma verdade geral ou universal (Marconi & Lakatos, 2017). Do ponto de vista dos objetivos, foi feita uma pesquisa exploratória, uma vez que este tema não se encontra muito desenvolvido em Portugal. Este tipo de pesquisa permite “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos (...) para estudos posteriores” (Gil, 2008, p. 28). A pesquisa envolveu então um levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes na temática pesquisada e a “análise de exemplos que estimulem a compreensão” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 62).

## **1. Participantes**

Quanto à seleção dos participantes nas entrevistas, recorreu-se a uma amostragem não probabilística e intencional, procurando-se obter a opinião de pessoas que sejam “especialistas ou que possuam conhecimentos de uma determinada área” (Marôco, 2021, pp. 11-12). De modo a conhecer a cultura de segurança e o quadro securitário dos EEU em Lisboa, optou-se por entrevistar os dirigentes destes estabelecimentos (Presidentes/Diretores). Como órgãos de representação e direção destas infraestruturas, possuem a experiência e conhecimentos necessários para caracterizar todo o tipo de atividade nestes locais. De um total de 20 pedidos de entrevista realizados, foram recebidas sete respostas positivas, resultando em sete participantes.

## **2. Corpus**

O *corpus* é o “conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (Bardin, 2020, p. 122). Assim, o *corpus* desta investigação encerra um conjunto de sete entrevistas realizadas a dirigentes de EEU em Lisboa.

## **3. Instrumentos**

### **3.1 Instrumento de recolha de dados: Entrevistas**

Dentro dos vários instrumentos de recolha de dados, optou-se pela entrevista. Segundo Fortin (1999) “a entrevista é um modo particular de comunicação verbal, que se estabelece entre o investigador e os participantes com o objetivo de colher dados relativos às questões de investigação formuladas” (p. 245). Através de entrevistas é possível apreender o que os participantes pensam, sabem e argumentam. Esta escolha deveu-se ao facto de a entrevista ser um instrumento frequentemente utilizado em pesquisas qualitativas (Bryman, 2012), em estudos exploratórios (Fortin, 1999), ser eficiente na obtenção de dados em profundidade e por oferecer uma grande flexibilidade, pois o entrevistador pode “esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista” (Gil, 2008, p. 110).

De acordo com Fortin (1999), a entrevista preenche várias funções: “1) servir de método exploratório para examinar conceitos, relações entre as variáveis e conceber

hipóteses; 2) servir de principal instrumento de medida de uma investigação; 3) servir de complemento a outros métodos” (p. 245). Para esta investigação, a entrevista serviu como método exploratório e como instrumento de recolha de dados. No que concerne o tipo de entrevista realizada, esta foi de natureza não estruturada e semidiretiva. As entrevistas não estruturadas proporcionam uma maior amplitude e alcance do que outros tipos de entrevista, dada a sua natureza qualitativa. A formulação e sequência das questões não são predeterminadas, mas deixadas à descrição do entrevistador, que pretende compreender o valor dado a um evento, ou a um fenómeno, na perspetiva dos participantes (Fontana & Frey, 1994). Neste tipo de entrevista, embora bastante flexível, existe um certo grau de direção, pois utiliza-se um guião com as grandes linhas orientadoras dos temas a explorar.

### **3.2 Instrumento de análise de dados: Análise de conteúdo**

O instrumento de análise de dados selecionado para se proceder à análise do *corpus* foi a análise de conteúdo. Este instrumento consiste num “conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2020, p. 44). A análise de conteúdo pode incidir sobre as mais diversas mensagens como obras literárias, artigos de jornais, declarações políticas e entrevistas pouco diretivas. Segundo Bardin (2020), o objetivo da análise de conteúdo é a “inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de receção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (p. 40).

De acordo com Bardin (2020), a análise de conteúdo é organizada em três fases: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Na fase da pré-análise organiza-se o trabalho, no fundo: estabelece-se um primeiro contacto com os documentos a analisar através de uma “leitura flutuante” (p. 122), de forma que o analista se familiarize com os textos; escolhem-se os documentos a serem submetidos à análise, criando um *corpus* que respeite as regras da “exaustividade” e “representatividade” (pp. 122-123), de modo a que se faça uma amostragem rigorosa; formulam-se os objetivos, ou seja, declara-se a finalidade geral a que o analista se propõe; e criam-se indicadores que fundamentem a interpretação final. Na fase da exploração do material efetuam-se essencialmente “operações de codificação, decomposição ou

enumeração (...)” (p. 127). Por fim, na fase do tratamento dos resultados, de inferência e interpretação, efetuam-se operações estatísticas, síntese e seleção dos resultados, inferências e interpretações.

Para se explorar o material reunido recorre-se a dois processos: a codificação do conteúdo e a respetiva categorização, para posteriormente se efetuarem inferências através de métodos quantitativos ou qualitativos. A codificação é o ponto de partida para a maioria das formas de análise qualitativa de dados (Bryman, 2012). Trata-se da “transformação dos dados em bruto do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão” (Bardin, 2020, p. 129), capaz de esclarecer o investigador acerca das particularidades do texto. Segundo Bardin (2020), uma unidade de registo é o elemento a codificar e corresponde ao pedaço de conteúdo a considerar como item base, visando a categorização. Quanto à unidade de contexto, esta serve de “unidade de compreensão para codificar a unidade de registo e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registo) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registo” (p. 133).

Por sua vez, a categorização é um processo de classificação de elementos integrantes de um grupo através da diferenciação dos mesmos. As categorias são “classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos” (Bardin, 2020, p. 145). Para que seja garantida a validade do processo, a categorização deve respeitar vários princípios: as categorias devem ser homogéneas; exaustivas e exclusivas, no sentido de não existir ambiguidades na classificação; pertinentes; e objetivas e fidedignas, de forma que exista consistência na análise. Por fim, tem lugar a inferência. O propósito de qualquer investigação é “produzir inferências válidas a partir dos dados (...) a inferência não passa de um termo elegante para designar a indução a partir dos factos” (Bardin, 2020, p. 164). No fundo, é o procedimento intermédio que permite efetuar uma interpretação controlada dos resultados.

#### **4. Procedimento**

De modo a entrar em contacto com dirigentes de EEU, foi primeiramente feito um levantamento de todos os EEU em Lisboa através do sítio da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência. Foram identificados os dirigentes através dos sítios oficiais dos respetivos EEU, sendo recolhidos os endereços eletrónicos dos Presidentes/Diretores. Foram

então enviados um total de 20 pedidos de entrevistas, dando a escolher aos visados o meio de execução das mesmas (presencial, por *Zoom* ou por escrito). Após fraca aderência demonstrada pela falta de resposta, foram feitas várias insistências por email, telefone e presencialmente. Dos 20 dirigentes contactados, sete acederam ao pedido de entrevista, dois recusaram e 11 não ofereceram qualquer resposta. A realização das entrevistas foi acompanhada de um guião (Apêndice D), mas garantiu-se uma considerável abertura e liberdade ao entrevistado de se exprimir sobre os temas. Todas as entrevistas foram gravadas com um gravador, assegurando o anonimato e confidencialidade dos dados. As entrevistas foram então transcritas e sujeitas a uma análise de conteúdo.

Nesta investigação optámos por fazer uma análise categorial, que consiste em “operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (Bardin, 2020, p. 199). Devido à nossa investigação possuir uma abordagem não quantitativa, recorreremos a indicadores não frequenciais, pois como sustenta Bardin (2020), estes são “susceptíveis de permitir inferências; por exemplo, a presença (ou a ausência) pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a frequência de aparição” (p. 140). No entanto, a análise qualitativa não nega todo e qualquer modo de quantificação. Apenas os índices é que são considerados de forma não frequencial, sendo possível efetuar testes quantitativos: por exemplo, a presença de índices análogos em discursos similares. Assim sendo, o que caracteriza a análise qualitativa, e neste caso a nossa análise, é o facto de “a inferência ser fundada na presença do índice [tema], e não sobre a frequência da sua aparição” (p. 142).

Primeiramente, e no que concerne a codificação, optámos pelo tema como unidade de registo. No que toca às categorias, estas foram estabelecidas após a fase de codificação, ou seja, resultaram da “classificação analógica e progressiva dos elementos [tratando-se de um] procedimento por acervo” (Bardin, 2020, p. 147). Foram então definidas as seguintes categorias: Gestão global da segurança; Reação a ataque por atacante ativo; Corresponsabilização; e Problemas identificados. Após a definição das categorias seguiu-se o processo de validação das mesmas, de forma a verificar a sua fiabilidade e validade. Realizou-se uma validação interna, que consiste na comparação das categorias entre si ao se verificar eventuais sobreposições, repetições ou redundâncias (Bryman, 2012). Para o efeito testou-se se análise dos dados respeitava os princípios da categorização (homogeneidade, exaustividade, exclusividade e pertinência). Por fim, concluída a análise dos dados, seguiram-se as respetivas inferências e interpretações.

A grelha categorial (Apêndice F) estabelecida consiste nas seguintes categorias e subcategorias:

A – Categoria “**Gestão global da segurança**”. Nesta categoria insere-se conteúdo relacionado com medidas genéricas de segurança existentes nos EEU.

A.1 - Subcategoria “**Vigilância humana**”. Nesta subcategoria insere-se informação relacionada com medidas de vigilância com recurso a meios humanos.

A.2 - Subcategoria “**Vigilância eletrónica**”. Nesta subcategoria insere-se informação relacionada com medidas de vigilância com recurso a meios eletrónicos.

A.3 - Subcategoria “**Procedimentos de segurança**”. Nesta subcategoria insere-se informação relacionada com o planeamento redigido de ações a tomar em caso de emergências.

B – Categoria “**Reação a ataque por atacante ativo**”. Nesta categoria insere-se informação relacionada com os conhecimentos dos dirigentes dos EEU sobre o fenómeno de atacantes ativos, bem como a adoção de atitudes e comportamentos tendentes a prevenir e reagir contra esta ameaça.

B.1 – Subcategoria “**Perceção da ameaça**”. Nesta subcategoria insere-se informação relacionada com o entendimento dos dirigentes dos EEU acerca do fenómeno dos atacantes ativos.

B.2 – Subcategoria “**Contramedidas de segurança**”. Nesta categoria insere-se informação relacionada com a existência de contramedidas para responder a um ataque por atacante ativo.

B.3 - Subcategoria “**Simulacros**”. Nesta subcategoria insere-se informação relacionada com o planeamento e execução de simulacros nos EEU.

C – Categoria “**Corresponsabilização**”. Nesta categoria insere-se conteúdo relacionado com a potencial responsabilidade coletiva de vários atores para fazer frente à ameaça dos atacantes ativos.

C.1 – Subcategoria “**Sinalização e acompanhamento de alunos**”. Nesta subcategoria insere-se informação relacionada com o papel que a instituição educativa pode assumir na sinalização e acompanhamento de casos suspeitos.

C.2 – Subcategoria “**Formação**”. Nesta categoria insere-se informação relacionada com a partilha de conhecimentos sobre o fenómeno dos atacantes ativos em prol da proteção dos EEU e seus utilizadores.

C.3 – Subcategoria “**Colaboração com a Polícia de Segurança Pública (PSP)**”. Nesta subcategoria insere-se informação relacionada com procedimentos de colaboração que podem ser criados ou melhorados entre a PSP e a comunidade de ensino universitário.

D – Categoria “**Problemas identificados**”. Nesta categoria insere-se informação relacionada com o que os dirigentes dos EEU reconheceram como vulnerabilidades e aspetos a melhorar.

D.1 – Subcategoria “**Vulnerabilidades**”. Nesta subcategoria insere-se informação relacionada com as vulnerabilidades do espaço pertencente aos EEU.

D.2 – Subcategoria “**Aspetos a melhorar**”. Nesta subcategoria insere-se informação relacionada com o que dirigentes de EEU reconheceram como aspetos que necessitam de melhorarias.

## **Capítulo IV – Apresentação e discussão dos resultados**

### **1. Gestão global da segurança**

Com o objetivo de caracterizar a gestão global da segurança dos EEU em Lisboa, foi colocada a questão de como os vários dirigentes consideravam a gestão da segurança atualmente efetuada nos seus estabelecimentos. Foram cobertos tópicos como os meios de vigilância (humanos e eletrónicos) dos espaços e a existência de procedimentos em vigor, cuja operacionalidade tenha como objetivo responder a emergências. Destacou-se a referência imediata por parte de todos os participantes da existência de segurança privada nos seus estabelecimentos. Em todos os casos, estes meios humanos estão posicionados nas portarias, tendo como principais funções efetuar o controlo das entradas e a resolução de eventuais conflitos de baixa intensidade. De um modo geral, o efetivo presente durante o dia consiste entre dois a três vigilantes, enquanto durante a noite esse número tende a ser apenas um. Num dos estabelecimentos o número de vigilantes era consideravelmente superior: cinco elementos em permanência. Dos sete participantes, cinco referiram a prática de rondas pelos vigilantes, cobrindo as diversas áreas dos estabelecimentos.

*A nossa Faculdade tem (...) uma empresa de segurança privada contratada através de um concurso de toda a Universidade, e em que tem um segurança à porta que controla as entradas das pessoas. (...) há depois um ronda que vai circulando (...).*  
(P1)

*A segurança privada existe, têm fundamentalmente aqui uma função de apoio (...) estão posicionados na entrada do edifício, portanto permitem de alguma forma controlar as entradas. Durante a noite temos apenas um, durante o dia é que são normalmente dois.* (P4)

Relativamente à existência de meios eletrónicos atribuídos à vigilância do perímetro e espaço interior dos estabelecimentos, o meio mais referido foi a existência de sistemas de videovigilância. No entanto, foi possível verificar que dois dos estabelecimentos em questão não possuem qualquer sistema de videovigilância. Contudo, é de notar que um destes estabelecimentos se encontra no processo de aquisição deste tipo de sistema, bem como da respetiva central de segurança. No que toca ao outro estabelecimento sem videovigilância, embora já tenha sido requerida a sua instalação por parte da direção, este requerimento foi recebido com algumas exposições contrárias por parte da respetiva Reitoria, não sendo previsível se o estabelecimento em causa virá a usufruir destes meios técnicos. Em relação

às entradas destes estabelecimentos, nos casos em que existe parque de estacionamento interno, o controlo de viaturas é efetuado por um sistema de cancelas. No que concerne a entrada de peões, por norma, não existe um controlo rígido. Porém, a direção de um dos estabelecimentos em questão sentiu a necessidade de procurar combater esta vulnerabilidade ao instalar torniquetes na entrada, cujo propósito assenta em limitar o acesso apenas a pessoas portadoras de um cartão registado no sistema.

*Temos câmaras ao longo da Faculdade e televisores, ecrãs na portaria, que mostram ao segurança os percursos exteriores da Faculdade e alguns interiores (...). Instalámos à entrada torniquetes para controlo, sendo necessário um cartão registado no sistema para passar (...) O objetivo é precisamente a segurança, ou seja, só entrava, só conseguia passar o torniquete quem estava registado no sistema. (P1)*

*Neste edifício não temos videovigilância. As questões da videovigilância, como sabe, não são questões muito fáceis e por isso nós não temos CCTV aqui dentro. [A videovigilância] foi pedida, mas há algumas exposições contra isso. (P7)*

Relativamente à existência de procedimentos escritos e em vigor, cujo propósito seja a reposta a algum tipo de emergência, cinco dos participantes confirmaram a existência de um plano em vigor nos seus estabelecimentos. Um dos participantes que respondeu negativamente afirmou, contudo, que se encontravam no processo de implementação de um plano de emergência. Relativamente ao conteúdo destes procedimentos, estes têm como fim dar resposta apenas a situações de incêndio ou evacuação.

*Estamos neste momento a rever, no âmbito da parceria com os Bombeiros, estamos precisamente a rever esse plano de emergência. Foi um projeto que tínhamos começado no final de 2019, depois com a pandemia foi naturalmente sendo sucessivamente adiado. (P4)*

*Temos planos de emergência e evacuação. A coisa no papel está toda conforme (...) recorreremos a diversas entidades a nível destes aspetos e temos todos os planos a este nível certificados, feitos por entidades certificadas na matéria. (P5)*

Quanto à vigilância destes estabelecimentos, de um modo geral existe um emprego razoável de meios humanos e técnicos de forma a garantir a fiscalização do espaço, bem como a prevenção e resposta a conflitos de baixa intensidade, não sendo apropriados para

uma eventualidade de ataque. É importante notar que mesmo nos casos em que não existem certos recursos, existe a preocupação por parte dos dirigentes em sanar essas deficiências, bem como até complementar os meios existentes. No que concerne a existência de procedimentos que visem dar resposta a determinadas emergências, o panorama geral é relativamente positivo, uma vez que existem planos de ação para diferentes cenários, embora nenhum para a eventualidade de ataque contra os estabelecimentos e seus utilizadores.

## **2. Reação a ataque por atacante ativo**

Já conhecido o panorama geral no que diz respeito à gestão global de segurança, importa conhecer o nível de preparação que existe nestes locais na eventualidade de serem alvo de ataque por parte de um atacante ativo. Nesta senda, os participantes foram questionados acerca dos seus conhecimentos sobre este fenómeno, bem como da adoção de contramedidas e comportamentos tendentes a prevenir e reagir contra este tipo de ameaça.

Nenhum dos participantes tinha, em nenhum momento, sido abordado por qualquer entidade (do Estado ou particular) acerca deste fenómeno. Todos os seus conhecimentos são baseados em perceções pessoais e do que eventualmente absorveram ao longo dos anos através dos meios de comunicação social. Quando questionados acerca da ocorrência de ataques em EE europeus, apenas um dos participantes afirmou não ter conhecimento de nenhum incidente. Antes da detenção do jovem português que planeava um ataque na FCUL, o cenário de ataque num EE português era considerado remoto por cinco dos participantes, tendo a perceção de quatro deles alterado após esta situação ter sido reportada nos meios de comunicação social.

*Estes ataques (...) ou a maior parte deles (...) são feitos por pessoas do interior (...) portanto, é muito difícil de, em termos de segurança, evitar que essas pessoas cá entrem, essas pessoas são nossas. Muitos desses comportamentos nascem de tratamentos injustos, de bullying. (...) Não me surpreendeu [a situação da FCUL], porque se isto existe na Europa e nos Estados Unidos, obviamente que nós não somos assim tão diferentes uns dos outros. (P1)*

*Sim, sem dúvida que considerava, não considerava impossível, mas considerava mais remoto. Houve uma perceção diferente, quando de facto estamos a tratar de uma pessoa que foi identificada aqui na nossa Universidade, a perceção muda. (...)*

*temos mais consciência de uma eventual proximidade de eventuais ocorrências e da necessidade, portanto, de olharmos para elas em termos preventivos e em termos de reação. (P5)*

No que concerne a existência de contramedidas de segurança para responder a um ataque por atacante ativo, foram referidas pelos participantes medidas atualmente existentes, bem como medidas pelas quais existe o interesse em aplicar. Relativamente à existência de um sistema de alarme, seja este de incêndio ou de outro tipo, três dos participantes referiram que os seus estabelecimentos possuíam dito sistema. Foi expresso por cinco dos participantes o interesse na instalação de um sistema de altifalantes nos estabelecimentos, de modo a ser possível, numa situação de emergência, a difusão de mensagens que orientassem os comportamentos dos utilizadores dos espaços. Efetivamente, um dos participantes confirmou que já se encontrava em andamento o processo de instalação de um sistema deste tipo no seu estabelecimento. Foi também referido, por três dos participantes, o interesse na aplicação de outra eventual contramedida, que consistisse num botão, ou dispositivo, que permita o alerta imediato da Polícia, sem a necessidade de contacto verbal, ou por escrito.

*Numa situação dessas [um sistema de altifalantes] permitiria rapidamente comunicar com todos os ocupantes do edifício, como deveriam proceder, eventualmente poderia ajudar numa situação dessas, numa situação que gera algum pânico, que seria o normal. Permitir dar algumas orientações mais claras aos ocupantes para que saiam do edifício, ou que se resguardem numa área e que permita de alguma forma isolar o atacante. Penso que seria interessante. (P4)*

*Eu acho que seria bom termos uma forma de, nem que fosse só carregar num botão, poder diretamente alertar as autoridades. Isso não existe. Era muito bom que isso acontecesse. Isso até foi falado agora na sequência desta tentativa [de ataque na FCUL], era ótimo que a pessoa que está na segurança pudesse discretamente carregar no botão e alertar [as autoridades]. (P6)*

Um aspeto que pode ser determinante na reação imediata a um ataque é o próprio desenho dos espaços e o efeito que isso pode ter na conduta dos seus utilizadores. A configuração e disposição do espaço pode interferir, tanto positiva como negativamente, em qualquer situação de emergência. Sobre este tópico, um dos participantes fez referência a um aspeto bastante proveitoso relativo ao desenho das salas no seu estabelecimento: todas as salas possuem mais que uma entrada. Assim sendo, na eventualidade de um atacante

aceder a uma sala pela porta da frente, à partida não conseguirá encurralar os utilizadores do espaço, pois existe uma porta traseira, ou uma saída de emergência. Embora esta configuração esteja pensada como contramedida em caso de incêndio, pode sem dúvida evitar situações em que as vítimas não tenham por onde escapar, diminuindo o número de alvos disponíveis para o atacante.

Outro aspeto destacado por um dos participantes, foi a existência de um desfibrilhador no seu estabelecimento, bem como pessoal com a formação necessária para a sua utilização. Este equipamento possui significativo potencial numa situação em que exista feridos em paragem cardiorrespiratória, conseguindo restabelecer o ritmo cardíaco dos mesmos. Num cenário em que a chegada dos meios de emergência esteja demorada, ou até proibida devido às condições de segurança não estarem garantidas, este equipamento pode fazer a diferença entre a vida e a morte.

Com respeito à realização de simulacros relativos a vários cenários de emergência, ficou claro durante a análise de conteúdo que não se trata de uma prática recorrente nestes estabelecimentos. Não obstante, cinco dos participantes reconheceram o potencial dos simulacros e demonstraram uma relativa predisposição para a sua realização. Um dos participantes demonstrou, contudo, alguma relutância à realização de simulacros sobre um eventual ataque no seu estabelecimento.

*Nós vamos ter que conduzir simulações de eventualidades diversas que são tipicamente (...) incêndios, tremores de terra, inundações, etc. Eu não tenho a certeza se simulações para a eventualidade de um ataque do tipo daqueles que descreve não teriam um efeito contraproducente, por um lado alarmar, ou por outro lado o trivializar. Nos dois casos seria contraproducente (...) não tenho na minha cabeça uma ideia clara sobre se será desejável considerar esse cenário. (P3)*

*Os simulacros parecem uma coisa boa, sei que as pessoas não gostam nada, ficam incomodadas com isso. Eu sou um partidário da prevenção e por isso acho que simulacros nos põem a funcionar e não tenho aquela reação de: “Chatice, agora temos de estar a fazer isto e tal”. Eu acho que se deve fazer simulacros. (...) alguns exercícios práticos sobre o que fazer numa situação parecem-me extremamente úteis, ou seja, eu acho que não se pode ficar apenas pela sensibilização. (P7)*

O facto de nenhum participante ter sido abordado sobre esta temática durante o exercício da direção destes estabelecimentos demonstra a falta de consideração por este tipo

de ameaça por parte de todos os atores responsáveis pela segurança destes espaços. Foi possível inferir que estes estabelecimentos não estão particularmente preparados para lidar com um incidente deste tipo, e que mesmo assim, esta problemática não se apresenta como uma preocupação prioritária dos seus dirigentes. Todavia, um dos participantes admitiu temer o efeito *copy cat*, ou seja, o facto de vir a conhecimento público que um jovem estaria a planear um ataque num EEU em Lisboa, isso poderá motivar pessoas com uma determinada predisposição para reproduzir tal comportamento.

### **3. Corresponsabilização**

Prevenir um ataque num EEU não é uma tarefa fácil, especialmente porque na maioria dos casos o agressor constitui uma ameaça interna, ou seja, consiste num utilizador do espaço. Como podemos corroborar com o esforço de pesquisa apresentado no Capítulo II, dos 15 ataques em EEU europeus analisados, apenas dois foram levados a cabo por indivíduos externos à comunidade de ensino. Perante esta realidade, é extremamente importante apurar a responsabilidade coletiva de todos os membros da comunidade de ensino, bem como de atores externos, de forma a fazer frente a esta ameaça. Ao se considerarem as causas por detrás dos ataques, frequentemente nos deparamos com atos motivados por sentimentos de injustiça, frustração, ódio e vingança. Assim, é imperativo que qualquer EEU faça um esforço para sinalizar e acompanhar casos em que alunos possam estar a experienciar estas atribulações.

De modo geral, todos os participantes reconheceram a importância da sinalização e acompanhamento no âmbito do esforço preventivo. Em cinco dos EEU considerados existe um gabinete com pelo menos um psicólogo disponível. Para além disso, foi reconhecido o papel fundamental dos próprios alunos neste processo, uma vez que possuem melhor que ninguém a capacidade de sinalizar comportamentos preocupantes, ou fora do normal, dado a maior convivência e intimidade entre si.

*Nós temos [um grupo constituído por] docentes e estudantes, que fazem esse papel, digamos, de vigilância, de contacto com os colegas e isso é muito importante ser feito por estudantes, porque os estudantes sentem-se mais à vontade uns com os outros. [O propósito é a] identificação de problemas, nomeadamente, a nível psicológico ou psiquiátrico, de insucesso, de frustrações, enfim, (...) de qualquer coisa que nos alerte para tentarmos ajudar esse estudante, seja em termos*

*pedagógicos, seja em termos de outro apoio que nos seja possível prestar e através disso também prevenir que esses casos possam, enfim, descambar nalguma violência (...). (P1)*

*Nós temos cada vez mais investido em situações de acompanhamento emocional e psicológico dos nossos alunos (...) temos um gabinete de apoio psicológico com uma psicóloga em permanência, mais um psicólogo em part-time. (...) Temos também uma comissão criada para o efeito, em que as questões do equilíbrio emocional, do bem-estar em termos psicológicos, portanto, também são debatidos nas diversas acesões e configurações que isso possa ter. Portanto, tentamos ter uma estrutura de apoio para situações que sejam detetadas e sejam sinalizadas pelos próprios, ou por terceiros (...). (P5)*

Quanto à possibilidade de partilha de conhecimentos sobre o fenómeno de atacantes ativos através de formação específica, cinco dos participantes reconheceram a importância em oferecer formação a toda a comunidade de ensino sobre que atitudes adotar em caso de emergência, ou situações que possam ser dignas de alarme ou suspeita. Porém, dois participantes demonstraram alguma hesitação em expor os alunos a esta temática, expressando preocupação acerca da potencial influência negativa que daí possa advir.

*Acho que faria todo o sentido, não só trazer a questão e haver uma consciencialização de que pode acontecer (...) enfim, tudo aquilo que puder ser preventivo e consciencializador, como nos comportarmos perante as situações e perceber eventuais sinais para prevenir, pequenos alertas que possam existir relativamente a comportamentos (...). Porque não fazer a sensibilização? Sim, acho que será de facto um caminho que não fizemos ainda, mas que parece muito interessante e muito oportuno percorrer. (P5)*

*Acho que sim, acho que é importante ter cuidado para não contribuir para aumentar o pânico, portanto, é preciso ter cuidado na forma como isso é feito. Mas sim, acho que seria útil. Por exemplo, não dedicar uma ação de formação só a isso, mas naquela em que fazemos por incêndio, acrescentar essa informação [sobre atacantes ativos] para não dar também demasiado destaque à coisa. (P6)*

De forma a apurar o potencial papel que a PSP pode assumir no esforço pela corresponsabilização de diversos atores, foi discutida a atual colaboração entre esta força segurança e os EEU, bem como novos mecanismos que possam ser criados ou melhorados.

Quando questionados se possuíam conhecimento do Programa “Universidade Segura”<sup>3</sup> (PUS), cinco dos participantes informaram que sim. De notar que o estabelecimento de um dos participantes que negou conhecer não está inserido na área geográfica de ação deste programa (2.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> Divisões Policiais do Comando Metropolitano de Lisboa). Verificou-se o interesse entre todos os participantes em ter a PSP responsável por ministrar formação relativa a este fenómeno através deste programa.

*Sim [conheço o PUS]. Nós fazemos uma avaliação bastante positiva, pelo menos no nosso caso, desse programa. Sentimos claramente que temos um maior acompanhamento por parte da PSP e uma maior facilidade de diálogo com a PSP. (...) é um programa claramente que faz sentido e que, eventualmente, até se poderia tornar, havendo essa possibilidade, mais visível, até para os próprios alunos numa lógica preventiva e formação (...). (P4)*

*Sim [tenho conhecimento do PUS] (...) tenho a melhor impressão deste programa, só lamento efetivamente a falta de meios. (...) tem havido, não só ações de sensibilização dos nossos alunos [como] da nossa comunidade académica (...). Creio que seria interessante haver aqui também uma componente de formação de como se comportar numa situação em que, dos tais atacantes (...) numa situação de crise e que é necessária uma evacuação. Sim, acho que sim. Seria muito útil essa formação. (P5)*

Um ataque num EEU deve ser encarado como um sintoma, assim sendo, as instituições educativas têm de reconhecer a importância em combater a doença, que neste caso será a saúde emocional e mental dos alunos. Aparentemente, existe esse reconhecimento por parte dos dirigentes. No entanto, não se deve ficar pela mera disponibilização de serviços de acompanhamento psicológico, mas sim criar todo um ambiente de ensino com condições que previnam estes problemas. Nos casos em que existam ditos problemas, os alunos devem sentir-se apoiados e encorajados a procurar auxílio.

A preocupação relativa à formação dos alunos sobre este fenómeno é legítima, todavia, os alunos são efetivamente o alvo principal deste tipo de ameaça, portanto vedar-lhes a possibilidade de sensibilização e aprendizagem não nos parece o caminho certo. Nesta senda, deve ser bem discutido o formato e materiais utilizados para ministrar dita formação, bem como a entidade formadora, podendo aqui a PSP assumir um papel relevante. Uma

---

<sup>3</sup> Programa da PSP em Lisboa, com protocolos no Porto e Braga, direcionado para a segurança nos EEU.

forma de evitar dar destaque a este tópico, evitando assim gerar medo ou desconforto na comunidade de ensino universitário, seria definir uma semana em que são tratados os mais variados temas. Semestralmente, ou anualmente, a criação de uma semana onde se realizem simulacros e ações de sensibilização sobre incêndios, ataques, *bullying*, consumo de estupefacientes, violência no namoro e autodeterminação sexual, seria uma forma de diluir o impacto de um primeiro contacto com o fenómeno dos atacantes ativos.

#### **4. Problemas identificados**

Ao questionar os participantes sobre eventuais vulnerabilidades quanto aos espaços dos estabelecimentos, foi comum a menção da inevitável liberdade de circulação e ineficaz controlo das entradas. Com efeito, dada a natureza destes estabelecimentos e da sua população, é possível verificar uma modalidade de acesso quase livre às infraestruturas. Em virtude de não existir a necessidade de identificação ao se entrar num EEU, faz com que seja virtualmente impossível impedir o acesso de pessoas estranhas à comunidade de ensino. O elevado número de alunos por estabelecimento, os amplos horários de funcionamento e até o facto de alguns *campus* fazerem parte integrante da cidade envolvente, faz com que a maioria dos dirigentes destes estabelecimentos descurem esta vulnerabilidade.

*Temos sempre um problema base na entrada. Qualquer pessoa consegue sempre entrar, a não ser que seja alguém que chama atenção por alguma razão. Consegue sempre entrar como aluno, ou como um pai de um aluno, como alguém que se vem dirigir ao serviço. (...) Pela natureza da nossa população não é muito fácil fazer esse esse controlo e por isso também acabamos por abdicar um bocadinho desse controlo mais apertado na garagem. (P4)*

*Há vulnerabilidade porque o nosso campus é aberto, ao contrário de outras Faculdades. No nosso campus nem sequer podemos fechá-lo. É um campus onde as pessoas entram livremente (...) porque faz parte da cidade, portanto, nem que quiséssemos. (P6)*

No que diz respeito a aspetos que os participantes expressaram vontade de melhorar, constata-se o controlo de acessos, os meios de vigilância em geral e os procedimentos de sinalização e acompanhamento dos alunos. Durante a realização das entrevistas, bem como no decurso da análise de conteúdo, ficou clara a ideia de que os dirigentes destes

estabelecimentos estão cientes da ameaça de atacante ativo, das limitações e fragilidades relativas à segurança e de que, efetivamente, têm a responsabilidade e dever de procurar medidas e ferramentas que permitam manter estes espaços e seus utilizadores seguros.

## **5. Fortalecimento da comunidade do ensino universitário**

Após a investigação efetuada nos capítulos anteriores, que permitiram aprofundar o conhecimento sobre o cenário geral dos EEU em Lisboa no que diz respeito à segurança, é oportuno tecer alguns comentários. Quando ponderamos quais as medidas de proteção que podem ser implementadas nos EEU portugueses, obviamente que temos de ter em conta o nível do risco associado ao nosso país, e em concreto a estes espaços. Com efeito, devemos olhar para outros países que tenham uma cultura de segurança mais desenvolvida, mas não faz sentido aplicar as mesmas medidas se o nível do risco não o justifica. As escolas internacionais localizadas no Médio Oriente têm tipicamente paredes altas, o nome da escola não é publicitado e as infraestruturas possuem um perfil pouco chamativo, isto devido ao nível de risco associado ao terrorismo na região (Hesterman, 2018). Nos EUA, em 2019, cerca de 12% das escolas possuíam detetores de metais, 47% realizavam revistas aos cacifos dos alunos e 75% empregavam polícias ou seguranças armados, isto devido à prevalência do fenómeno dos AE (National Center for Education Statistics, 2020).

Em Portugal, estas medidas seriam, naturalmente, excessivas e desproporcionais. Destarte, é nossa opinião que os EEU portugueses devem apostar fortemente na elevação da cultura de segurança das comunidades de ensino através da formação. Em vez de se procurar o fortalecimento físico destes espaços (*soft target hardening*), o caminho deverá ser o fortalecimento da comunidade em si, de modo a munir a mesma com os conhecimentos necessários para prevenir e reagir a eventuais incidentes. Em França, o Ministério da Educação Nacional, Juventude e Desporto possui vários documentos de sensibilização de alunos, professores e pais, relacionados com a segurança nos EE. A título de exemplo, ao nível da formação exige-se que durante o ano letivo os EE (do ensino básico ao superior) realizem no mínimo um exercício de segurança relativo ao cenário de intrusão e ataque no recinto escolar. O exercício destina-se a ajudar os alunos, professores e funcionários a compreender o ambiente de uma situação de crise: reconhecimento do alarme e do fim do alarme; descoberta de rotas de fuga; identificação de locais de confinamento e esconderijos;

bem como a identificação de objetos que lhes permitam barricar-se e proteger-se (Ministério da Educação Nacional, Juventude e Desporto, 2017).

O propósito da formação da comunidade do ensino universitário é fornecer às pessoas conhecimentos básicos, de forma que estas possam tomar decisões racionais e proativas antes, durante e após uma eventual emergência. Não são raros os casos em que atitudes proativas fizeram a diferença entre a vida e a morte. Se tomarmos como exemplo o maior massacre escolar dos EUA, na Universidade *Virginia Tech*, onde 32 pessoas perderam a vida e 23 ficaram feridas, podemos ver como diferentes reações produziram diferentes resultados. Em duas salas de aula, os alunos e respetivos professores tentaram esconder-se, ou fazer-se de mortos, depois de o AE ter entrado. Quase todos foram alvejados, e a maioria morreu. Numa terceira sala de aula, o professor disse aos seus alunos para saltarem pela janela (mesmo sendo de um segundo andar), enquanto ele tentaria manter a porta da sala fechada, atrasando a entrada do AE. O professor foi morto, mas muitos dos alunos sobreviveram, e apenas três ficaram feridos. Numa quarta sala de aula, onde os alunos e o professor bloquearam a porta com uma secretária pesada e mantiveram-na fixa no lugar, o AE não conseguiu entrar e todos sobreviveram (Goode, 2013).

Vários estudos sobre incidentes de assassinio em massa reforçam a ideia de que as pessoas no local de um ataque têm mais hipóteses de sobrevivência se tomarem uma posição ativa, em vez de esperarem pelo resgate da Polícia, que na grande maioria dos casos não consegue chegar ao local suficientemente depressa para evitar a perda de vidas (Goode, 2013). Atualmente existem vários *slogans*, ou diretrizes, que servem para orientar a ação das pessoas que se deparam com um atacante ativo. O “*Run. Hide. Fight.*” (Foge. Esconde-te. Luta.) criado pelo Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos é dos mais conhecidos (Albrecht, 2014), incentivando as pessoas a fugirem, ou a se esconderem se possível, mas se essas opções não estiverem disponíveis, para lutarem. Existem outros mais detalhados como o ALICE (Alerta. Bloqueia. Informa. Retalia. Evacua.), previamente referido no Capítulo I. Seja qual for a orientação seguida, o importante é incentivar as pessoas a tomar decisões proativas de acordo com as opções e condições presentes no momento.

A PSP, através do PUS, poderia assumir aqui um papel relevante. De acordo com os objetivos operacionais deste programa, pretende-se, entre outros: “Reduzir a criminalidade, através de medidas operacionais (...), bem como, através de ações de prevenção e

sensibilização; Desenvolver um conjunto de iniciativas que visem facultar à comunidade do ensino universitário (docentes, estudantes e funcionários) ferramentas de resposta a incidentes criminais” (Departamento de Operações da PSP, comunicação pessoal, março 25, 2022). Este programa só se encontra operacional no Comando Metropolitano de Lisboa, e mesmo assim, atualmente não abrange todos os EEU da capital. No que toca a outras zonas do país, apenas existem protocolos de âmbito local no Porto e em Braga, celebrados com o Pólo Universitário da Asprela e a Universidade do Minho. Não obstante, foi possível apurar que a PSP está a avaliar a extensão deste programa a outras universidades dos diversos Comandos Regionais e Distritais. Numa fase inicial, deveria ser tomado como primeiro passo a criação de uma equipa específica que obtivesse formação acerca deste tópico, e que produzisse os materiais pedagógicos necessários para consequentemente formar mais equipas no âmbito deste programa.

Um dos temas que deveria ser explorado durante a formação, é o fenómeno de *leakage* (vazamento/fuga), através do qual foi possível impedir o ataque na FCUL (Bruno, 2022). Este vazamento ocorre quando um estudante revela, intencionalmente ou não, pistas relativas a sentimentos, pensamentos, fantasias, atitudes ou intenções, que podem sinalizar um ato violento iminente. Na grande maioria dos ataques que ocorrem em EE, é possível identificar este vazamento (Peterson et al., 2021; Vossekuil et al., 2004).

Em 2021, nos EUA, a agência federal *United States Secret Service*, através do *National Threat Assessment Center*, publicou um relatório onde foram analisados 67 ataques evitados em EE, e 100 alunos que planeavam um ataque, entre 2006 e 2018. Em quase todos os casos (94%), os alunos que conspiravam um ataque partilharam as suas intenções de várias maneiras, incluindo declarações verbais, mensagens eletrónicas e publicações *online*. Em cerca de 43% dos casos, os conspiradores também documentaram as suas intenções em diários, documentos, vídeos e gravações de áudio, que não foram partilhadas com terceiros antes do descobrimento do plano. Em 84% dos casos, quem observou a comunicação da intenção de ataque foi alguém pertencente ao EE (69% os colegas e amigos; 15% os professores e funcionários). Em 75% dos casos, o que levou à descoberta dos planos foram, meramente, as comunicações dos conspiradores relativamente às suas intenções. Em todos estes casos, a tragédia foi evitada por membros da comunidade em geral, que denunciaram as situações, quando observaram comportamentos que suscitaram preocupação. Como estes relatos foram recebidos com a consequente intervenção de autoridades de segurança pública, os planos foram descobertos e vidas foram salvas (United States Secret Service, 2021).

O vazamento é, de facto, um momento crítico para intervir, logo há que se instituir na comunidade do ensino universitário medidas que identifiquem esse mesmo momento. Tal pode ser feito através de uma abordagem de avaliação de ameaças, isto é, uma “abordagem investigativa e analítica baseada em factos, que se concentra no que um determinado estudante faz e diz, e não no facto dele se parecer com estudantes que atacaram escolas no passado” (Vossekuil et al., 2004, p. 41). Reeves et al. (2020) propõe algo idêntico, com um processo de avaliação e gestão de ameaças comportamentais, isto é, um “processo sistemático, baseado em factos, concebido para identificar, avaliar e gerir situações potencialmente perigosas ou violentas.” (p. 1). Para isto se concretizar, teria de ser oferecida formação a certos funcionários (por exemplo, aos psicólogos inseridos nos EEU) sobre que informações recolher, como recolhê-las e avaliá-las, e como se poderia tentar intervir nos casos em que a informação recolhida sugerisse, que um estudante poderia estar a planear, ou a preparar-se para um ataque.

Em todo o caso, a formação não é a única iniciativa que as instituições educativas podem tomar. Existem estudos que sustentam que a existência de sistemas de denúncia anónima fomenta a prática de denúncia nos EE. Relações fortes e de confiança entre estudantes e adultos nos EE podem, igualmente, quebrar certos códigos de silêncio institucionais e aumentar a probabilidade de as pessoas reportarem suspeitas (Peterson et al., 2021; Vossekuil et al., 2004). É fundamental que as denúncias sejam levadas a sério e tratadas de forma responsável (por exemplo, a fonte deve permanecer confidencial e as ações tomadas devem ser adequadas ao nível de ameaça). Se forem tomadas medidas excessivamente punitivas, os estudantes deixarão de reportar, pois, normalmente, não querem ser responsáveis pela suspensão, ou expulsão, de um colega, ou pela aplicação de medidas punitivas graves, só para se apurar posteriormente que a ameaça não era legítima. Segundo Reeves et al. (2020), um objetivo e princípio-chave deste tipo de processo de avaliação e gestão é distinguir entre fazer uma ameaça e constituir uma ameaça. Se um aluno fizer uma ameaça, mas se se verificar que esta é falsa, de baixo nível, ou transiente, então as autoridades policiais não terão de ser diretamente envolvidas. Os funcionários do EE poderão trabalhar com o aluno e seus pais, “implementando um processo de resolução de problemas e/ou de conflitos” (p. 5).

Após o ataque de Columbine, muitos EE nos EUA criaram planos de segurança para que as crianças e professores soubessem o que fazer durante um ataque. Após o ataque em Sandy Hook, os *lockdown drills* (simulacros de confinamento/bloqueio) tornaram-se tão

comuns como os simulacros de incêndio (Berkowitz & Alcantara, 2021). Por enquanto, nenhum EE em Portugal tem associado ao seu nome um incidente tão desumano como os referidos anteriormente. Nesse sentido, cremos que as entidades responsáveis pelas instituições educativas não devem ficar à espera de que alguma tragédia aconteça, e que venha servir de justificação.

## **Conclusão**

No que concerne a segurança dos espaços públicos e espaços privados abertos ao público, o grande desafio para os Estados é o facto de existirem inúmeras áreas classificadas como alvos vulneráveis. Estes locais são frequentemente alvo de ataque por atores isolados devido ao fácil acesso, medidas de segurança pouco rígidas e à elevada afluência de pessoas. As várias instituições de um Estado nunca terão a capacidade de fornecer segurança suficiente para todos estes locais. Por esta razão, Kalvach (2016) afirma que as medidas de segurança adotadas pelos próprios alvos vulneráveis, isto é, pelas entidades responsáveis por estes locais, estão a tornar-se uma componente cada vez mais significativa da segurança pública. Muitas destas entidades poderão ser capazes de garantir uma melhor segurança nestes locais do que o Estado alguma vez seria, por exemplo, ao possuírem recursos humanos e materiais próprios, conhecimento do local, contacto com os utilizadores e meios financeiros. Os EEU são infraestruturas expostas a este tipo de ameaça, não só porque reúnem as características de um alvo vulnerável, como também possuem um valor simbólico bastante elevado devido à população que frequenta estes espaços.

Dada a escassez de literatura em Portugal que aludisse a esta temática, procurou-se colmatar esse vazio com um estudo exploratório que viesse criar uma nova base de conhecimento e que pudesse servir de apoio à tomada de decisões mais sustentadas no sentido de desenvolver a segurança neste setor. De modo a aferir o nível de preparação dos EEU em Lisboa relativamente à resposta a incidentes de atacantes ativos, mostrou-se proveitoso inquirir os dirigentes destes estabelecimentos, como indivíduos responsáveis pela representação e funcionamento destes locais.

Ao explorar como é garantida a gestão global da segurança nestes estabelecimentos, verificou-se que os meios de vigilância humana são um mecanismo comum a todos os estabelecimentos considerados, ao contrário dos meios de vigilância eletrónica. De qualquer forma, todos estes meios apenas têm a capacidade de resposta para incidentes de baixa intensidade (como por exemplo, agressões e furtos), mostrando-se insuficientes na eventualidade de ataque com arma branca ou de fogo. De igual modo, dentro dos vários procedimentos de segurança em vigor nestes estabelecimentos, nenhum considera o cenário de ataque e as suas particularidades.

No que concerne a possível reação a um ataque por atacante ativo, primeiramente, os dirigentes destes estabelecimentos mostraram-se conscientes das especificidades,

dificuldades e limitações relativamente à resposta a este tipo de incidente, embora nunca tenham sido abordados por qualquer entidade acerca deste assunto. Verifica-se aqui uma falta de interesse por parte do Estado acerca desta temática, o que acaba por se reproduzir nas direções destes estabelecimentos, que de igual modo não colocam este assunto na lista das suas prioridades. O baixo nível de risco vivenciado no nosso país reflete-se na fraca cultura de segurança associada a estes espaços. As contramedidas à disposição das autoridades dos EEU, que seriam úteis no decorrer de um ataque e na mitigação dos danos, não se mostram satisfatórias. Os dirigentes reconhecem que os seus estabelecimentos não estão preparados para tal eventualidade, embora tenham mostrado interesse na aquisição de certas ferramentas que possam servir para atenuar os efeitos de um incidente desta natureza.

Todos os dirigentes reconhecem que nenhuma entidade isolada consegue dar resposta às exigências deste tipo de fenómeno, pelo que a corresponsabilização de vários atores se afigura como necessária. Quanto à sinalização de casos suspeitos, não só todos os membros da comunidade de ensino necessitam de ser sensibilizados no sentido de estarem atentos a determinados sinais, como também têm de sentir que existe uma estrutura com a qual podem comunicar sobre o assunto. Relativamente ao acompanhamento, embora existam indivíduos que o possam realizar (como os psicólogos), se estes não conseguem chegar à maioria dos alunos, seja por falta de iniciativa ou de meios humanos, há que adotar uma postura diferente e reforçar os gabinetes responsáveis. A formação da comunidade do ensino universitário acerca desta temática reuniu consenso em tornar-se uma medida importante e necessária, mas não quanto aos destinatários da mesma. Embora as preocupações em expor os alunos a este tópico sejam legítimas, quando contrapostas com o facto de serem os próprios alunos o maior alvo destes ataques, bem como os maiores atores de prevenção dos mesmos, acreditamos que os argumentos contra a formação dos alunos sucumbem perante os prós. O importante será garantir um formato adequado de sensibilização, bem como a entidade certa para a ministrar. Neste sentido, consideramos, em consonância com os dirigentes dos EEU, que a PSP tem a legitimidade e capacidade de ministrar essa formação, específica e planeada.

Antes de respondermos à questão formulada no início desta investigação, importa responder às duas perguntas que dela derivaram. Relativamente à caracterização do quadro securitário dos EEU em Lisboa, concluímos que se trata de um quadro suficientemente adequado ao nível da prevenção para o nível de risco existente em Portugal, embora possam ser perspectivadas melhorias quanto à reação, no sentido de garantir a instalação de sistemas de comunicação (sistemas de altifalantes), que permitam alcançar todas as áreas dentro dos

recintos destes estabelecimentos, bem como sistemas de alerta mais diretos e específicos para este tipo de emergência. Quanto à cultura de segurança atualmente associada a estes espaços, esta não se revela adequada nem em termos da prevenção, nem em termos de reação. A ameaça de um ataque por atacante ativo é rara, mas muito real. Devemos procurar erradicar a mentalidade do ‘só acontece aos outros’, mudando as perceções existentes, e informando as pessoas quanto a esta realidade. Acreditamos que os utilizadores destes espaços devem estar preparados para estas eventualidades e devem ter a capacidade para tomar as suas próprias decisões. Uma vez capacitados para tomar as suas próprias decisões, alunos, professores e funcionários devem ser treinados em opções proactivas de resposta a incidentes desta natureza.

Assim sendo, e respondendo à pergunta principal que orientou esta investigação, concluímos que os EEU em Lisboa não estão devidamente preparados para prevenir, nem responder a um ataque por atacante ativo. No que toca à prevenção, os meios de vigilância humana e eletrónica existentes são bastante fáceis de transpor. A quase inexistência do controlo de entradas, bem como a grande liberdade de circulação associada a estes espaços, constituem obstáculos significativos. Relativamente à sinalização e acompanhamento de casos suspeitos, não existem meios humanos atribuídos à avaliação e gestão de ameaças comportamentais autónomos, ou seja, não agem proactivamente, mas apenas quando solicitados. De igual modo, não existe, nas direções destes estabelecimentos, a urgência em abordar esta questão. Quanto à resposta a um ataque, dada a brevidade deste tipo de incidente, a resposta será na maioria dos casos dada inteiramente pelos utilizadores do espaço. Visto que as contramedidas existentes são desajustadas, a melhor ferramenta para responder a estes incidentes acaba por ser as ações das pessoas presentes no local. Assim, devido à ausência de qualquer tipo de formação e exercícios sobre esta temática, não é possível presumir que as pessoas estejam minimamente preparadas para reagir da melhor forma.

Para terminar, julgamos pertinente destacar algumas recomendações para investigações futuras, sugerindo-se, para o efeito, que sejam analisados não só um maior número de EEU, como também os de ensino politécnico, de forma a abranger a totalidade do ensino superior em Portugal. Uma vez que a literatura portuguesa referente ao tópico dos atacantes ativos é manifestamente escassa, as oportunidades de investigação são inúmeras. Deste modo, será igualmente pertinente expandir a investigação a outros tipos de alvos vulneráveis portugueses, como hotéis, hospitais, cinemas, discotecas e zonas de restauração.

## Referências

- Agence France-Presse. (2014, outubro 15). Woman stabs teen to death in rampage at Czech school. *Deccan Chronicle*. <https://www.deccanchronicle.com/141014/world-europe/article/woman-stabs-teen-death-rampage-czech-school>
- Albrecht, S. (2014). *The Truth Behind the Run-Hide-Fight Debate: What's the best way to stay safe with an active shooter in your building?* Psychology Today. <https://www.psychologytoday.com/us/blog/the-act-violence/201408/the-truth-behind-the-run-hide-fight-debate>
- Alm, D. (2020, abril 20). What Happened In Vegas — ‘Money Machine’ Unpacks The Sordid Aftermath Of The 2017 Mass Shooting. *Forbes*. <https://www.forbes.com/sites/davidalm/2020/04/20/what-happened-in-vegas---a-new-documentary-unpacks-the-sordid-aftermath-of-the-2017-mass-shooting/>
- Associated Press News. (1988, janeiro 7). Teacher Injured In School Shooting. <https://apnews.com/article/80faa86a4657bd2f83eac9aebb9c19fc>
- Associated Press News. (1999, dezembro 7). Student Opens Fire at Dutch School. <https://apnews.com/article/f8b6d0e453be4b1c1ec6a714f7b0cdb9>
- Associated Press News. (2004, janeiro 13). Teacher shot by student in the Netherlands. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/education/2004/jan/13/schools.uk6>
- Associated Press News. (2019a, maio 27). Polish police: masked teenager injures 2 in primary school. *Fox News*. <https://www.foxnews.com/world/polish-police-masked-teenager-injures-2-in-primary-school>
- Associated Press News. (2019b, novembro 14). 2 Dead, 3 Injured in a School Shooting in Russia. *U.S. News & World Report*. <https://www.usnews.com/news/world/articles/2019-11-14/2-dead-3-injured-in-a-school-shooting-in-russia?context=amp>
- Associated Press News. (2022, abril 26). 2 children, woman killed by gunman at Russian kindergarten. *ABC News*. <https://abcnews.go.com/International/wireStory/children-woman-killed-gunman-russian-kindergarten-84312296>

- Bakker, E., & de Graaf, B. (2010). Lone wolves: How to prevent this phenomenon? *Terrorism and Counter-Terrorism Studies*, 1(2), 1-8. <https://doi.org/10.19165/2010.2.01>
- Bardin, L. (2020). *Análise de conteúdo* (Rev. ed.). Edições 70.
- Bauer, P. (2017, maio 3). Dunblane school massacre. *Britannica*. <https://www.britannica.com/event/Dunblane-school-massacre>
- BBC News. (1998, setembro 3). Woman teacher stabs children in Hungary. <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/164031.stm>
- BBC News. (2003, julho 2). German student shoots teacher. <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/3037610.stm>
- BBC News. (2016, 16 dezembro). Norway police response to Breivik' attack 'adequate'. <https://www.bbc.com/news/world-europe-16221772>
- BBC News (2017, agosto 18). Barcelona attack: 13 killed as van rams crowds in Las Ramblas. *BBC News*. <https://www.bbc.com/news/world-europe-40965581>
- BBC News. (2019, outubro 1). Finland college attack: Sword attacker kills woman in Kuopio. <https://www.bbc.com/news/world-europe-49891450>
- Böckler, N., Seeger, T., Sitzer, P., & Heitmeyer, W. (2013). *School shootings: International research, case studies, and concepts for prevention*. Springer. <https://doi.org/10.1007/978-1-4614-5526-4>
- Borum, R., Fein, R., & Vossekuil, B. (2012). A dimensional approach to analyzing lone offender terrorism. *Aggression and Violent Behavior*, 17(5), 389–396. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2012.04.003>
- Bradford, E., & Wilson, M. (2013). When terrorists target schools: An exploratory analysis of attacks on educational institutions. *Journal of Police and Criminal Psychology*, 28, 127–138. <https://doi.org/10.1007/s11896-013-9128-8>
- Browne, D. (2003). Examining the impact of terrorism on children. In Silke, A. (Ed.), *Terrorists, Victims and Society: Psychological Perspectives on Terrorism and its Consequences* (pp. 189–211). Wiley.
- Bruno, C. (2022, fevereiro 10). O que se sabe sobre o jovem "discreto e introvertido" que queria atacar a Faculdade de Ciências. *Observador*.

<https://observador.pt/2022/02/10/o-que-se-sabe-sobre-o-jovem-discreto-e-introvertido-que-queria-atacar-uma-faculdade/>

Bryman, A. (2012). *Social Research Methods* (4<sup>a</sup> ed.). Oxford University Press.

Carranco, R., & Blanchar, C. (2015, abril 20). “We counted to three and ran,” say Barcelona school attack students. *El País*.  
[https://english.elpais.com/elpais/2015/04/20/inenglish/1429547803\\_796674.html](https://english.elpais.com/elpais/2015/04/20/inenglish/1429547803_796674.html)

CBS News. (2002, fevereiro 19). Rampage Leaves 4 Dead In Germany.  
<https://www.cbsnews.com/news/rampage-leaves-4-dead-in-germany/>

Chernova, A., & Moorhouse, L. (2021, setembro 29). 6 people killed in shooting at Russian university. *CNN*. <https://edition.cnn.com/2021/09/20/europe/perm-shooting-russia-intl/index.html>

Cleary, T. (2018, março 7). WATCH: Video Shows Dutch Students Chase Off Man Armed With Knife at Netherlands School. *Heavy*.  
<https://heavy.com/news/2018/03/netherlands-dutch-scala-students-chase-backpacks-man-knife-video/>

CNN. (2019, novembro 22). Sandy Hook School Shootings Fast Facts. *CNN*.  
<https://edition.cnn.com/2013/06/07/us/connecticut-shootings-fast-facts/index.html>

Comissão Europeia. (2015). *The European Agenda on Security*. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/PDF/?uri=CELEX:52015DC0185&from=PT>

Comissão Europeia. (2017). *Action Plan to support the protection of public spaces*.  
<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/?uri=CELEX%3A52017DC0612>

Comissão Europeia. (2019). *Good practices to support the protection of public spaces*.  
<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/PDF/?uri=CELEX:52019SC0140&from=PT>

Comissão Europeia. (2020a). *Communication on the EU Security Union Strategy*.  
<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/PDF/?uri=CELEX:52020DC0605&from=PT>

Comissão Europeia. (2020b). *A Counter-Terrorism Agenda for the EU: Anticipate, Prevent, Protect, Respond*. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52020DC0795&from=EN>

- Coutinho, C. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2ª ed.). Almedina.
- Cozens, P., & Love, T. (2015). A Review and Current Status of Crime Prevention through Environmental Design (CPTED). *Journal of Planning Literature*, 30(4), 1-20. <https://doi.org/10.1177/0885412215595440>
- Cseresnyés, P. (2019, dezembro 6). Brutal School Stabbing in Hungary: 17-Year-Old Student Attacks Teacher in Győr High School. *Hungary Today*. <https://hungarytoday.hu/brutal-school-stabbing-in-hungary-17-year-old-student-attacks-teacher-in-gyor-high-school/>
- Davies, L. (2009, março 11). 'Are you not all dead yet?' — teenage gunman kills 15 in school massacre in Germany. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2009/mar/11/germany-school-shooting-winnenden-albertville>
- Department of Homeland Security. (2012). *Primer to design safe school projects in case of terrorist attacks and school shootings*. (2nd ed.). [https://www.dhs.gov/xlibrary/assets/st/bips07\\_428\\_schools.pdf](https://www.dhs.gov/xlibrary/assets/st/bips07_428_schools.pdf)
- Duarte, F. P. (2013). “Jihadismo de Natureza Autóctone” e “Lobos Solitários”: a Terceira Forma de al-Qaeda. *Janus*, 48-49. <http://hdl.handle.net/11144/800>
- Duarte, F. P. (2017). Os Objectivos Estratégicos do DAESH na Europa. *Janus*, 18-19. [https://janusonline.pt/images/anuario2017/1.5\\_FelipePDuarte\\_DAESH.pdf](https://janusonline.pt/images/anuario2017/1.5_FelipePDuarte_DAESH.pdf)
- Education Week. (2022). School Shootings Over Time: Incidents, Injuries, and Deaths. <https://www.edweek.org/leadership/school-shootings-over-time-incidents-injuries-and-deaths>
- Europol. (2021). *European Union Terrorism Situation and Trend Report 2021*. Publications Office of the European Union. <https://www.europol.europa.eu/publications-events/main-reports/european-union-terrorism-situation-and-trend-report-2021-tesat>
- Everytown for Gun Safety. (2022). *Gunfire on School Grounds in the United States*. <https://everytownresearch.org/maps/gunfire-on-school-grounds/>
- Expatica. (2004, janeiro, 14). Dutch school shooting: shocking, but unpreventable. <https://www.expatica.com/nl/uncategorized/dutch-school-shooting-shocking-but-unpreventable-40915/>

- Faber, I. (2019). *Mass shootings and terrorism: Our obsession with small probabilities and rare events*. Towards Data Science. <https://towardsdatascience.com/mass-shootings-and-terrorism-500dc969a1a6>
- Fahey, S., & Asal, V. (2019). Lowest of the low: why some countries suffer terrorist attacks against schools. *Dynamics of Asymmetric Conflict*, 13(2), pp. 101-124. <https://doi.org/10.1080/17467586.2019.1700540>
- Fakt. (2020, setembro 29). Atak w szkole w Zielonej Górze. Sprawczyni odgrażała się masakrą. <https://www.fakt.pl/wydarzenia/polska/atak-w-szkole-w-zielonej-gorze/9g4d7mw>
- Federal Bureau of Investigation. (2005). *Serial Murder: Multi-Disciplinary Perspectives for Investigators*. U.S. Department of Justice. <https://www.fbi.gov/stats-services/publications/serial-murder>
- Federal Bureau of Investigation. (2021). *Active Shooter Incidents: 20-Year Review, 2000-2019*. U.S. Department of Justice. <https://www.fbi.gov/file-repository/active-shooter-incidents-20-year-review-2000-2019-060121.pdf/view>
- Fein, R., Vossekuil, B., & Holden, G. (1995). *Threat Assessment: An Approach to Prevent Targeted Violence*. National Institute of Justice. <https://www.ojp.gov/pdffiles/threat.pdf>
- Fein, R., & Vossekuil, B. (1997). *Preventing Assassination: Secret Service Exceptional Case Study Project*. U.S. National Institute of Justice. <https://www.ojp.gov/pdffiles1/Photocopy/167224NCJRS.pdf>
- Filimonov, A. (2018, abril 18). A ninth-grader attacks his class in Sterlitamak. This is Russia's fourth high school attack this year. *Meduza*. <https://meduza.io/en/feature/2018/04/18/a-ninth-grader-attacks-his-class-in-sterlitamak-this-is-russia-s-fourth-high-school-attack-this-year>
- Fischer, S. (2019, julho 14). Attentat de Nice: le traumatisme des enfants. *Le Monde*. [https://www.lemonde.fr/societe/article/2019/07/14/attentat-de-nice-le-traumatisme-des-enfants\\_5489236\\_3224.html](https://www.lemonde.fr/societe/article/2019/07/14/attentat-de-nice-le-traumatisme-des-enfants_5489236_3224.html)
- Fitzsimmons, E., & Williams, T. (2014, abril 9). Student Stabs 21 People at a High School Outside Pittsburgh. *The New York Times*.

<https://www.nytimes.com/2014/04/10/us/stabbings-franklin-regional-high-school-murrysville.html>

Fontana, A., & Frey, J. (1994). Interviewing: The art of science. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 361–376). Sage Publications, Inc.

Fortin, M. (1999). *O processo de investigação: Da concepção à realização*. Lusociência.

Fridh, L., & Johansson, O. (2021, dezembro 16). Skolattacken i Eslöv: Max två års ungdomsvård för 15-åringen. *Sveriges Television*.  
<https://www.svt.se/nyheter/lokalt/skane/skolattacken-i-eslov>

Gajic, I. (2002, abril 30). School Shooting Shakes Bosnians. *AP News*.  
<https://apnews.com/article/ff598cda2c2fae28c7ace8e373a086ee>

Gallagher, J., & Hayden, M. (2016, dezembro 20). Suspected Terrorist Attack Kills at Least 12 at Christmas Market in Berlin. *ABC News*.  
<https://abcnews.go.com/International/truck-drives-public-square-berlin-injuring-pedestrians/story?id=44287616>

Gatopoulos, D., & Paphitis, N. (2009, abril 10). Teen Wounds 3, Kills Self At Greek College. *CBS News*. <https://www.cbsnews.com/news/teen-wounds-3-kills-self-at-greek-college/>

Gil, A. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). Atlas.

Gill, P., Horgan, J. & Deckert, P. (2014). Bombing Alone: Tracing the Motivations and Antecedent Behaviors of Lone-Actor Terrorists. *Journal of Forensic Sciences* 59, no. 2: 425-435. <http://broker.edina.ac.uk/521941/1/PMC4217375.pdf>

Goode, E. (2013). In Shift, Police Advise Taking an Active Role to Counter Mass Attacks. *The New York Times*. [https://www.nytimes.com/2013/04/07/us/in-a-shift-police-advise-taking-an-active-role-to-counter-mass-attacks.html?pagewanted=1&\\_r=0&smid=fb-share](https://www.nytimes.com/2013/04/07/us/in-a-shift-police-advise-taking-an-active-role-to-counter-mass-attacks.html?pagewanted=1&_r=0&smid=fb-share)

Gramlich, J. (2022, fevereiro 3). What the data says about gun deaths in the U.S. *Pew Research Center*. <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2022/02/03/what-the-data-says-about-gun-deaths-in-the-u-s/>

Greeven, P., Reiff, J., & Janssens, M. (2007, outubro 11). 14-Jarige scholier in Amsterdam steekt medescholier dood. *Nieuwsuur*.

- <https://archieff.ntr.nl/nova/page/detail/uitzendingen/5508/14-Jarige%20scholier%20in%20Amsterdam%20steekt%20medescholier%20dood.htm>
- Grierson, J. (2017, fevereiro 28). Tunisia attack: how a man with a parasol could murder 38 people on the beach. *The Guardian*.  
<https://www.theguardian.com/world/2017/feb/28/tunisia-attack-how-a-man-with-a-parasol-could-38-people-on-the-beach>
- Harper, W. (1919). *The Biblical World*. (Vol. 53). University of Chicago Press.
- Hesterman, J. (2018). *Soft Target Hardening: Protecting People from Attack* (2<sup>a</sup> ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429422966>
- Hindustan Times. (2009, maio 11). Masked girl attacks German school. <https://www.hindustantimes.com/world/masked-girl-attacks-german-school/story-a0jTyiK0Nv1CbMDX1o7qPO.html>
- History. (2020, fevereiro, 13). Teen gunman kills 17, injures 17 at Parkland, Florida high school. <https://www.history.com/this-day-in-history/parkland-marjory-stoneman-douglas-school-shooting>
- Hoffman, B. (1998). *Inside terrorism*. Columbia University Press.
- Holmes, R., & Holmes, S. (1992). *Understanding Mass Murder: A Starting Point*. Administrative Office of the United States Courts. <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/Digitization/136809NCJRS.pdf>
- Hope, R. (2020, fevereiro, 10). Thailand shopping mall massacre victims named as nation mourns dead. *Sky News*. <https://news.sky.com/story/thailand-shopping-mall-massacre-victims-named-as-nation-mourns-dead-11930458>
- Huuhtanen, M. (2013, outubro 10). 4 students stabbed at vocational school in Finland. *Associated Press News*.  
<https://apnews.com/article/48e5850badd14647baffb13a1402598c>
- Independent. (2009, janeiro 23). One dead in school shooting. <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/one-dead-in-school-shooting-1513707.html>

- Izarra, J. (2021, outubro 14). El universitario que tiroteó su facultad compró la escopeta por Internet y la probó en un campo de tiro horas antes. *El Mundo*. <https://www.elmundo.es/pais-vasco/2021/10/13/616718e521efa0df7f8b462e.html>
- Johnson, M. & Bratu, B. (2012, dezembro 17). Police: Second person injured in Connecticut school shooting survived. *NBC News*. [http://usnews.nbcnews.com/\\_news/2012/12/17/15969867-police-second-person-injured-in-connecticut-school-shooting-survived?lite](http://usnews.nbcnews.com/_news/2012/12/17/15969867-police-second-person-injured-in-connecticut-school-shooting-survived?lite)
- Jüttner, J. (2006, novembro 21). Armed to the Teeth and Crying for Help. *Der Spiegel*. <https://www.spiegel.de/international/german-school-shooting-armed-to-the-teeth-and-crying-for-help-a-449814.html>
- Kalvach, Z. (2016). *Basics of soft targets protection - Guidelines*. Soft Targets Protection Institute. <https://www.mvcr.cz/cthh/soubor/basics-of-soft-target-protection-guidelines.aspx>
- Kangsepp, L. (2014, outubro 27). Estonia School Shooting Leaves Teacher Dead. *The Wall Street Journal*. <https://www.wsj.com/articles/estonia-school-shooting-leaves-teacher-dead-1414424788>
- Kaplan, J. (1997). Leaderless resistance. *Terrorism and Political Violence*, 9(3), pp. 80-95. <https://doi.org/10.1080/09546559708427417>
- Karlos, V. & Larcher, M. (2020). *Guideline - Building Perimeter Protection*. Publications Office of the European Union. <https://doi:10.2760/20368>, JRC121582
- Karlos, V., Larcher, M., & Solomos, G. (2018). *Review on soft target/public space protection guidance*. Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2760/553545>
- Keneally, M. (2019, abril 19). The 11 mass deadly school shootings that happened since Columbine. *ABC News*. <https://abcnews.go.com/US/11-mass-deadly-school-shootings-happened-columbine/story?id=62494128>
- Kerkelä, L. & Moision, T. (2014, outubro 24). Fatal stabbing at Sami high school in Utsjoki. *Helsinki Times*. <https://www.helsinkitimes.fi/finland/finland-news/domestic/12532-fatal-stabbing-at-sami-high-school-in-utsjoki.html>
- Kleinveld, R. (2016). *Lone wolf terrorism & school shooters: a comparative analysis* [Master's thesis, Leiden University]. <https://hdl.handle.net/1887/53738>

- Kommersant. (1997, março 11). Курсант расстрелял восемь сослуживцев. <https://www.kommersant.ru/doc/174007>
- Kucharz, C. (2009, setembro 17). Teenage Attacker Wounds 9 School Students in Germany. *ABC News*. <https://abcnews.go.com/International/teenage-attacker-wounds-school-students-germany/story?id=8599482>
- La Dépêche. (2008, abril 19). Le collégien qui a poignardé 3 camarades à Meyzieu mis en examen. <https://www.ladepeche.fr/article/2008/04/29/451312-collegien-poignarde-3-camarades-meyzieu-mis-examen.html>
- Langman, P. (2017). *Different Types of Role Model Influence and Fame Seeking Among Mass Killers and Copycat Offenders*. School Shooters .info. [https://schoolshooters.info/sites/default/files/role\\_model\\_fame\\_seeking\\_1.0.pdf](https://schoolshooters.info/sites/default/files/role_model_fame_seeking_1.0.pdf)
- Langman, P. (2018). *Role Models, Contagions, and Copycats: An Exploration of the Influence of Prior Killers on Subsequent Attacks*. School Shooters .info. [https://schoolshooters.info/sites/default/files/role\\_models\\_3.2.pdf](https://schoolshooters.info/sites/default/files/role_models_3.2.pdf)
- Lankford, A. (2015). Mass Shooters in the USA, 1966–2010: Differences Between Attackers Who Live and Die. *Justice Quarterly*, 32(2), 360-379. <https://doi.org/10.1080/07418825.2013.806675>
- Leenaars, J. & Reed, A. (2016). *Understanding Lone Wolves: Towards a Theoretical Framework for Comparative Analysis*. International Centre for Counter-Terrorism. <http://icct.nl/app/uploads/2016/05/ICCT-Leenaars-Reed-Understanding-Lone-Wolves-April-2016.pdf>
- Ripka, L., & Kasakove, S. (2021, dezembro 9). What We Know About the Michigan High School Shooting. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/article/oxford-school-shooting-michigan.html>
- Lloyd, M., & Pauwels, A. (2021). *Lone Actors as a Challenge for P/CVE*. Publications Office of the European Union. [https://ec.europa.eu/home-affairs/system/files/2021-10/ran\\_lone\\_actors\\_as\\_challenge\\_for\\_pcve\\_july\\_2021\\_en.pdf](https://ec.europa.eu/home-affairs/system/files/2021-10/ran_lone_actors_as_challenge_for_pcve_july_2021_en.pdf)
- Los Angeles Times. (2000, março 17). German Teen Shoots Headmaster, Himself After Being Suspended. <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2000-mar-17-mn-9866-story.html>

- Luhn, A. (2018, Janeiro 19). Teen in Russia axes students and burns classroom in third school attack in a week. *The Telegraph*. <https://www.telegraph.co.uk/news/2018/01/19/teen-russia-axes-students-burns-classroom-third-school-attack/>
- Luxmoore, M. (2018, janeiro 15). Knife Attack at Russian School Leaves at Least 12 Wounded. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2018/01/15/world/europe/russia-perm-school-attack.html>
- Malkki, L. (2013). Political Elements in Post-Columbine Shootings in Europe and North America. *Terrorism and Political Violence*, 26(1), 185-210. <https://doi.org/10.1080/09546553.2014.849933>
- Mandeiro, N. (2022, fevereiro 11). O aluno de Massamá que esfaqueou três colegas e uma funcionária. Plano passava por massacre com 60 mortes. *CNN Portugal*. <https://cnnportugal.iol.pt/goncalo-anastacio/terrorismo/o-aluno-de-massama-que-esfaqueou-tres-colegas-e-uma-funcionaria-plano-passava-por-massacre-com-60-mortes/20220211/62062f200cf2cc58e7e23fc1>
- Marôco, J. (2021). *Análise estatística com o SPSS statistics* (8ª ed.). ReportNumber.
- McCauley, C., Moskalkenko, S., & Son, B. (2013). Characteristics of Violent Lone-Offenders: A Comparison of Assassins and School Attackers. *Perspectives on Terrorism*, 7(1), 4-24. <http://www.jstor.org/stable/26296906>
- McCurry, J. (2016, julho 26). Japan knife attack: stabbing at care centre leaves 19 dead. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2016/jul/25/tokyo-knife-attack-stabbing-sagamihara>
- McGee, J., & DeBernardo, C. (1999). Classroom Avenger: A Behavioral Profile of School Based Shootings. *Forensic Examiner*, 8(5), 16–18.
- Medearis S. (1999, outubro 14). Koryakov murder trial set for Nov. 29. *The Baltic Times*. <https://www.baltictimes.com/news/articles/1161/>
- Ministério da Educação Nacional, Juventude e Desportos. (2017). *Instruction relative au renforcement des mesures de sécurité et de gestion de crise applicables dans les écoles et les établissements scolaires*. [https://www.education.gouv.fr/bo/17/Hebdo15/INTK1711450J.htm?cid\\_bo=11558](https://www.education.gouv.fr/bo/17/Hebdo15/INTK1711450J.htm?cid_bo=11558)

- Montes, A. (2019, dezembro 13). Memorial for mass shooting victims unveiled at El Paso Walmart. *El Paso Times*. <https://eu.elpasotimes.com/story/news/2019/11/23/el-paso-walmart-shooting-mass-shooting-victims-memorial-unveiled/4250205002/>
- Morris, J. (2014, março 28). The day a killer brought terror to our classroom. *The Northern Echo*. <https://www.thenorthernecho.co.uk/news/11108858.day-killer-brought-terror-classroom/>
- Muschert, G. (2007). Research in School Shootings. *Sociology. Compass*, 1(1), 60–80. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2007.00008.x>
- Nachrichten, A. (2007, abril 17). Amokläufe nicht nur in den USA: Auch in Österreich Tote an Schulen & Universitäten. *NEWS.AT*. <https://www.news.at/a/amoklaeufe-usa-auch-oesterreich-tote-schulen-universitaeten-170466>
- National Center for Education Statistics. (2020). *Students' Reports of Safety and Security Measures Observed at School*. Condition of Education. U.S. Department of Education, Institute of Education Sciences. <https://nces.ed.gov/programs/coe/indicator/a20>
- Navigate. (2021). *ALICE Active Shooter Training | Schedule Active Shooter Training & Preparedness Solutions for Schools, Law Enforcement & Organizations*. ALICE Training. <https://www.alicetraining.com/>
- Neff, T., & Rahim, N. (2021, maio 16). Bombing Outside Afghan School Kills at Least 90, With Girls as Targets. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2021/05/08/world/asia/bombing-school-afghanistan.html>
- Nestel, M. & Shapiro, E. (2017, novembro 6). 26 dead, 20 injured in massacre at rural Texas church in worst mass shooting in state's history. *ABC News*. <https://abcnews.go.com/US/texas-church-scene-shooting-sunday-report/story?id=50945596>
- Newman, K. (2004). *Rampage: The Social Roots of School Shootings*. Basic Books.
- News Beezer. (2018, maio 11). 18-year-old shooter from Mistelbach planned "killing spree". <https://newsbeezer.com/austriaeng/18-year-old-shooter-from-mistelbach-planned-killing-sprees-kleinezeitung-at/>

- Newton, P. & Yan, H. (2020, abril 29). 9 of the 22 victims of the Nova Scotia rampage died in fires set by the gunman, investigators say. *CNN*. <https://edition.cnn.com/2020/04/29/americas/nova-scotia-shooting-investigation/index.html>
- Oltermann, P. (2022, janeiro 24). Heidelberg student kills one and injures three in lecture hall attack. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2022/jan/24/gunman-dead-and-several-injured-after-shooting-in-heidelberg>
- Otão, S. (2013, outubro 14). Aluno entra na escola com facas e álcool para matar os colegas. *Jornal Público*. <https://www.jn.pt/seguranca/aluno-entra-na-escola-com-facas-e-alcool-para-matar-os-colegas-3475845.html>
- O'Toole, M. (1999). *The school shooter: a threat assessment perspective*. Federal Bureau of Investigation. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED446352.pdf>
- Pantucci, R. (2011). A Typology of Lone Wolves: Preliminary Analysis of Lone Islamist Terrorists. *Developments in Radicalization and Political Violence*. International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence. [https://icsr.info/wp-content/uploads/2011/04/1302002992ICSRPaper\\_ATypologyofLoneWolves\\_Pantucci.pdf](https://icsr.info/wp-content/uploads/2011/04/1302002992ICSRPaper_ATypologyofLoneWolves_Pantucci.pdf)
- Pantucci, R., Ellis, C., & Chaplais, L. (2015). Lone-Actor Terrorism - Literature Review. *Countering Lone-Actor Terrorism Series*. Royal United Services Institute for Defence and Security Studies. [https://static.rusi.org/201512\\_clat\\_literature\\_review\\_0.pdf](https://static.rusi.org/201512_clat_literature_review_0.pdf)
- Perper, R., Corcoran, K. & Mark, M. (2019, março 16). 51 people were killed and 49 others were injured after a gunman opened fire at two mosques in Christchurch, New Zealand. *Insider*. <https://www.insider.com/new-zealand-shooting-christchurch-2019-3>
- Petäjaniemi, T. (2009). *Jokela School Shooting on 7 November 2007 – Report of the Investigation Commission*. Ministério da Justiça, Finlândia. [https://www.turvallisuustutkinta.fi/material/attachments/otkes/tutkintaselostukset/fi/poikkeuksellisetapahtumat/SbmrFqAo3/Jokela\\_School\\_Shooting\\_on\\_7\\_November\\_2007.pdf](https://www.turvallisuustutkinta.fi/material/attachments/otkes/tutkintaselostukset/fi/poikkeuksellisetapahtumat/SbmrFqAo3/Jokela_School_Shooting_on_7_November_2007.pdf)

- Peterson, J., Erickson, G., Knapp, K., & Densley, J. (2021). Communication of Intent to Do Harm Preceding Mass Public Shootings in the United States, 1966 to 2019. *JAMA Network Open*. <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2021.33073>
- Petkova, E., Martinez, S., Schlegelmilch, J., & Redlener, I. (2017). Schools and terrorism: Global trends, impacts, and lessons for resilience. *Studies in Conflict & Terrorism*, 40(8), 701–711. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2016.1223979>
- Pew, A., Goldbeck, L., Halsted, C., & Zuckerman, D. (2019). *Does Media Coverage Inspire Copy Cat Mass Shootings?* National Center for Health Research. <https://www.center4research.org/copy-cats-kill/>
- Pidd, H. (2014, novembro 3). Will Cornick: a model student who planned murder for three years. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/uk-news/2014/nov/03/will-cornick-model-student-planned-ann-maguire-murder-three-years>
- Pidd, H. (2015, agosto 10). Pupil who stabbed teacher in racist attack given 11-year sentence. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/uk-news/2015/aug/10/teacher-stabbed-pupil-racist-attack-court-bradford>
- PORDATA. (2022a). *Alunos matriculados: total e por nível de ensino*. <https://www.pordata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+total+e+por+n%c3%advel+de+ensino-1002>
- PORDATA. (2022b). *Alunos matriculados no ensino superior: total e por tipo de ensino*. <https://www.pordata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+no+ensino+superior+total+e+por+tipo+de+ensino-1018>
- Postlethwaite, J. (2017, abril 6). Headmaster awarded Légion d’Honneur after school shooting. *The Connexion*. <https://www.connexionfrance.com/article/French-news/Headmaster-awarded-Legion-d-Honneur-after-school-shooting>
- Prodanov, C., & Freitas, E. (2013). *Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Académico* (2ª ed.). Feevale.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais* (4ª ed.). Gradiva.
- Radio Free Europe/Radio Liberty. (2017, setembro 5). Russian Teen Accused Of Attacking Teacher With Air Gun, Meat Cleaver. <https://www.rferl.org/a/russia-school-shooting/28717659.html>

- Rapoport, D. (2004). The Four Waves of Modern Terrorism. In A. Cronin & J. Ludes (Eds.), *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy* (pp. 46-73). Georgetown University Press.
- Reeves, M., Conolly, C., & Woitaszewski, S. (2020). *Behavior threat assessment and management: Best practice considerations for K–12 schools*. National Association of School Psychologists. <http://cdn.cnn.com/cnn/2021/images/12/03/nasp.threat.assessment.k-12.schools.pdf>
- Renner, G., & Stoeger, K. (2012, maio 25). Schule: Vater schießt Sohn in den Kopf. *Die Presse*. <https://www.diepresse.com/761026/schule-vater-schiesst-sohn-in-den-kopf>
- Reuters. (2009, novembro 2009). One dead, 3 wounded in college shooting. *ABC News*. <https://www.abc.net.au/news/2009-11-27/one-dead-3-wounded-in-college-shooting/1158290>
- Reuters. (2013, junho 18). Italy school bomber Vantaggiato gets life sentence. *ABC News*. <https://www.bbc.com/news/world-europe-22961213>
- Ringstrom, A. (2022, março 22). Swedish police say motive for deadly school attack still unclear after student arrested. *Reuters*. <https://www.reuters.com/world/europe/swedish-police-say-motive-deadly-school-attack-still-unclear-after-student-2022-03-22/>
- RMF Radio. (2001, dezembro 16). Strzelanina w Kluczborku. [https://www.rmfm24.pl/ekonomia/news-strzelanina-w-kluczborku,nId,222362#crp\\_state=1](https://www.rmfm24.pl/ekonomia/news-strzelanina-w-kluczborku,nId,222362#crp_state=1)
- Roberts, J. (2019, abril 13). Man who ate raw pig's head at vegan festival stabbed four classmates at school. *Metro*. <https://metro.co.uk/2019/04/13/man-who-ate-raw-pigs-head-at-vegan-festival-stabbed-four-classmates-at-school-9184229/>
- Rodrigues, D., & Miranda, A. (2022, março 22). Ex-namorado esfaqueia jovem de 16 anos no pescoço à porta da escola. *CNN Portugal*. <https://cnnportugal.iol.pt/sintra/esfaqueada/ex-namorado-esfaqueia-jovem-de-17-anos-no-pescoco/20220329/6242df820cf21847f0b42eab>
- Roth, A. (2021, maio 11). Nine dead in school shooting in Kazan, say Russian officials. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2021/may/11/russia-school-shooting-kazan>

- Rowe, M. (2002, abril 26). German school massacre is third in recent years. *The Guardian*.  
<https://www.theguardian.com/world/2002/apr/26/3>
- Rozhdestvensky, I. (2015, março 30). ‘This question is for a grade’ A Moscow teenager is sentenced to psychiatric treatment for a school shooting. *Meduza*.  
<https://meduza.io/en/feature/2015/03/30/this-question-is-for-a-grade>
- Rubin, A. & Breeden, A. (2016, julho 16). ISIS Claims Truck Attacker in France Was Its ‘Soldier’. *The New York Times*.  
<https://www.nytimes.com/2016/07/17/world/europe/isis-nice-france-attack.html>
- Sauri, P. (2010). *Kauhajoki School Shooting on 23 September 2008 – Report of the Investigation Commission*. Ministério da Justiça, Finlândia.  
[https://turvallisuustutkinta.fi/material/attachments/otkes/tutkintaselostukset/fi/poikkeuksellisetapahtumat/ShbVchruh/Kauhajoki\\_School\\_Shooting\\_on\\_23\\_September\\_2008.pdf](https://turvallisuustutkinta.fi/material/attachments/otkes/tutkintaselostukset/fi/poikkeuksellisetapahtumat/ShbVchruh/Kauhajoki_School_Shooting_on_23_September_2008.pdf)
- Schaefer, L. (2021). *Routine activity theory*. Oxford University Press.  
<https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190264079.013.326>
- Seeh, M. (2007, junho 13). Gewehr, Revolver, Messer im Klassenzimmer. *Die Presse*.  
<https://www.diepresse.com/310346/gewehr-revolver-messer-im-klassenzimmer>
- Serviço Dinamarquês de Segurança e Informação. (2011). *The threat from solo terrorism and lone wolf terrorism*. Center for Terroranalyse.  
[https://www.pet.dk/English/~~/media/Engelsk/the\\_threat\\_from\\_solo\\_terrorism\\_and\\_lone\\_wolf\\_terrorism\\_-\\_engelsk\\_version\\_pdf.ashx](https://www.pet.dk/English/~~/media/Engelsk/the_threat_from_solo_terrorism_and_lone_wolf_terrorism_-_engelsk_version_pdf.ashx)
- Severino, A. (2017). *Metodologia do trabalho científico* (24ª ed.). Cortez Editora.
- Silverstein, J. (2020, janeiro 2). There were more mass shootings than days in 2019. *CBS News*. <https://www.cbsnews.com/news/mass-shootings-2019-more-than-days-365/>
- Smith, R. (2019). *Vladislav Roslyakov: A Profile*. School Shooters .info.  
[https://schoolshooters.info/sites/default/files/roslyakov\\_profile\\_1.0.pdf](https://schoolshooters.info/sites/default/files/roslyakov_profile_1.0.pdf)
- Spaaij, R. (2012). *Understanding Lone Wolf Terrorism: Global Patterns, Motivations and Prevention*. Coleção Springer Briefs in Criminology. Volume 2. Springer.
- Stern, J. (2003). *Terror in the Name of God: Why Religious Militants Kill*. Harper Collins Publishers.

- Stewart, W. (2019, fevereiro 11). 'Laughing' boy, 15, stabs teacher to death and fatally stabs another pupil who dies in his father's arms during terrifying knife attack at a school in Belarus. *MailOnline*. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-6690987/Laughing-boy-15-stabs-teacher-death-fatally-stabs-pupil.html>
- Sullivan, A. (2021, abril 21). Explainer: More guns than people: Why tighter U.S. firearms laws are unlikely. *Reuters*. <https://www.reuters.com/world/us/more-guns-than-people-why-tighter-us-firearms-laws-are-unlikely-2021-04-14/>
- Taylor, J. & Murphy, N. (2018, outubro 18). Crimea college massacre: Recap after student kills 18 and blows off victims' limbs with shrapnel bomb. *Mirror*. <https://www.mirror.co.uk/news/world-news/crimea-college-terror-attack-live-13431606>
- Teich, S. (2013). *Trends and Developments in Lone Wolf Terrorism in the Western World: An Analysis of Terrorist Attacks and Attempted Attacks by Islamic Extremists*. Internacional Institute for Counter-Terrorism. <https://i-hls.com/wp-content/uploads/2013/11/Lone-Wolf-Sarah-Teich-2013.pdf>
- The Guardian. (2016, junho 18). How the Orlando shooting unfolded: 'He came in with the intent of evil'. <https://www.theguardian.com/us-news/2016/jun/18/orlando-nightclub-shooting-pulse-florida-attack-timeline>
- The Local Germany. (2008, janeiro 18). Suspect admits stabbing lecturer. <https://www.thelocal.se/20080118/9699/>
- The Local Germany. (2010, fevereiro 2010). School attack leaves teacher dead. <https://www.thelocal.de/20100218/25347/>
- The Local Germany. (2022, janeiro 11). School attack: Teen held on suspicion of injuring two in southern Sweden. <https://www.thelocal.se/20220111/school-attack-teen-held-on-suspicion-of-injuring-two-in-southern-sweden/>
- The Moscow Times. (2019, maio 28). Russian Teenager Attacks Classmate With Axe, Cites Past School Shootings. <https://www.themoscowtimes.com/2019/05/28/russia-demands-kosovo-release-detained-russian-un-worker-a65772>
- The Moscow Times. (2021, dezembro 13). Russian Teenager 'Self-Detonates' at Historic Convent's Orthodox School. <https://www.themoscowtimes.com/2021/12/13/russian-teenager-self-detonates-at-historic-convents-orthodox-school-a75798>

- The New York Times. (2017, agosto 22). European Cities Add Barriers to Thwart Vehicle Attacks. <https://www.nytimes.com/2017/08/22/world/europe/europe-attacks-safety-barriers.html>
- The Siberian Times. (2018, maio 10). Three wounded in college shooting as gunman 'shouts Heil Hitler' before killing himself. <https://siberiantimes.com/other/others/news/three-wounded-in-college-shooting-incident-as-student-gunman-shouts-heil-hitler-before-killing-himself/>
- Berkowitz, B., & Alcantara, C. (2021). *The terrible numbers that grow with each mass shooting*. The Washington Post. [https://www.washingtonpost.com/graphics/2018/national/mass-shootings-in-america/?itid=lk\\_inline\\_manual\\_69&itid=lk\\_inline\\_manual\\_38](https://www.washingtonpost.com/graphics/2018/national/mass-shootings-in-america/?itid=lk_inline_manual_69&itid=lk_inline_manual_38)
- Unian. (2018, outubro 18). All victims of Crimea shooting rampage identified. <https://www.unian.info/society/10303410-all-victims-of-crimea-shooting-rampage-identified-media.html>
- United Press International (1983, junho 4). *Police seek motive in school shootings*. <https://www.upi.com/Archives/1983/06/04/Police-seek-motive-in-school-shootings/2421423547200/>
- United Press International. (1994, junho 20). Ulster flamethrower suspect surrenders. <https://www.upi.com/Archives/1994/06/20/Ulster-flamethrower-suspect-surrenders/4136772084800/>
- United Press Internacional. (2010, janeiro 13). Chinese charged in French stabbing attack. [https://www.upi.com/Top\\_News/World-News/2010/01/13/Chinese-charged-in-French-stabbing-attack/25451263428727/](https://www.upi.com/Top_News/World-News/2010/01/13/Chinese-charged-in-French-stabbing-attack/25451263428727/)
- United States Secret Service. (2021). *Averting Targeted School Violence: A US Secret Service Analysis of Plots Against Schools*. United States Department of Homeland Security. <https://www.secretservice.gov/sites/default/files/reports/2021-03/USSS%20Averting%20Targeted%20School%20Violence.2021.03.pdf>
- Velde, A. (2009, janeiro 23). Knife attacker kills three in Belgian nursery. *Reuters*. <https://www.reuters.com/article/worldNews/idUSTRE50M3A720090123>
- Vigilius, M. (1999, setembro 22). Blodig plet i Danmarkshistorien. *Kristeligt Dagblad*. <https://www.kristeligt-dagblad.dk/kirke-tro/blodig-plet-i-danmarkshistorien>

- Vossekuil, B., Fein, R., Reddy, M., Borum, R., & Modzeleski, W. (2004). *The final report and findings of the Safe School Initiative: Implications for the prevention of school attacks in the United States*. U.S. Secret Service and U.S. Department of Education. <https://www2.ed.gov/admins/lead/safety/preventingattacksreport.pdf>
- Williams, A., Corner, E., & Taylor, H. (2020). Vehicular Ramming Attacks: Assessing the Effectiveness of Situational Crime Prevention Using Crime Script Analysis. *Terrorism and Political Violence*. <https://doi.org/10.1080/09546553.2020.1810025>
- Winter, T., & Seville, L. (2013, novembro 25). Newtown report: Shooter Adam Lanza had no clear motive, was obsessed with Columbine. *NBC News*. <https://www.nbcnews.com/news/world/newtown-report-shooter-adam-landa-had-no-clear-motive-was-flna2D11651840>
- Woods, R. (2016, julho 5). Lisa Potts: Injured nurse 'forgives' Wolverhampton machete attacker. *BBC News*. <https://www.bbc.com/news/uk-england-birmingham-36670689>
- Young, G. (2017, setembro 6). Bailey Gwynne killer is named after turning 18. *The National*. <https://www.thenational.scot/news/15516639.bailey-gwynne-killer-is-named-after-turning-18/>

## Anexos

### Anexo 1 – Pedido de dados sobre o Programa Universidade Segura e respetiva autorização

#### POLÍCIA SEGURANÇA PÚBLICA

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E SEGURANÇA INTERNA  
DIRECÇÃO DE ENSINO  
SECRETARIA ESCOLAR



Exmo. Senhor  
Diretor Nacional Adjunto/Unidade Orgânica de Recursos  
Humanos  
(Departamento de Formação)  
DN/PSP Largo da Penha de França, N.1  
1199-010 LISBOA

Sua Referência:

Sua Comunicação:

Nossa Referência: 13/SECDE/2022

Classificador: 080.01.10

Processo: SECDE202100001ASP

Data: 2022-01-11

Assunto: PEDIDO DE COLABORAÇÃO EM TRABALHO DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado INTEGRADO EM CIÊNCIAS POLICIAIS

1. O Curso de Mestrado Integrado em Ciências Policiais (CMICP), no 5.º ano - Estágio, compreende a elaboração de uma dissertação/trabalho de projeto que deverá, obrigatoriamente, incidir sobre um tema das áreas científicas de ciências policiais, ciências jurídicas e ciências sociais e humanas.
2. O Aspirante a Oficial de Polícia João Miguel Remalho Luzio, irá realizar o seu estudo numa daquelas áreas científicas, subordinado ao tema "Soft targets e a ameaça dos atacantes ativos: o caso dos estabelecimentos de ensino superior", sob orientação científica do da Professora Doutora Raquel Duc ue.
3. Deste modo, solicita-se a V.ª Ex.ª a disponibilidade e autorização para aceder e fazer referência dos dados referentes ao programa "Universidade Segura", desde a sua criação em 2017 até ao momento, nos seguintes moldes:
  - a) Em quais Universidades/Faculdades já se realizarem ações no âmbito do Programa "Universidade Segura".
  - b) O número de ações já realizadas no âmbito do Programa "Universidade Segura", discriminando os vários tipos de ações e respetivos temas.
  - c) O número de participantes nas várias ações desenvolvidas (alunos, professores, auxiliares e polícias).
4. A informação obtida contribuirá, de forma decisiva, para a redação de um capítulo da dissertação.
5. Mais se informa V.ª Ex.ª de que o Aspirante a Oficial de Polícia João Luzio se compromete a respeitar a confidencialidade e reserva da informação, não transcrevendo, no todo ou em parte, passagem do documento.

José Carlos Bastos Leitão  
Superintendente



R. 1ª de Maio, nº5 - 1349-040 Lisboa Tel.: 213613900 Fax: 213610535 - www.icpsip.pt

icpsip@icpsip.pt

**DN DEPFORM**

*Autorigados os diversos pedidos anexos. Os documentos anexos são classificados sendo alguns completados. Não sendo feitas cópias.*

**De:** ISCPSP - Direcção Ensino  
**Enviado:** terça-feira, 18 de janeiro de 2022 15:15  
**Para:** DN DEPFORM  
**Cc:** Nuno Ricardo Pica Dos Santos; Sergio Do Rosario Cruz  
**Assunto:** PEDIDOS DE COLABORAÇÃO EM TRABALHOS DE DISSERTAÇÕES DE MESTRADOS INTEGRADOS EM CIÊNCIAS POLICIAIS  
**Anexos:** 28SECDE2022.pdf; 29SECDE2022.pdf; 5SECDE2022.pdf; 31SECDE2022.pdf; 8SECDE2022.pdf; 7SECDE2022.pdf; 11SECDE2022.pdf; 17SECDE2022.pdf; 10SECDE2022.pdf; 9SECDE2022.pdf; 12SECDE2022.pdf; 14SECDE2022.pdf; 16SECDE2022.pdf; 15SECDE2022.pdf; 13SECDE2022.pdf; 18SECDE2022.pdf

19 JAN 2022

DIRETOR NACIONAL  
*Manuel A. Silva*

Manuel A. Silva  
Superintendente Adjunto

Exmo. Senhor  
Diretor do Departamento de Formação  
M. Superintendente Paulo Onofre

Relativamente ao assunto em epígrafe, encargo-me o Exmo. Sr. Diretor de Estágio, Subintendente Nuno Pica dos Santos, de enviar a V.Ex.ª os ofícios n.ºs 5; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 19 e 21/SECDE/2022 em anexo, referente aos alunos do 34.º CFOP.

Sem mais assunto e com os melhores cumprimentos,

"Uma Polícia integral, humana, forte, coesa e ao serviço do Cidadão" – Estratégia PSP 20/22

Joaquim Augusto Leite Vasga  
Superintendente Adjunto  
Direção Nacional

**POLÍCIA** NACIONAL

Unidade Operativa de Serviços Policiais e Investigação Criminal

www.psp.pt

DIRECÇÃO NACIONAL DA P.S.P.  
DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO

Exemplar nº 107  
Data 19/1/2022  
Processo nº 3706

## Apêndices

### Apêndice A - Casos de análise de lobos solitários

A 22 de julho de 2011, 77 pessoas foram mortas e 151 feridas durante um atentado terrorista na Noruega: oito morreram numa explosão em Oslo e outras 69 perderam a vida durante um ataque prolongado com armas de fogo na ilha de *Utøya*. O ataque foi concebido, planeado e conduzido por uma única pessoa, Anders Breivik, que acabou por ser preso e condenado (BBC News, 2011; Pantucci et al., 2015).

A 26 de junho de 2015, num *resort* tunisino, um homem de 23 anos puxou de uma espingarda de assalto *Kalashnikov* que estava escondida no seu guarda-sol e abriu fogo sobre turistas que se encontravam no local durante cerca de 30 minutos. Quando foi morto pelas forças de segurança tunisinas, já tinha assassinado 38 pessoas e deixado mais 39 feridas (Grierson, 2017).

A 12 de junho de 2016, um homem de 29 anos matou 49 pessoas e feriu outras 53 num tiroteio em massa dentro do *Pulse*, uma discoteca *gay* em Orlando, nos EUA. Os polícias do Departamento de Polícia de Orlando acabaram por abater o agressor após um impasse de três horas (The Guardian, 2016).

A 14 de julho de 2016, em Nice, 86 pessoas foram mortas e 458 ficaram feridas. O atacante levou a cabo o ato sozinho utilizando um camião de 19 toneladas para atropelar centenas de pessoas. A polícia acabou por matar o atacante, que tinha consigo uma pistola automática (Fischer, 2019; Rubin & Breeden, 2016).

A 19 de dezembro de 2016, um camião foi deliberadamente conduzido direito a um mercado em Berlim, deixando 12 pessoas mortas e 48 feridas. O autor do crime foi um tunisino que não conseguiu asilo na Alemanha, sendo morto quatro dias após o ataque, num tiroteio com a polícia, já perto de Milão, Itália (Gallagher & Hayden, 2016).

A 17 de agosto de 2017, um jovem de 22 anos conduziu uma carrinha contra os peões numa rua de Barcelona, matando 13 pessoas e ferindo pelo menos outras 100. O agressor fugiu a pé e mais tarde roubou um carro, apunhalando o condutor até à morte, antes de a Polícia conseguir abatê-lo (BBC News, 2017).

A 15 de março de 2019, 51 pessoas morreram e outras 49 ficaram feridas após um homem armado ter aberto fogo em duas mesquitas na Nova Zelândia. O atacante transmitiu

as suas ações no *Facebook*, que rapidamente se espalharam pela plataforma, bem como no *YouTube*, *Instagram* e *Twitter*. Mais tarde foi preso e condenado (Perper, Corcoran & Mark, 2019).

A 3 de agosto de 2019, ocorreu um homicídio em massa numa loja *Walmart* no Texas, EUA. Um homem armado disparou e matou 23 pessoas e feriu outras 23. O tiroteio foi descrito como o maior ataque contra latinos na história americana moderna. Um jovem de 21 anos, foi preso pouco depois do tiroteio e acusado do ato, depois de a polícia ter encontrado o seu manifesto com temas nacionalistas de direita e anti-imigrantes (Montes, 2019).

### **Apêndice B - Casos de análise de assassinos ativos**

A 14 de dezembro de 2012, numa escola no Connecticut, EUA, um homem de 20 anos matou a tiro 26 pessoas, incluindo 20 crianças entre os 6 e os 7 anos de idade, e seis membros adultos do *staff*. Feriu também dois adultos, e antes de conduzir para a escola, matara a sua mãe em casa. Quando os primeiros meios policiais chegaram ao local o agressor suicidou-se (CNN, 2019; Johnson & Bratu, 2012).

A 26 de julho de 2016, no Japão, 19 pessoas foram mortas e outras 26 ficaram feridas num lar para deficientes. O atacante foi um homem de 26 anos de idade, antigo empregado do centro de assistência, defensor ávido da eutanásia. Entregou-se numa esquadra de Polícia próxima com um saco de facas sendo subsequentemente detido (McCurry, 2016).

A 1 de outubro de 2017, um homem de 64 anos abriu fogo do seu quarto no 32.º andar de um hotel em Las Vegas. Os seus alvos eram desconhecidos para ele, apenas uma multidão de pessoas num festival de música na propriedade abaixo do hotel. Após 10 minutos, tinham sido mortas 58 pessoas e feridas 413. Centenas de outras ficaram feridas à medida que o terror e a confusão se instalavam no local. No final, o atirador suicidou-se (Alm, 2020).

A 5 de novembro de 2017, um homem de 26 anos invadiu uma igreja no Texas, EUA, com uma espingarda, tendo matado 26 pessoas e ferido outras 20. O atacante ainda fugiu do local, mas acabou por ser perseguido e abatido pela Polícia (Nestel & Shapiro, 2017).

A 14 de fevereiro de 2018, na Flórida, EUA, um estudante que tinha sido expulso entrou na sua antiga escola secundária com uma mochila cheia de carregadores de munições

e com a sua espingarda semi-automática AR-15. Abriu fogo e matou 17 pessoas, tendo também ferido outras 17 (História, 2019).

A 17 de outubro de 2018, na Ucrânia, um estudante de 18 anos matou na sua própria escola 20 pessoas com uma arma de fogo, tendo ainda ferido outras 70 antes de se suicidar. O agressor também detonou uma grande bomba de pregos improvisada durante o ataque, tendo as pessoas afetadas ficado gravemente feridas (Taylor & Murphy, 2018).

A 8 de fevereiro de 2020, um soldado tailandês disparou contra um oficial superior numa base militar e, em seguida, dirigiu-se a um centro comercial onde começou a disparar contra as pessoas que se encontravam no local, antes de morrer num confronto com soldados e a Polícia. 29 pessoas perderam a vida e outras 58 ficaram feridas (Hope, 2020).

A 18 de abril de 2020, um homem de 51 anos cometeu vários homicídios com arma de fogo e incendiou 16 locais diferentes no Canadá, matando 22 pessoas e ferindo outras três antes de ser alvejado e morto pela Polícia. Durante parte da onda de crimes que se prolongou por 13 horas, o agressor fez-se passar por um elemento da Polícia ao conduzir uma réplica de um carro policial e ao usar um uniforme da Polícia local (Newton & Yan, 2020).

### **Apêndice C - Ataques a estabelecimentos de ensino europeus nos últimos 40 anos**

A 3 de junho de 1983, um homem de 34 anos matou cinco pessoas, ferindo outras 13, numa escola alemã. Aquando da sua chegada à escola, o atacante solicitou que lhe indicassem a localização de um determinado professor. Assim que o agressor entrou na sala do professor em causa, disparou sobre ele, fazendo mais vítimas antes de se suicidar (United Press International, 1983).

A 7 de janeiro de 1988, em Inglaterra, um jovem de 16 anos recentemente expulso da escola, regressou à mesma com uma arma de fogo, disparando sobre o vice-diretor, ferindo cinco pessoas, antes de ser imobilizado (Associated Press News, 1988).

A 24 de janeiro de 1989, na Finlândia, um estudante de 14 anos disparou sobre dois colegas seus, matando-os. O atacante fugiu do local, mas a polícia acabou por o deter. Segundo o jovem, o seu motivo para o ataque foi o *bullying* que sofria na escola (Petäjaniemi, 2009).

A 6 de outubro de 1993, na Áustria, um estudante de 13 anos ficou à espera do diretor da escola à entrada do estabelecimento, disparando sobre o mesmo com uma carabina, antes de se suicidar. O aluno tinha sido apanhado a fumar no dia anterior e o diretor ter-lhe-ia dito que iria informar os seus pais sobre o assunto (Seeh, 2007).

A 28 de março de 1994, em Inglaterra, um homem de 29 anos que sofria de esquizofrenia entrou numa escola, armado com uma espingarda e várias facas. Ao entrar numa sala de aulas, ordenou ao professor que saísse e alinhou as crianças ao longo de uma parede. De seguida, atacou três raparigas com uma faca, acabando uma delas por não resistir aos ferimentos. Após o jovem ter sido detido pela polícia, este confessou o seu desejo de “destruir vidas jovens” (Morris, 2014).

A 5 de abril de 1994, na Dinamarca, um homem de 35 anos entrou na sua antiga Universidade e matou duas pessoas com uma espingarda, ferindo ainda outras duas antes de cometer suicídio. Segundo uma mensagem deixada para trás pelo atacante, este “já não conseguia lidar com a vida” e queria matar algumas pessoas antes de se suicidar (Vigilius, 1999).

A 17 de junho de 1994, na Irlanda do Norte, um homem de 46 anos que aparentemente guardava algum tipo de rancor, entrou numa sala de aula da sua antiga escola e atacou vários alunos com um lança-chamas, ficando seis deles feridos (United Press International, 1994).

Em Outubro de 1995, nos Países Baixos, um estudante de 19 anos esfaqueou até à morte outro aluno da sua faculdade. O motivo é desconhecido (Expatica, 2004).

A 13 de março de 1996, um homem de 43 anos entrou numa escola primária na Escócia e matou a tiro 16 crianças e um professor, ferindo outras 15, antes de se matar. Embora nunca tenha sido estabelecido um motivo para o massacre, o atacante vivia frustrado com diversos obstáculos na sua vida social, derivados de várias atitudes pedófilas que vinha a demonstrar há vários anos (Bauer, 2017).

A 8 de julho de 1996, em Inglaterra, um homem de 33 anos com esquizofrenia paranoica invadiu um piquenique numa escola e feriu três crianças e quatro adultos com uma machete (Woods, 2016).

A 5 de maio de 1997, na Áustria, um estudante de 15 anos estaria a tentar violar uma colega, quando foi surpreendido por um professor que o tentou impedir. O atacante disparou

sobre o professor, matando-o, e ainda feriu outro professor durante a fuga, acabando, contudo, por ser detido pela polícia (Seeh, 2007).

A 9 de março de 1997, um cadete de 18 anos matou 6 pessoas, ferindo outras 2, numa escola superior militar russa. Segundo alguns relatos, o ataque poderá ter sido motivado pela severa praxe que o cadete vinha a sofrer no seu primeiro ano (Kommersant, 1997).

A 3 de setembro de 1998, uma professora de 31 anos esfaqueou oito crianças e três professores na cantina de uma escola primária na Hungria. Não se descobriu nenhum motivo por detrás do ataque (BBC News, 1998).

A 22 de fevereiro de 1999, um jovem de 19 anos entrou num jardim de infância na Letónia, e matou três crianças e um professor com um cutelo, ferindo ainda uma enfermeira antes de tentar fugir. Após ser detido pela polícia, o atacante confessou que queria tornar-se famoso (Medearis, 1999).

A 9 de novembro de 1999, na Alemanha, um estudante de 15 anos esfaqueou o seu professor até à morte depois de aceitar apostas de colegas de turma, comprometendo-se a cometer o crime (Rowe, 2002).

A 16 de março de 1999, nos Países Baixos, um jovem de 17 anos alvejou e feriu cinco pessoas numa escola. O atacante afirmou que queria vingar a honra da família ao alvejar o namorado da sua irmã, pois acreditava que este tinha ofendido a honra da família (Associated Press News, 1999).

A 16 de março de 2000, na Alemanha, um jovem de 16 anos matou o diretor da sua escola depois de ter sido suspenso por "comportamento rebelde", pondo termo à própria vida de seguida (Los Angeles Times, 2000).

A 22 de novembro de 2000, na Universidade de Viena, Áustria, um homem de 43 anos disparou 15 tiros contra a sua namorada, tendo cometido suicídio no fim. O atacante estava há vários anos sem emprego fixo, e de acordo com a polícia, aparentemente estaria com ciúmes do sucesso profissional da sua companheira (Nachrichten, 2007).

A 16 de dezembro de 2001, na Polónia, um homem de 62 anos entrou na escola onde a sua mulher trabalhava, ferindo-a com um tiro. Ao sair do estabelecimento, alvejou outro homem, que acabou por morrer. Já no exterior da escola, o atacante cometeu suicídio (RMF Radio, 2001).

A 19 de fevereiro de 2002, na Alemanha, um jovem de 20 anos matou o seu antigo chefe e um capataz na fábrica da qual tinha sido despedido, dirigindo-se de seguida para a sua antiga escola secundária, onde detonou engenhos explosivos caseiros e disparou sobre o diretor do estabelecimento, matando-o, e uma professora, tendo esta apenas ficado ferida. No fim, o atacante cometeu suicídio (CBS News, 2002).

A 26 de abril de 2002, na Alemanha, um jovem de 19 anos assassinou 17 pessoas e feriu outras 6 na escola de onde tinha sido recentemente expulso, cometendo suicídio no fim (Malkki, 2013). No computador do atacante, a polícia encontrou um vasto histórico de pesquisa, bem como documentos, relacionados com o ataque de Columbine (Langman, 2018).

A 29 de abril de 2002, na Bósnia-Herzegovina, um estudante de 17 anos disparou sobre o seu professor de História à entrada da escola. De seguida, entrou no estabelecimento, onde disparou e feriu gravemente outro professor, cometendo suicídio logo de seguida dentro da sala de aula. O ataque terá tido como motivo o facto do professor de História estar decidido em chumbar o atacante naquele ano letivo (Gajic, 2002).

A 2 de julho de 2003, na Alemanha, um estudante de 16 anos matou uma professora e feriu outra que o tentou parar, recorrendo a uma arma de fogo. O motivo para o ataque é desconhecido (BBC News, 2003).

A 14 de janeiro de 2004, nos Países Baixos, um estudante de 17 anos disparou sobre a vice-diretora da escola, que não sobreviveu aos ferimentos. Aparentemente, o ataque terá sido motivado pelo estudante estar prestes a ser expulso da escola (Associated Press News, 2004).

A 15 de abril de 2004, na Áustria, um estudante de 13 anos esfaqueou um colega, que acabou por morrer. O atacante, que possuía uma doença mental, pretendia atacar uma professora em específico, porém esta estava ausente da escola naquele dia (Seeh, 2007).

A 3 de outubro de 2006, na Letónia, um estudante de 16 anos esfaqueou e feriu quatro dos seus colegas de turma, afirmando depois ter sido influenciado por um filme (Roberts, 2019).

A 20 de novembro de 2006, na Alemanha, um estudante de 18 anos entrou na sua escola armado com armas de fogo e granadas de fumo, disparando sobre várias pessoas, cometendo suicídio no final. Deste ataque não resultaram vítimas mortais, apenas 37 feridos.

O atacante era um jovem imensamente frustrado com a vida e cheio de ódio por todos, que já procurava vingança há algum tempo (Jüttner, 2006).

A 11 de outubro de 2007, nos Países Baixos, um estudante de 14 anos esfaqueou um colega na escola, acabando este último por falecer no hospital. Aparentemente, a vítima terá feito piadas acerca do apelido do atacante (Greeven et al., 2007).

A 7 de novembro de 2007, na Finlândia, um estudante de 18 anos assassinou 8 pessoas, ferindo outras 13, com uma arma de fogo. Na investigação que seguiu o ataque, descobriu-se que o atacante sofria de *bullying*, admirava famosos atentados em escolas e participava ativamente em fóruns na Internet centrados nesses assuntos (Petäjaniemi, 2009).

A 13 de dezembro de 2007, um homem de 42 anos entrou numa universidade sueca onde esfaqueou um familiar, aparentemente, devido a um desentendimento familiar (The Local Germany, 2008).

A 28 de abril de 2008, na França, um estudante de 15 anos esfaqueou três colegas na escola. Disse ter-se inspirado nos tiroteios escolares americanos e ter planeado o ataque durante vários meses, procurando vingar-se de certos colegas de escola com os quais não se dava bem (La Dépêche, 2008).

A 23 de setembro de 2008, um estudante de 22 anos assassinou 10 pessoas, tendo também ferido outras 11, numa universidade finlandesa. O atacante fez uso de uma arma de fogo e de material inflamável. De acordo com a investigação do ataque, descobriu-se que o atacante já vinha a sofrer de vários problemas relativos à sua saúde mental, em parte devido ao *bullying* que sofreu durante o seu tempo na escola, e que foi influenciado por ataques a outros estabelecimentos de ensino (Langman, 2018; Sauri, 2010).

A 23 de janeiro de 2009, na Bélgica, um homem de 20 anos entrou num infantário com uma faca onde matou três pessoas, duas das quais eram crianças, ferindo ainda outras 10 (Velde, 2009).

A 23 de janeiro de 2009, na Noruega, um homem de 53 anos deslocou-se até à escola da sua ex-companheira, com a qual tinha terminado recentemente a relação, e disparou duas vezes contra a mesma, matando-a, disparando sobre si logo de seguida (Independent, 2009).

A 11 de março de 2009, na Alemanha, um estudante de 17 anos abriu fogo na sua escola, matando 12 pessoas. Durante a fuga, matou ainda mais três pessoas já fora do estabelecimento de ensino. O atacante acabou por ser intercetado pela polícia, e durante o

confronto com a mesma, acabou por cometer suicídio. Apurou-se posteriormente que o mesmo (Davies, 2009).

A 10 de abril de 2009, um estudante de 17 anos feriu 3 pessoas a tiro numa universidade grega, cometendo suicídio de seguida. O seu motivo terá sido baseado em vingança devido a um acumular de frustrações (Gatopoulos & Paphitis, 2009).

A 11 de maio de 2009, na Alemanha, uma estudante de 16 anos levou para a sua escola várias facas, *cocktails molotov* e um lança-chamas. O motivo é desconhecido, mas tinha como objetivo incendiar o estabelecimento. Acabou apenas por ferir uma pessoa e fugir de seguida, sendo detida posteriormente (Hindustan Times, 2009).

A 17 de setembro de 2009, na Alemanha, um estudante de 18 anos entrou na sua escola com um machado e *cocktails molotov*, ferindo nove alunos e um professor. O motivo do ataque é desconhecido (Kucharz, 2009).

A 26 de novembro de 2009, na Hungria, um estudante de 23 anos abriu fogo dentro da sua universidade, fazendo uma vítima mortal e três feridos. O motivo do ataque é desconhecido (Reuters, 2009).

A 13 de janeiro de 2010, um estudante de 26 anos matou uma pessoa e feriu outras três com uma faca, numa universidade francesa. O motivo é desconhecido, mas o atacante já tinha sido internado devido a comportamentos anormais (United Press International, 2010).

A 18 de fevereiro 2010, na Alemanha, um estudante de 23 anos deslocou-se à sua antiga escola onde esfaqueou um professor pelo qual guardava fortes ressentimentos por lhe ter dado más notas (The Local Germany, 2010).

Em maio de 2012, na República Checa, uma mulher de 24 anos entrou numa escola primária onde raptou uma criança, acabando também por ferir uma professora com uma faca. A atacante acabou por ser detida, sendo reportado que sofria de esquizofrenia (Agence France-Presse, 2014).

A 19 de maio de 2012, um homem de 68 anos plantou e detonou uma bomba à entrada de uma escola, matando uma pessoa e ferindo outras nove. O motivo nunca foi esclarecido (Reuters, 2013).

A 25 de maio de 2012, na Áustria, um homem de 37 dirigiu-se até à escola dos seus dois filhos, onde planeava matar ambos de forma a vingar-se da sua mulher. Um dos filhos conseguiu fugir, mas o outro acabou por ser assassinado. O atacante cometeu suicídio depois de fugir (Renner & Stoeger, 2012).

A 10 de outubro de 2013, na Finlândia, um estudante de 16 anos esfaqueou três alunos e um assistente operacional, porém todos sobreviveram. O atacante já tinha ameaçado atacar a sua escola com uma arma de fogo no início daquele ano (Huuhtanen, 2013).

A 14 de outubro de 2013, em Portugal, um estudante de 16 anos entrou numa sala de aulas da sua escola e atirou para o chão um foguete *very light*, esfaqueando de seguida 3 colegas e uma funcionária. Naquela semana, o atacante já tinha ameaçado os colegas de turma de que os ia matar (Otão, 2013). Aparentemente, o jovem sofria de *bullying* e planeava reproduzir os massacres de Columbine e Sandy Hook. Foi apreendida pela polícia uma folha pertencente ao jovem com o plano detalhado, onde estava previsto “matar pelo menos 60 pessoas” (Mandeiro, 2022).

A 3 de fevereiro de 2014, na Rússia, um estudante de 15 anos deslocou-se até à sua escola à procura do seu professor de Geografia. Quando entrou na sala onde o docente se encontrava, disparou sobre ele, matando-o. Alguns momentos após o jovem ter entrado na sala, dois seguranças privados alcançaram o atacante, tendo este disparado sobre eles, matando um e ferindo o outro. Para além de alguns problemas mentais diagnosticados ao jovem, o evento que o poderá ter levado a cometer este ato foi o facto de o professor em causa lhe ter dado uma nota que não o satisfiz (Rozhdestvensky, 2015).

A 28 de abril de 2014, em Inglaterra, um estudante de 15 anos esfaqueou várias vezes uma professora, que acabou por não resistir aos ferimentos. O atacante teria desenvolvido um ódio por esta professora há uns anos atrás (Pidd, 2014).

A 14 de outubro de 2014, na República Checa, uma mulher de 26 anos entrou numa escola onde matou um estudante e feriu mais três pessoas com uma faca. A atacante sofria de esquizofrenia e já tinha realizado um ataque a uma escola em 2012 (Agence France-Presse, 2014).

A 24 de outubro de 2014, na Finlândia, um homem de 30 anos esfaqueou até à morte um estudante numa escola. Ambos viviam no mesmo dormitório, mas o motivo para o ataque é desconhecido (Kerkelä & Moisio, 2014).

A 27 de outubro de 2014, na Estónia, um estudante de 15 anos disparou várias vezes sobre uma professora durante uma aula, matando-a. O motivo do ataque não foi revelado (Kangsepp, 2014).

A 20 de abril de 2015, em Espanha, um estudante de 13 anos levou para a escola uma besta e várias facas, acabando por matar uma professora e por ferir outras 4 pessoas. O ataque foi levado a cabo no 16º aniversário do ataque de Columbine e o jovem já vinha a falar de matar várias pessoas na escola há algum tempo (Carranco & Blanchar, 2015).

A 11 de maio de 2015, em Inglaterra, um estudante de 14 anos esfaqueou o seu professor após este lhe tentar tirar o telemóvel no decorrer de uma aula. O jovem em questão não gostava do professor e já tinha, em várias ocasiões, tecido comentários racistas contra a vítima (Pidd, 2015).

A 28 de outubro de 2015, na Escócia, um estudante de 16 anos esfaqueou um colega até à morte na escola após uma discussão (Young, 2017).

A 16 de março de 2017, na França, um estudante de 16 anos foi para a escola munido de várias armas de fogo, acabando por ferir cinco pessoas. O jovem possuía uma lista de 12 estudantes com quem se dava mal, tendo ferido quatro deles. O atacante possuía um fascínio por armas (Postlethwaite, 2017).

A 5 de setembro de 2017, na Rússia, um estudante de 15 anos levou para a escola um cutelo e uma pressão de ar para atacar uma professora, tendo esta ficado ferida mais três alunos que saltaram de uma janela para fugir. Aparentemente, haveria uma certa animosidade entre a professora e o jovem (Radio Free Europe/Radio Liberty, 2017).

A 15 de janeiro de 2018, na Rússia, dois jovens de 16 anos entraram numa escola armados com facas, ferindo 12 pessoas. Aparentemente, um dos jovens consumia conteúdo relativo a ataques em escolas e o outro possuía problemas mentais (Luxmoore, 2018).

A 19 de janeiro de 2018, na Rússia, um estudante de 15 anos atacou uma escola com uma machado e *cocktails molotov*, acabando por ferir 6 pessoas e tentando suicidar-se no fim do ataque. Aparentemente o atacante estaria chateado devido a ser chumbado por uma professora (Luhn, 2018).

A 7 de março de 2018, um homem de 44 anos entrou numa escola nos Países Baixos armado com duas facas. O atacante possuía problemas mentais graves e já era conhecido da

polícia. Apesar de ter ameaçado alguns estudantes, estes conseguiram expulsar o atacante do recinto escolar através do arremesso de mochilas (Cleary, 2018).

A 21 de março de 2018, na Rússia, uma estudante de 13 anos levou para a escola uma pressão de ar e feriu sete pessoas. O motivo não foi revelado (Filimonov, 2018).

A 18 de abril de 2018, na Rússia, um estudante de 17 anos feriu quatro pessoas na escola com uma faca, pegando fogo a uma sala de aulas. O jovem tentou suicidar-se, porém foi impedido pela polícia (Filimonov, 2018).

A 10 de maio de 2018, na Rússia, um estudante de 17 anos entrou na sua faculdade com uma arma de fogo e começou a disparar sobre os colegas, fazendo três feridos. O atacante foi ouvido a dizer que “odiava toda a gente” e que agora seria a altura dele se vingar por fazerem troça dele (The Siberian Times, 2018).

A 11 de maio de 2018, na Áustria, um estudante de 18 anos preparou um massacre na sua escola, contudo, ao disparar o primeiro tiro contra outro estudante, a sua arma bloqueou, o que o levou a fugir do local, sendo detido mais tarde. O atacante idealizava o ataque de Columbine, pretendendo suicidar-se. O jovem deixou para trás uma mensagem em casa a expor a sua infelicidade e a vontade de se vingar dos colegas (News Beezer, 2018).

A 17 de outubro de 2018, na Ucrânia, um estudante de 18 anos atacou a Faculdade que frequentava com uma arma de fogo e com bombas improvisadas. Registaram-se 20 vítimas mortais e 70 feridos. O atacante aparentemente idealizava o ataque de Columbine, tendo demonstrado um *modus operandi* idêntico e escolhido de igual modo a biblioteca como local de suicídio (Unian, 2018).

A 11 de fevereiro de 2019, na Bielorrússia, um estudante de 15 anos esfaqueou quatro pessoas na escola, acabando por matar duas delas. O jovem ainda fugiu do local, mas acabou por ser detido. Não foi reportado nenhum motivo para o ataque (Stewart, 2019).

A 27 de maio de 2019, na Polónia, um jovem de 18 anos entrou na sua antiga escola arremessando vários artigos pirotécnicos e disparando com uma arma, acabando por fazer dois feridos. O atacante foi detido pela polícia e o motivo do ataque é desconhecido (Associated Press, 2019a).

A 28 de maio de 2019, na Rússia, um jovem de 14 anos levou para a escola uma faca e vários *cocktails molotov*. Embora não tenha conseguido fazer uso do material inflamável, acabou por ferir uma pessoa. O atacante confessou admirar o ataque a um politécnico na

Crimeia em 2018 e aparentemente tinha acompanhamento psiquiátrico (The Moscow Times, 2019).

A 1 de outubro de 2019, na Finlândia, um estudante de 25 anos atacou vários colegas na sua Faculdade com um sabre, fazendo uma vítima moral e 10 feridos, tendo sido parado a tiro pela polícia, ficando apenas ferido. O motivo para o ataque é desconhecido (BBC News, 2019).

A 14 de novembro de 2019, na Rússia, um estudante de 19 anos levou uma arma de fogo para a Universidade, onde matou uma pessoa e feriu outras três, cometendo suicídio depois de um confronto inicial com a polícia. O motivo do ataque não foi descoberto (Associated Press, 2019b).

A 6 de dezembro de 2019, na Hungria, um estudante de 17 anos esfaqueou múltiplas vezes a sua professora, no entanto, devido à ação dos colegas o atacante acabou por ser desarmado. O motivo por detrás deste ataque foi o facto de o jovem não gostar do método de ensino da docente e não estar satisfeito com as notas que lhe foram atribuídas (Cseresnyés, 2019).

A 29 de setembro de 2020, na Polónia, uma estudante de 17 anos atacou vários colegas com uma faca, fazendo três feridos. A jovem já tinha anunciado nas redes sociais que iria cometer o ataque, embora o motivo seja desconhecido (Fakt, 2020).

A 11 de maio de 2021, na Rússia, um jovem de 19 anos entrou na sua antiga escola com uma arma de fogo onde matou nove pessoas e feriu outras 21. O atacante tinha escrito nas redes sociais antes do ataque, que se sentia "como um Deus" e planeava matar um "grande número" de pessoas (The Guardian, 2021).

A 19 de agosto de 2021, na Suécia, um estudante de 15 anos esfaqueou um professor durante uma aula. O jovem estaria a usar um capacete militar, uma máscara preta na cara e um colete balístico, no entanto, o motivo para o ataque é desconhecido. Sabe-se, no entanto, que este jovem simpatizava com a extrema-direita e tinha interesse em ataques escolares (Fridh & Johansson, 2021; The Local Germany, 2022).

A 29 de setembro de 2021, na Rússia, um estudante de 18 anos deslocou-se até à sua universidade com uma arma de fogo, onde fez seis vítimas mortais e 28 feridos. O atacante escreveu numa mensagem que deixou para trás que estaria "cheio de ódio" e que tinha chegado a altura de concretizar um "sonho" (Chernova & Moorhouse, 2021).

A 13 de outubro de 2021, em Espanha, um jovem de 21 anos deslocou-se até à sua Universidade onde disparou vários tiros contra as infraestruturas, tendo sido ouvido a gritar que não tinha nada contra os alunos, mas sim contra a instituição educativa (Izarra, 2021).

A 13 de dezembro de 2021, na Rússia, um jovem de 18 anos entrou na sua escola onde detonou um engenho explosivo improvisado, acabando por ferir 10 pessoas e a si mesmo, tendo ficado sem uma perna. Aparentemente, o ataque terá sido motivado pelo seu ódio pelos colegas e professores (The Moscow Times, 2021).

A 10 de janeiro de 2022, na Suécia, um jovem de 16 anos entrou numa sala de aulas de uma escola com uma arma branca na sua posse e feriu duas pessoas. Este jovem era conhecido de outro atacante sueco, que levou a cabo um ataque em agosto de 2021, e com quem partilhava o interesse de ataques escolares (The Local Germany, 2022).

A 24 de janeiro de 2022, na Alemanha, um estudante de 18 anos entrou a meio de uma aula na sua Universidade, disparando vários tiros contra os seus colegas, fazendo uma vítima mortal e três feridos. Depois de fugir da Universidade, cometeu suicídio. O atacante sofria de transtorno de personalidade narcisista, o que poderá ter influenciado os seus atos (Oltermann, 2022).

A 22 de março de 2022, na Suécia, um estudante de 18 anos levou uma faca para a escola onde esfaqueou e matou dois professores. O motivo do ataque não foi revelado (Ringstrom, 2022).

A 29 de março de 2022, em Portugal, um jovem de 17 anos entrou na escola da sua ex-namorada e esfaqueou-a na zona do pescoço, tendo encetado fuga de seguida, mas tendo sido detido pela polícia mais tarde. O atacante já tinha histórico de violência doméstica com a vítima e não terá conseguido aceitar o fim do relacionamento (Rodrigues & Miranda, 2022).

A 26 de abril de 2022, na Rússia, um homem de 26 anos entrou num infantário armado com uma arma de fogo, onde assassinou duas crianças e uma professora, ferindo também uma funcionária, antes de cometer suicídio (Associated Press News, 2022).

## **Apêndice D – Guião de entrevista**

### ***Soft Targets e a ameaça dos atacantes ativos: o caso dos estabelecimentos de ensino universitário em Lisboa***

Nome: \_\_\_\_\_

Cargo/Posto: \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

O presente guião tem como objetivo orientar a entrevista com diversos dirigentes de Faculdades e Institutos Superiores portugueses. A entrevista será conduzida de forma semidireta para que o entrevistado, com base na sua experiência profissional, tenha uma maior liberdade de raciocínio e resposta.

1. De que forma considera que a gestão da segurança neste momento executada na sua Faculdade pode reduzir o impacto de um ataque por atacante ativo?
2. Existe Segurança Privada na sua Faculdade? Se sim, qual o papel atribuído à Segurança Privada dentro do espaço da sua Faculdade e que meios dispõe a empresa contratada?
3. Qual a sua avaliação das medidas de vigilância humana e eletrónica existentes para este tipo de ataque?
4. Na sua opinião, que providências considera mais relevantes e praticáveis para fazer face a um incidente com atacante ativo?
5. Considera importante providenciar formação referente à ameaça de atacante ativo aos professores, alunos e funcionários, da mesma maneira que se faz com temas como os incêndios, catástrofes naturais e *bullying* através de simulacros e ações de sensibilização?

6. Tendo em conta que grande parte dos ataques dentro de estabelecimentos de ensino superior são levados a cabo pelos próprios alunos, que papel tem a Faculdade de sinalizar e acompanhar casos em que, eventualmente, os alunos possam adotar este tipo de comportamento?
7. A PSP, através do seu Modelo Integrado de Policiamento de Proximidade, possui o Programa “Universidade Segura”. Este programa pretende, entre outras coisas, o aprofundamento da interação entre a PSP e a comunidade do ensino universitário. Tem conhecimento de algumas ações desenvolvidas no âmbito deste programa? Considera existir algum potencial ao nível da formação da comunidade do ensino universitário quanto a este fenómeno através deste Programa?
8. A Faculdade possui algum plano de emergência, por exemplo, de evacuação? Se sim, alguma vez o testou, e com a participação de outras entidades (ex. bombeiros, Polícia)?
9. Relativamente à possibilidade de um acesso não autorizado por parte de alguém estranho à Faculdade, tem conhecimento de alguma vulnerabilidade quanto às infraestruturas e ao espaço pertencentes à Faculdade? Se sim, existe algum plano para dirimir esse problema?
10. Alguma vez foi abordado(a) por alguma entidade acerca do fenómeno dos atacantes ativos, seja por parte do Estado ou de uma entidade terceira?
11. Considera que, atualmente, existe uma maior preocupação por parte das Universidades/Faculdades quanto a este assunto, do que há 10 anos? Acha que esta preocupação cabe à Universidade/Faculdade, à Polícia/Estado, ou a ambos?
12. Tem conhecimento de ataques ocorridos em estabelecimentos de ensino (básico, secundário ou superior) na Europa? Antes da recente detenção de um estudante, suspeito de preparar um ataque numa Faculdade portuguesa, considerava o cenário de ataque num estabelecimento de ensino universitário algo remoto em Portugal? Atualmente, houve alguma alteração à sua perceção ou opinião acerca desta temática? Se sim, o que mudou?

Dou por concluída a entrevista e agradeço a sua disponibilidade.

Se pretender acrescentar mais algum aspeto que considere relevante, e que não tenha sido objeto de alguma destas questões, por favor não hesite em fazê-lo.

## **Apêndice E – Termo de consentimento informado**

### **Termo de Consentimento Informado**

Tomei conhecimento que o Aspirante a Oficial de Polícia, e finalista do Curso de Formação de Oficiais de Polícia do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, João Miguel Ramalho Luzio está a desenvolver um estudo sobre “*Soft targets* e a ameaça dos atacantes ativos: O caso dos estabelecimentos de ensino universitário em Lisboa”, sob orientação da Professora Doutora Raquel Duque. Neste âmbito, foram-me explicados os objetivos do trabalho e foi solicitada a minha colaboração para participar numa entrevista.

Fui informado(a) de que as respostas serão anónimas e que serão gravadas para facilitar a sua análise, sendo destruídos os registos áudio após a sua transcrição. A minha identificação nunca será divulgada e a minha colaboração tem carácter voluntário, podendo desistir em qualquer momento do trabalho.

Compreendo que não irá existir qualquer tipo de remuneração ou custos pela minha participação neste estudo. É-me garantido que sempre que necessitar de algum esclarecimento o mesmo ser-me-á facultado.

Fui esclarecido(a) sobre todos os aspetos que considero importantes e as perguntas que coloquei foram respondidas. Fui informado(a) que tenho direito a recusar participar e que a minha recusa não terá consequências para mim.

Aceito, pois, colaborar neste estudo e assino onde indicado.

---

Lisboa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

## Apêndice F – Grelha categorial

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Unidade de registo</b>	<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>	<b>P4</b>	<b>P5</b>	<b>P6</b>	<b>P7</b>
<b>Gestão global da segurança (A)</b>	<b>Vigilância humana (A.1)</b>	Rondista	X	X			X	X	X
		Porteiro	X	X	X	X	X	X	X
	<b>Vigilância eletrónica (A.2)</b>	CCTV	X	X		X	X	X	
		Torniquetes	X						
	<b>Procedimentos de segurança (A.3)</b>	Planos de emergência/evacuação	X			X	X	X	X
<b>Reação a ataque por atacante ativo (B)</b>	<b>Perceção da ameaça (B.1)</b>	Conhecimento de casos de ataques na Europa	X	X	X	X	X	X	
		Considerava remoto um ataque em Portugal			X	X	X	X	X
		Alterou-se a perceção da ameaça após detenção do jovem português		X	X	X	X		X
	<b>Contramedidas de segurança (B.2)</b>	Existência de um desfibrilhador		X					
		Existência de um sistema de alarme				X	X	X	
		Interesse na aquisição de um sistema de altifalantes			X	X	X	X	X
		Interesse na aquisição de um sistema de alerta imediato da Polícia			X			X	X
	<b>Simulacros (B.3)</b>	Predisposição para a realização de simulacros	X	X	X	X			X
	<b>Corresponsabilização (C)</b>	<b>Sinalização e acompanhamento de alunos (C.1)</b>	Existência de gabinete de acompanhamento psicológico	X	X	X		X	
<b>Formação (C.2)</b>		Interesse na formação de toda a comunidade de ensino	X	X		X	X	X	
		Interesse na formação de apenas alguns trabalhadores (vigilantes, funcionários ou professores)		X					X
<b>Colaboração com a PSP (C.3)</b>		Conhecimento do Programa "Universidade Segura"	X	X	X	X	X		
		Interesse na PSP ministrar formação referente a atacantes ativos no âmbito deste Programa	X	X	X	X	X	X	X
<b>Problemas identificados (D)</b>	<b>Vulnerabilidades (D.1)</b>	Liberdade de circulação/controlo ineficaz de entradas	X	X	X	X	X	X	X
	<b>Aspetos a melhorar (D.2)</b>	Vigilância e controlo de acessos	X					X	X
		Procedimentos de sinalização e acompanhamento de alunos	X					X	

### Apêndice G – Codificação

Categoria	Subcategoria	Unidades de contexto
<p><b>Gestão global da segurança</b> <b>(A)</b></p>	<p><b>Vigilância humana</b> <b>(A.1)</b></p>	<p>A nossa faculdade tem (...) uma empresa de segurança privada contratada através de um concurso de toda a Universidade e em que tem um segurança à porta que controla as entradas das pessoas. (...) há depois um ronda que vai circulando (...). (P1)</p> <p>(...) temos a portaria 24H, um vigilante a tempo inteiro, temos um rondista 24H a tempo inteiro (...) (P2)</p> <p>Existe, o papel é um papel de portaria ou um papel de resolução de problemas para-disciplinares de baixa intensidade (...) temos sempre em permanência cinco elementos. (P3)</p> <p>Portanto a segurança privada existe, têm fundamentalmente aqui uma função de apoio (...) estão posicionados na entrada do edifício, portanto permitem de alguma forma controlar as entradas. Durante a noite temos apenas um, durante o dia é que são normalmente dois. (P4)</p> <p>(...) a segurança está mais normalmente confinada ali na entrada, só circula quando é preciso (...) (P4)</p> <p>Sim, dispomos de segurança privada na Faculdade. (...) são assegurados 24H (...)</p>

		<p>desempenha (...) um papel de fiscalização da utilização do espaço (...) presença preventiva de eventual má utilização, conflito (...) (P5)</p> <p>Normalmente, dois elementos em cada portaria e o chefe da segurança também em permanência, portanto durante o dia que vai circulando pelas instalações. (P5)</p> <p>A única segurança que temos é privada. (...) temos um chefe de segurança (...)Varia entre um e dois. Há ocasiões em que só está um e que, por exemplo, para fazer a ronda sai da portaria, mas sai da portaria fechando a porta. (P6)</p> <p>(...) temos uma empresa de segurança (...) dois elementos (...) são contratados para o efeito pela Universidade de Lisboa que contrata globalmente empresas de segurança. (...) fazem rondas alternativamente (...) (P7)</p>
	<p><b>Vigilância eletrónica (A.2)</b></p>	<p>Temos câmaras ao longo da Faculdade e televisores, ecrãs na portaria, que mostram ao segurança os percursos exteriores da Faculdade e alguns interiores (...) (P1)</p> <p>Instalámos à entrada torniquetes para controlo [de entradas], sendo necessário um cartão registado no sistema para passar (...) O objetivo é precisamente a segurança, ou seja, só entrava, só</p>

		<p>conseguia passar o torniquete quem estava registado no sistema. (P1)</p> <p>Temos a complementar [os meios humanos] as câmaras de CCTV colocadas de acordo com a legislação em vigor (...) é importante termos essas valências (P2)</p> <p>(...) precisamos de uma central de segurança, que é uma coisa muito cara. (P3)</p> <p>(...) temos uma cobertura bastante grande por câmaras e, portanto, eles conseguem praticamente visualizar todo o edifício através do sistema de câmaras (...) (P4)</p> <p>Temos videovigilância (...) meios técnicos que são assegurados 24H (...) (P5)</p> <p>Sim tem [sistema de videovigilância], mas na portaria. (P6)</p> <p>Neste edifício não temos videovigilância. [A videovigilância] foi pedida, mas há algumas exposições contra isso. (P7)</p>
	<p><b>Procedimentos de segurança (A.3)</b></p>	<p>Foi testado [o plano de emergência] (...) já há algum tempo. (P1)</p> <p>Nós temos medidas de autoproteção que são obrigatórias por lei. Nós temos um procedimento em vigor sobre essa questão.</p>

		<p>Mas é mais subordinado à temática de incêndios. (P2)</p> <p>Não [temos plano de emergência]. (P2)</p> <p>(...) não há propriamente uma rotina para lidar com uma eventualidade, que a nosso entender é muito improvável (...). Estamos neste momento a implementar [um plano de emergência] (...) (P3)</p> <p>Estamos neste momento a rever, no âmbito da parceria com os Bombeiros, que são já aqui ao nosso lado, estamos precisamente a rever esse plano de emergência. (P4)</p> <p>Temos planos de emergência, evacuação, a coisa no papel está toda conforme (...) temos todos os planos a este nível certificados, feitos por entidades certificadas na matéria. (P5)</p> <p>Temos [um plano de emergência], sim. (P6)</p> <p>A Faculdade tem um plano de evacuação (...) tem diagramas, estão aí espalhados para se saber quais são os sítios pelos quais as pessoas têm de sair. (P7)</p>
<p><b>Reação a ataque por atacante ativo</b> <b>(B)</b></p>	<p><b>Perceção da ameaça</b> <b>(B.1)</b></p>	<p>Estes ataques (...) ou a maior parte deles (...) são feitos por pessoas do interior (...) portanto, é muito difícil de, em termos de segurança, evitar que essas pessoas cá</p>

		<p>entrem, essas pessoas são nossas. Muitos desses comportamentos nascem de tratamentos injustos, de <i>bullying</i>. (P1)</p> <p>Não [nunca foi abordado por qualquer entidade acerca deste fenómeno]. (...) [A preocupação cabe a] ambos [ao Estado e aos EE]. (P1)</p> <p>Sim [tenho conhecimento de ataques em EE europeus]. Não [considerava remoto o cenário de ataque num EEU português]. Não [não se alterou a perceção do risco após a detenção do jovem português que planeava um ataque]. Não me surpreendeu, porque se isto existe na Europa [e] nos Estados Unidos, obviamente que nós não somos assim tão diferentes uns dos outros. (P1)</p> <p>Não [nunca foi abordado por qualquer entidade acerca deste fenómeno]. (...) [A preocupação] Pertence à sociedade. Devia haver uma equipa pluridisciplinar sobre essa questão. (P2)</p> <p>Já tive muitos conhecimentos [de ataques a EE europeus], sim. Os casos mais comuns são em França. (P2)</p> <p>Hoje os miúdos, não sei se é por frustração ou outra coisa qualquer, através do acesso às redes sociais, quando querem fazer mal,</p>
--	--	--

		<p>ou quando estão frustrados, ou outra coisa do género, muito mais facilmente têm acesso a materiais, a informação, que antigamente não existia. Acho que hoje em dia os miúdos quando querem podem ser muito mais perigosos. (P2)</p> <p>Claro que sim, podia considerar [possível haver um ataque num EE português]. O cidadão comum nem pensa nisso. Pensa que não, que isto é um país que nunca há problema nenhum. Não, eu penso que há. Estou bem informado dos problemas que podemos ter. (...) Estamos mais atentos [após a detenção do jovem português que planeava um ataque]. (P2)</p> <p>(...) não me parece realista prepararmos para a eventualidade de um ataque deste tipo, por exemplo, tendo um corpo armado permanente nas instalações de uma universidade. (P3)</p> <p>Não [nunca foi abordado por qualquer entidade acerca deste fenómeno]. (...) [Quanto à preocupação] há aspetos que só cabem à Universidade e há aspetos que não podem caber à Universidade. (P3)</p> <p>(...) a situação recente da Faculdade de Ciências, que são nossos vizinhos do lado, portanto claro que pensamos nisso e isso não acontecia há cerca de 20 ou 30 anos, é</p>
--	--	--

		<p>um assunto que é muito mais visível na esfera pública. (P3)</p> <p>Sim, [tenho conhecimento de ataques em EE europeus] por conhecimento geral. [Antes da detenção do jovem português que planeava um ataque, considerava o cenário de ataque] Completamente remoto. Alterou-se a minha perceção de probabilidade, considero agora um bocadinho mais provável do que considerava há dois meses. (P3)</p> <p>Não [nunca foi abordado por qualquer entidade acerca deste fenómeno]. (...) [A preocupação] terá que ser sempre partilhada por ambos [o Estado e os EE]. (P4)</p> <p>Honestamente acho que não [tem sido uma preocupação dos EEU] (...) foi agora um bocadinho mais falado daquela potencial situação na Faculdade de Ciências, mas honestamente não acho que seja uma coisa que esteja nas preocupações mais prioritárias das instituições do ensino superior. (P4)</p> <p>Sim [tenho conhecimento de ataques em EE europeus]. Sim [considerava remoto o cenário de ataque num EE português antes da recente detenção do jovem que planeava um ataque]. Claramente não está nas</p>
--	--	--

		<p>prioridades das preocupações das instituições. A razão por que não está, [é] porque se considera que a probabilidade é muito remota. (...) O facto de se ter conhecimento que havia um atentado em preparação num estabelecimento que nos é próximo, até porque no caso da Faculdade de Ciências [esta] pertence à mesma Universidade [que nós], naturalmente isso faz com que (...) a probabilidade com que se percebe a possibilidade de ocorrer um acontecimento destes aumenta um bocadinho. Portanto, naturalmente tornamos um bocadinho mais atentos e mais disponíveis para pensar no que é que podemos fazer no sentido de reduzir o risco. (P4)</p> <p>Do ponto de vista subjetivo eu diria que me sinto segura, e a generalidade das pessoas sente, tem esse sentimento de segurança na Faculdade (...). (P5)</p> <p>Não, nunca [fui abordado por qualquer entidade acerca deste fenómeno]. (...) [Quanto à preocupação] acho que cabe a ambos [ao Estado e aos EE], temos que todos estar aqui em sintonia e cada um fazer o seu papel. (P5)</p> <p>Sem dúvida que sim. Temos hoje uma consciência daquilo que pode acontecer (...) este aspeto de que o potencial atentado</p>
--	--	---

		<p>[na Faculdade de] Ciências também veio trazer muito para o nosso cantinho estas preocupações. (...) Hoje em dia estamos mais conscientes que isto pode acontecer-nos. Ninguém está a salvo, o mundo está muito globalizado, com muitos fenómenos (...). (P5)</p> <p>Na Europa, (...) houve em França [ataques a EE]. Sim, sem dúvida que considerava, não considerava impossível, mas considerava mais remoto [um ataque num EE português]. Houve uma percepção diferente, quando de facto estamos a tratar de uma pessoa que foi identificada aqui na nossa Universidade, a percepção muda. (...) temos mais consciência de uma eventual proximidade de eventuais ocorrências e da necessidade, portanto, de olharmos para elas em termos preventivos e em termos de reação. (P5)</p> <p>Eu diria que não estamos preparados para reagir de imediato a uma coisa desse género. (P6)</p> <p>Não [nunca fui abordado por qualquer entidade acerca deste fenómeno]. (...) [A preocupação cabe a] ambos [ao Estado e aos EE]. (P6)</p> <p>Sim [tem conhecimento de ataques a EE europeus]. Remoto, mas não muito remoto</p>
--	--	---

		<p>[o cenário de um ataque num EE português]. Suficiente para ter uma preocupação (...) é claro que nas minhas funções eu tenho de entender que isto é um risco que existe, é remoto não no sentido de ser inferior a 1%, no sentido que é a menos de metade, menos de um quarto, mas é relevante. (...) Não fiquei mais consciente do que já estava [após a detenção do jovem português que planeava um ataque]. (P6)</p> <p>Eu tenho uma ideia de que isso não é muito fácil de prevenir, por isso o melhor é saber o que fazer quando acontece. (P7)</p> <p>Não [nunca foi abordado por qualquer entidade acerca deste fenómeno]. (...) [Quanto à preocupação] Quem sabe avaliar o risco são as entidades policiais (...) se assim for compete às entidades alertar a Universidade (...). (P7)</p> <p>Na Europa não estou a ver especificamente (...) [nenhum caso de ataque a EE]. Sim, claramente [achava o cenário de ataque a um EE português remoto]. [Após a detenção do jovem português que planeava um ataque] (...) não sei se mudou drasticamente o risco, acho que não, a consciência de que há coisas que precisam de ser feitas sim. (...) Preocupo-me às vezes o efeito de <i>copy cat</i> (...) há um</p>
--	--	---

		<p>conjunto de coisas que é útil não divulgar por causa do efeito de cópia. Eu acho que agora tivemos a viver uma situação que temos de pensar nisso, ou seja, se calhar era bom abordar estas coisas, mas não andar sempre a fazer aquele espetáculo. [A cobertura mediática] Foi muito má porque normalmente estas coisas só dão ideias às pessoas que estão ativas para o fazer. (P7)</p>
	<p><b>Contramedidas de segurança (B.2)</b></p>	<p>Componentes operacionais, por exemplo, temos um desfibrilhador. Somos das únicas Faculdades. (P2)</p> <p>Não [possuímos um sistema de altifalantes, mas estamos a implementar um plano de segurança] que contempla esse modo de comunicação. (P3)</p> <p>Uma coisa muito importante será um sistema de comunicação com autoridades devidamente equipadas e autorizadas a intervir, que permita que num tempo muito curto elas possam chegar cá. (P3)</p> <p>Existe um sistema de alarme, que permite inclusivamente através das portas corta-fogo, bloquear, dividir o edifício por secções. (P4)</p> <p>Numa situação dessas [um sistema de altifalantes] permitiria rapidamente comunicar com todos os ocupantes do</p>

		<p>edifício como deveriam proceder, eventualmente poderia ajudar numa situação dessas, numa situação que gera algum pânico, que seria o normal. Permitir dar algumas orientações mais claras aos ocupantes para que saiam do edifício, ou que se resguardem numa área e que permita de alguma forma isolar o atacante. Penso que seria interessante. (P4)</p> <p>Sim [seria útil um sistema de altifalantes], confesso que nunca tinha perspetivado a existência de um sistema desses (...) pode fazer sentido um sistema que transmitia mensagens, informação em todos os espaços e a todos os edifícios da Faculdade, portanto, que possa, no fundo, ditar alguns comportamentos e orientar as pessoas numa situação de perigo. O máximo que temos é um alarme [para] situações de fogo, mas não permite orientar as pessoas (...). [Seria] uma mais-valia para introduzir aqui no espaço da Faculdade. (P5)</p> <p>Eu acho que seria bom termos uma forma de, nem que fosse só carregar num botão, poder diretamente alertar as autoridades. Isso não existe. Era muito bom que isso acontecesse. Isso até foi falado agora na sequência desta tentativa [de ataque na FCUL], era ótimo que a pessoa que está na</p>
--	--	---

		<p>segurança pudesse discretamente carregar no botão e alertar [as autoridades]. (P6)</p> <p>Nós temos alarme, mas não dá instruções. É possível [que um sistema de altifalantes fosse útil]. (P6)</p> <p>O nosso edifício tem forma de sair, ou seja, todas as salas do rés-do-chão, se alguém entrar por um lado não encurrala ninguém, podem as pessoas sair pelas traseiras, não há salas só com uma entrada. Mesmo as do primeiro andar têm uma saída de segurança no fundo. Está pensado para incêndio e não para esses ataques, mas eu acho que essas saídas são muito boas, também funciona em caso de ataque. (P6)</p> <p>Provavelmente seria útil [existir um botão de emergência para alertar as autoridades]. (...) Um altifalante parece-me uma ideia interessante, nunca tinha pensado nesse formato cá. (P7)</p>
	<p><b>Simulacros (B.3)</b></p>	<p>Fizemos esses exercícios [do plano de segurança] há uns anos atrás. Não voltámos a fazer e sabemos que temos que fazer e devemos fazer. (P1)</p> <p>Vamos começar a fazer simulacros [de incêndio] espero eu, daqui a três a seis meses. (P2)</p>

		<p>Nós vamos ter que conduzir simulações de eventualidades diversas que são tipicamente (...) incêndios, tremores de terra, inundações etc. Eu não tenho a certeza se simulações para a eventualidade de um ataque do tipo daqueles que descreve não teriam um efeito contraproducente, por um lado alarmar, ou por outro lado o trivializar. Nos dois casos seria contraproducente (...) não tenho na minha cabeça uma ideia clara sobre se será desejável considerar esse cenário. (P3)</p> <p>Depois de [se fazer uma revisão ao plano de emergência, seria preparada] aqui uma realização de simulacros, que permitam que a comunidade incorpore mais esse plano. Nós aqui temos um desafio (...) [pois a] esmagadora maioria da nossa comunidade ter um tempo de duração, digamos assim, na instituição relativamente curto (...) o que implica que estes mecanismos têm que estar constantemente a ser transmitidos (...) rapidamente esse <i>know how</i> desaparece porque as pessoas que o tinham saem e são o grosso da comunidade. (P4)</p> <p>É de facto algo que nós em Portugal, não existe e neste tipo de instituições não existe essa prática (...) aqui não existem esses simulacros. (P5)</p>
--	--	--

		<p>Lembro-me de há vários anos ter havido um simulacro de incêndio com os bombeiros, mas já há vários anos. (P6)</p> <p>Os simulacros parecem uma coisa boa, sei que as pessoas não gostam nada, ficam incomodadas com isso. Eu sou um partidário da prevenção e por isso acho que simulacros nos põem a funcionar e não tenho aquela reação de chatice: “Agora temos de estar a fazer isto e tal”. Eu acho que se deve fazer simulacros. (...) alguns exercícios práticos sobre o que fazer numa situação parecem-me extremamente úteis, ou seja, eu acho que não se pode ficar apenas pela sensibilização. (P7)</p>
<p><b>Corresponsabilização</b> (C)</p>	<p><b>Sinalização e acompanhamento de alunos</b> (C.1)</p>	<p>Nós temos, a nível do Conselho Pedagógico, [um grupo constituído por] docentes e estudantes, que fazem esse papel, digamos, de vigilância, de contacto com os colegas e isso é muito importante ser feito por estudantes, porque os estudantes sentem-se mais à vontade uns com os outros. [O propósito é a] identificação de problemas, nomeadamente, a nível psicológico ou psiquiátrico, de insucesso, de frustrações, enfim, (...) de qualquer coisa que nos alerte para tentarmos ajudar esse estudante, seja em termos pedagógicos, seja em termos de outro apoio que nos seja possível prestar e através disso também prevenir</p>

		<p>que esses casos possam, enfim, descambar nalguma violência (...). (P1)</p> <p>Temos que, dentro das Faculdades e das Universidades, zelar para que esses comportamentos [tratamentos injustos e <i>bullying</i>] sejam prevenidos e reprimidos, porque, naturalmente, são sentimentos de frustração, de revolta, de injustiça que muitas vezes, se calhar em todas, geram esses comportamentos [ataques]. (P1)</p> <p>A Universidade possui serviços de consultas de psicologia (...) não chega identificarmos pessoas que, enfim, têm algum problema, mas é depois preciso fazer um aconselhamento profissional dessas pessoas. (P1)</p> <p>Nós estamos aqui a fazer um acompanhamento psicológico aos alunos que assim o necessitem (...) Já temos esse gabinete. Primeiro identificar essas pessoas através de colegas, da associação de estudantes, etc. O segundo ponto é aquilo que nós já estamos aqui a implementar, através da ação de um psicólogo, melhor que ninguém sabe o que é que esses alunos manifestam, quais são os dramas que eles vivem, e a seguir, após a identificação, colocar essa questão às entidades competentes. (...) Acho que é</p>
--	--	---

		<p>muito importante estar muito perto da associação de estudantes. (P2)</p> <p>Eu acho que a Faculdade tem um papel. Os modos normais de sinalização que nós usamos (...) têm se revelado satisfatórios. Repare, é da natureza da Faculdade os alunos estarem em contacto com outros alunos e professores, portanto, já aconteceu mais do que uma vez professores ou alunos chamaram-nos à atenção para certos casos que necessitam de acompanhamento especial. Nessa altura tentamos encaminhar as pessoas para profissionais que as possam ajudar. (...) Não estamos equipados para lidar com eles, mas conseguimos detetar anomalias e disfunções e encorajamos as pessoas a reportar essas situações. (P3)</p> <p>A Faculdade tem uma psicóloga, que funciona através de um gabinete (...) (P3)</p> <p>A sinalização neste tipo de casos é sempre difícil. Nós conseguimos por via, ou dos colegas e das estruturas estudantis, ou dos próprios docentes, identificar alunos que tenham comportamentos estranhos (...) eventualmente, situações de potencial ataque poderão vir a ser identificados por esta via. (...) [Há que] permitir uma facilidade de comunicação e de informação às estruturas estudantis [como</p>
--	--	--

		<p>a] associação de estudantes [e] os delegados de cada turma. Há toda uma estrutura que permite de alguma forma também passar informação e receber informação, e são identificadas muitas situações de alunos com dificuldades, precisam de apoio com problemas. Isso é um mecanismo que nós temos e que valorizamos para que os alunos também sintam que têm meios de transmissão da informação e comunicação. Os próprios docentes a mesma coisa, porque estão diariamente com eles nas aulas, também se podem aperceber. (P4)</p> <p>(...) têm que ser as próprias instituições a sinalizar e depois ter mecanismos de resposta: de comunicação rápida e resposta rápida a esse tipo de situações. (P4)</p> <p>Nós temos cada vez mais investido em situações de acompanhamento emocional e psicológico dos nossos alunos (...) temos um gabinete de apoio psicológico com uma psicóloga em permanência mais um psicólogo em <i>part-time</i>. (...) temos também uma comissão criada para o efeito, em que as questões do equilíbrio emocional, do bem-estar em termos psicológicos, portanto, também são debatidos nas diversas aceções e configurações que isso possa ter. Portanto tentamos ter uma estrutura de apoio para</p>
--	--	---

		<p>situações que sejam detetadas e sejam sinalizadas pelos próprios, ou por terceiros (...). (P5)</p> <p>Na Faculdade não [temos apoio psicológico, mas sim] na Universidade [temos] apoio psicológico, e psiquiátrico também. (P6)</p> <p>Nós temos um serviço de apoio psicopedagógico, normalmente os alunos com algumas questões, problemas, dificuldades, servem-se deste serviço que é feito por psicólogos certificados e que sabem perfeitamente quais são os limites daquilo que são as dimensões de sigilo ou não (...) é um serviço que funciona em contínuo (...). Por isso eu creio que numa situação que fosse minimamente visível há potencial de sinalizar e de ser acompanhado no serviço e ser feita alguma coisa. (P7)</p> <p>(...) agora com esta história da Faculdade de Ciências foi obviamente um assunto importante, nós demos apoio aqui na Faculdade porque nós temos uma linha de apoio psicológico, que foi disponibilizada aos alunos que necessitassem após esse dia. (P7)</p>
	<p><b>Formação (C.2)</b></p>	<p>Sim, considero [importante providenciar formação] (...) precisamos objetivamente do conselho desses especialistas sobre</p>

		<p>aquilo que deveremos fazer para evitar esses fenómenos. (P1)</p> <p>Sim, sim. Cada vez é um tema mais atual (...). Sim, considero que sim, devia haver uma formação. (P2)</p> <p>No que diz respeito à segurança, e às pessoas que trabalham numa empresa privada, nós poderíamos contemplar a possibilidade de lhes darmos acesso a formação específica para o caso dessas eventualidades. (...) Há coisas que nos poderiam fazer decidir dar essa formação, como por exemplo, começar a verificar que as ocorrências são reiteradas e nessa altura deveríamos começar a pensar em “pôr as barbas de molho” e prepararmo-nos um bocadinho para essa eventualidade que se poderá tornar mais provável. (P3)</p> <p>Sim, isso acho que sim. Isso acho que ajudaria, até porque, independentemente de haver planos de segurança e até de evacuação do edifício, as pessoas se não [conhecem não conseguem agir de acordo]. (...) suporte básico de vida [os bombeiros] têm dado alguma formação nesse sentido (...) dá maior confiança às pessoas de como reagir e penso que seria, eventualmente, interessante dar alguma formação à comunidade como se deve</p>
--	--	--

		<p>comportar numa situação dessas que poderá ajudar a controlar a situação. (P4)</p> <p>Acho que sim, acho que faria todo o sentido, não só trazer a questão e haver uma consciencialização de que pode acontecer (...) enfim, tudo aquilo que puder ser preventivo e consciencializador, como nos comportarmos perante as situações e perceber eventuais sinais para prevenir, pequenos alertas que possam existir relativamente a comportamentos. (...) falar sobre estas situações e fazer uma pedagogia relativamente a incêndios, catástrofes, <i>bullying</i>, etc. Porque não fazer a sensibilização, sim, acho que será de facto um caminho que não fizemos ainda, mas que parece muito interessante e muito oportuno percorrer. (P5)</p> <p>Acho que sim, acho que é importante ter cuidado para não contribuir para aumentar o pânico, portanto é preciso ter cuidado na forma como isso é feito. Mas sim, acho que seria útil. Por exemplo, não dedicar uma ação de formação só a isso, mas naquela em que fazemos por incêndio, acrescentar essa informação para não dar também demasiado destaque à coisa. (P6)</p> <p>Ao pessoal da casa talvez, não aos alunos, porque podia aumentar a ideia [de reproduzir]. Em Portugal são coisas raras e</p>
--	--	--

		<p>às vezes os efeitos destas coisas só criam mais agitação do que outra coisa qualquer. Saber como proceder, a pessoas que têm um vínculo à casa, sensibilizadas, acho que isso faz todo o sentido. Não me parece nada mal que o professor saiba que se acontecer qualquer coisa, o que tenha de fazer, que o funcionário saiba o que fazer. (...) uma pessoa numa situação que é desconhecida, de ameaça, não foi treinada para ela, provavelmente tem comportamentos que não são adequados. (...) Reforçar a ideia de que a prevenção parece uma coisa útil, ou seja, [não há] sensibilização.(P7)</p>
	<p><b>Colaboração com a PSP (C.3)</b></p>	<p>Contamos muito com a PSP e temos ótimas relações com a PSP, no sentido de nos ajudar e nos aconselhar sobre as medidas que devemos tomar. (P1)</p> <p>Sim [tenho conhecimento do PUS]. Sim (...) um dos aspetos que a PSP poderia fazer dentro dos aspetos que nos ajuda, seria, eventualmente, explicar a todos estes conjuntos de pessoas como é que devem atuar face a um ataque. (P1)</p> <p>Não tenho tido conhecimento da formação, ou da ação, ou do acompanhamento que [a PSP] pode fazer (...) Eu tenho conhecimento do tal [Programa] Universidade Segura, não tenho conhecimento dos procedimentos. Sim</p>

		<p>[considero] muito [existir potencial ao nível da formação através deste programa]. (P2)</p> <p>(...) as várias comunidades académicas queixaram-se repetidamente da insuficiência de policiamento, nós achamos que uma presença próxima, especialmente a horas menos frequentadas das forças de autoridade pode aumentar o conforto e o bem estar de todas as pessoas. (P3)</p> <p>Sim [tenho conhecimento do PUS]. (...) Sim, eu acho que ações de sensibilização e de informação podem ser muito úteis [através desse programa], às vezes sinto falta dessas ações. (...) nas Universidades isso acontece muito menos, porque também há uma tradição infeliz de que muitas pessoas ainda se lembram da interferência da Polícia [durante o Estado Novo]. (P3)</p> <p>Sim [conheço o PUS]. Nós fazemos uma avaliação bastante positiva, pelo menos no nosso caso, desse programa. Sentimos claramente que temos um maior acompanhamento por parte da PSP e uma maior facilidade de diálogo com a PSP. (...) é um programa claramente que faz sentido e que, eventualmente, até se poderia tornar, havendo essa possibilidade,</p>
--	--	---

		<p>mais visível até para os próprios alunos numa lógica preventiva e formação (...). (P4)</p> <p>Nós temos uma relação com a PSP aqui do Campo Grande, que tem efetivos afetos à Universidade de Lisboa, e, portanto, temos contactos imediatos, telefónicos, para esses efetivos. (P5)</p> <p>Sim [tenho conhecimento do PUS] (...) tenho a melhor impressão deste programa, só lamento efetivamente a falta de meios. (...) tem havido, não só ações de sensibilização dos nossos alunos [como] da nossa comunidade académica (...). Creio que seria interessante haver aqui também uma componente de formação de como se comportar numa situação em que, dos tais atacantes (...) numa situação de crise e que é necessária uma evacuação, sim, acho que sim, seria muito útil essa formação. (P5)</p> <p>Não (...) nem sabia que existia [o PUS], mas sabendo, fico bastante interessada. Eu acho que aqui na minha Faculdade seria muito bem recebido [esse programa]. Não tanto para alunos para já, mas se pudesse fazer uma formação para docentes e funcionários, isto para nós era prioritário (...) gostava de ser contactada para esse efeito. (P6)</p>
--	--	---

		<p>(...) o policiamento dentro da Universidade é muito importante. Ele existe. Vejo aí os carros muitas vezes a circular, a PSP, a várias horas, inclusivamente eu às vezes estou aqui até tarde e vejo os carros aqui e acho que isso é bom e é dissuasor. (P7)</p> <p>No outro dia com os alunos estrangeiros que nós temos cá em Erasmus, tivemos aí a PSP a conversar no primeiro dia de acolhimento. Convidamos exatamente a PSP a vir cá para dar indicações sobre estar em Lisboa, estar na Cidade Universitária e vieram dois oficiais da PSP explicar aqui à nossa comunidade estrangeira o que é basicamente a cidade, os cuidados a ter para se ter uma estadia em segurança, por isso essa colaboração existe. (P7)</p> <p>[Relativamente ao potencial de formação através do PUS] A formação deve ser dada por quem sabe das coisas, por isso se for uma formação que nos dê ferramentas para saber o que fazer no momento das situações, para prevenir e para agir, alguém que nos dê pistas sobre isso é muito útil. (P7)</p>
<p><b>Problemas identificados</b> <b>(D)</b></p>	<p><b>Vulnerabilidades</b> <b>(D.1)</b></p>	<p>(...) há muita gente sempre a sair e a entrar, nomeadamente em determinados horários, portanto, não há uma análise cuidada individualmente pessoa a pessoa (...) (P1)</p>

		<p>A Faculdade nunca fecha totalmente (...) portanto tem sempre a portaria aberta. É toda vedada, mas tem zonas em que a vedação é relativamente fácil de transpor. (...) Tivemos um assalto aqui há uns tempos. (P1)</p> <p>Sim é vulnerável. A Faculdade é muito vulnerável à entrada de elementos estranhos. (P2)</p> <p>Uma é a situação de pessoas que entram nas instalações. As instalações estão abertas e aí a segurança vai ter que usar a sua intuição. Não são controladas as entradas e a intervenção da segurança é ditada por suspeitas acerca de comportamentos. Não podemos estar a pedir identificação a todas as pessoas que entram, aí há uma grande diferença entre a Universidade e uma escola básica ou secundária. (P3)</p> <p>Não há propriamente um controlo das pessoas que entram (...) não é fácil distinguir e identificar à vista os quase cinco mil alunos que temos e, portanto, naturalmente, entre com alguma facilidade quem quer. (P4)</p> <p>Não temos grandes formas de controlar a circulação dentro do edifício, porque pela</p>
--	--	---

		<p>natureza da instituição, há uma grande circulação. A comunidade de alunos é muito grande e tem que naturalmente circular por todo o edifício, portanto, não há grandes formas de delimitar essa circulação, ou criar identificações das pessoas que cá estão dentro. (P4)</p> <p>Em termos de [acessos não autorizados], a maior [vulnerabilidade] que temos é o acesso pelas garagens. (P4)</p> <p>Temos sempre um problema base na entrada. Qualquer pessoa consegue sempre entrar, a não ser que seja alguém que chama atenção por alguma razão. Consegue sempre entrar como aluno, ou como um pai de um aluno, como alguém que se vem dirigir ao serviço. (...) Pela natureza da nossa população não é muito fácil fazer esse esse controlo e por isso também acabamos por abdicar um bocadinho desse controlo mais apertado na garagem. (P4)</p> <p>Temos aqui uma vulnerabilidade que é uma terceira porta, que é muito utilizada por fornecedores dos bares, que sistematicamente a deixam aberta e que é um problema. (P5)</p> <p>Há vulnerabilidade porque o nosso <i>campus</i> é aberto, ao contrário de outras Faculdades.</p>
--	--	---

		<p>No nosso <i>campus</i> nem sequer podemos fechá-lo. É um <i>campus</i> onde as pessoas entram livremente (...) porque faz parte da cidade, portanto, nem que quiséssemos. (P6)</p>
	<p><b>Aspetos a melhorar (D.2)</b></p>	<p>[Relativamente ao controlo de entradas] não é de modo nenhum aquilo que gostaríamos de ter para a segurança de todos: estudantes, docentes e outros trabalhadores. (...) Aquilo que talvez funcione menos bem é a análise que os seguranças da empresa privada fazem das pessoas. (P1)</p> <p>[Relativamente às medidas de vigilância] é algo que consideramos bom, mas que gostaríamos naturalmente de reforçar. (...) obviamente percebemos que há áreas que podiam ser melhoradas nesse aspeto. (P1)</p> <p>[Relativamente aos serviços de consultas de psicologia] É claro que sentimos que esses serviços não são suficientes e, aliás, nalguns casos, nem tanto aqui, mas sabe-se que nalgumas escolas há listas de espera longas. (P1)</p> <p>Não temos efetivamente grande resposta a dar numa situação dessas em que haja efetivamente uma intenção clara de provocar dano à instituição ou aos seus ocupantes. (P4)</p>

		<p>Não temos assim grandes medidas, sou honesta. Eu não me sinto totalmente satisfeita com a segurança que existe. (...) Há uns tempos houve um episódio em que vieram cá umas pessoas [que] espancaram um funcionário nosso, que alegadamente tinha dívidas de jogo. (...) o que aconteceu é que o espancaram às 17H dentro do <i>campus</i> e ninguém fez nada e, portanto, se isso aconteceu, eu diria que as nossas medidas de segurança não estão ainda no ponto. (...) [As medidas de vigilância] Não são más, mas também podiam melhorar. (P6)</p> <p>Vamos imaginar que nós sinalizávamos alguém que achávamos que tinha o perfil [de um atacante ativo]. O solitário mal resolvido da vida, com dificuldade de interação com os colegas. Vamos supor. O que é que nós fazemos? Nós não sabemos, não temos <i>know how</i> para saber quem é que podíamos contactar (...). Até podemos sinalizar e depois o que é que fazemos? Não sabemos. (P6)</p> <p>(...) as preocupações que eu ouço são muito nessa lógica, que o <i>campus</i> precisa de ser mais seguro, precisa de ter mais vigilância ou precisa de ter videovigilância. (P7)</p>
--	--	--